



IRENE SOLÀ

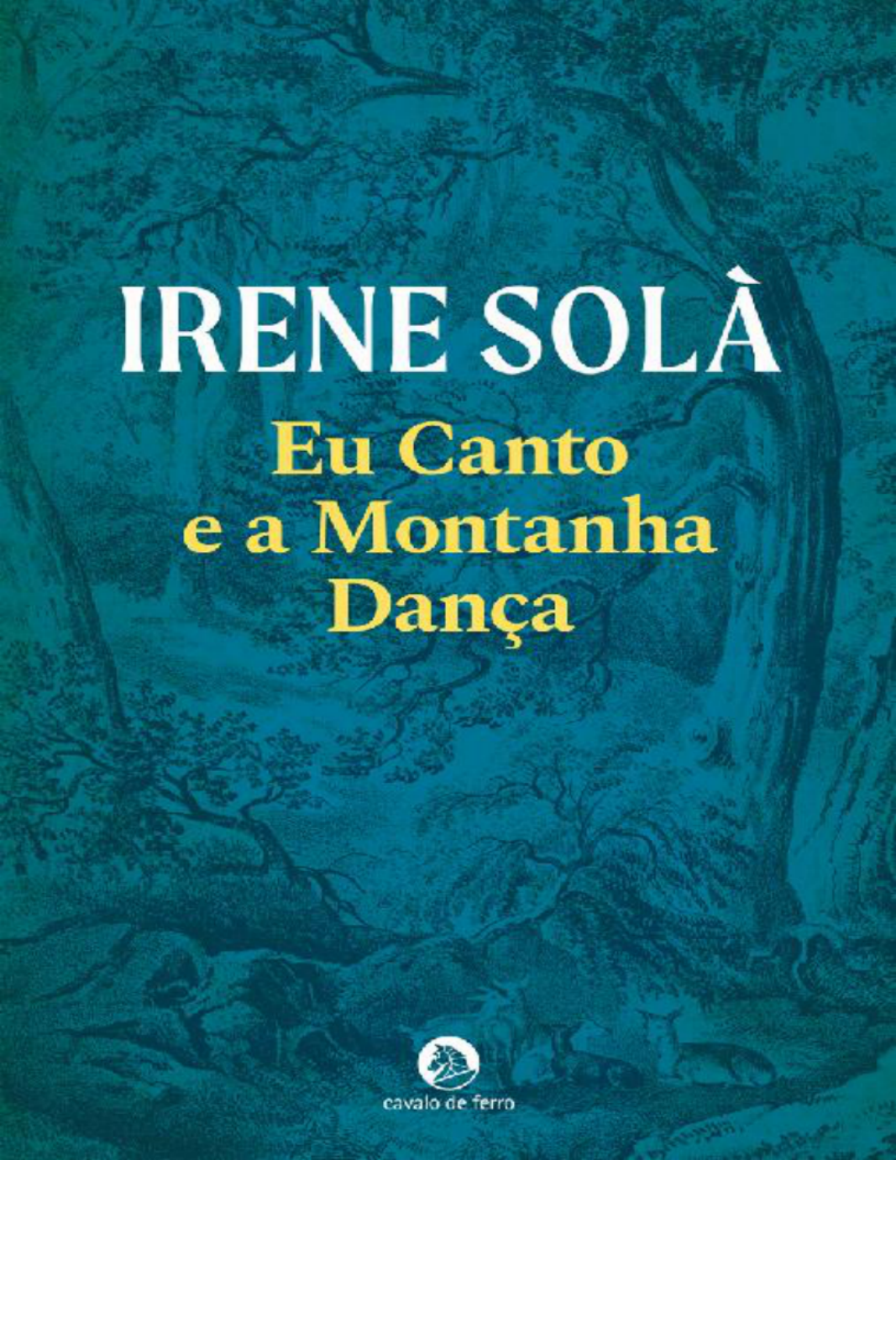
Eu Canto e a Montanha Dança



cavalo de ferro

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



IRENE SOLÀ

Eu Canto e a Montanha Dança



cavalo de ferro

IRENE SOLÀ
EU CANTO
E A MONTANHA DANÇA

Tradução do catalão
Rita Custódio e Àlex Tarradellas



cavalo de ferro



Edição em formato digital: Abril de 2024

EU CANTO E A MONTANHA DANÇA

Título original: *Canto jo i la muntanya balla*

© 2019, Irene Solà

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Publicada por acordo com

Editorial Anagrama e Indent Literary Agency, Nova Iorque, EUA

Cavalo de Ferro é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a protecção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Rita Custódio e Àlex Tarradellas

Revisão: Raul Henriques

Capa: Wonder Studio / Ana Teixeira

Ilustração da capa: The Home of the Deer by Currier & Ives / Adobe Stock

ISBN: 978-989-787-936-4

Composição digital: M. I. Maquetación S.L.

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [cavalodeferro](#)

Instagram: [penguinlivros](#)

Índice

Eu Canto e a Montanha Dança

Créditos

Dedicatória

Epígrafes

I

O raio

O nome das mulheres

A toalha branca

As trombetas-dos-mortos

II

O aguazil

O primeiro corço

A cena

A poesia

O irmãozinho de todos

III

A colisão

Fazer nascer bebés

A neve

O medo

A Lluna

IV

O urso

Cristina

A dança da aveia

O fantasma

Nota da autora

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Irene Solà

Marcas

1. [Eu canto e a montanha dança](#)
2. [Índice](#)
3. [Início](#)

Para o Oscar

Og þegar vorvindarnir blása um dalinn; þegar vorsólin skín á hvíta sinuna á árbakkanum; og á vatnið; og á tvo hvíta svani vatnsins; og laðar vornálina frammúr keldum og veitum, — hver skyldi þá trúá því að þessi grösugi friðsæli dalur búi yfir sögu vorrar fyrri ævi; og yfir forynjum hennar? Menn ríða meðfram ánni, þar sem hestar liðinna tíða hafa gert sér götur hlið við hlið á breiðu svæði öld frammaf öld, — og ferskur vorblærinn stendur gegnum dalinn í sólskininu. A slíkum dögum er sólin sterkari en fortíðin.*

Halldór Laxness, *Sjálfstætt fólk*

* E quando as brisas primaveris sopram pelo vale; quando o sol da Primavera brilha na relva amarelada das margens do rio; e no lago; e nos dois cisnes brancos deste lago; e incita a erva a brotar dos solos húmidos — quem havia de acreditar que este sereno vale verdejante englobasse a história das nossas vidas passadas e dos seus espectros? Pessoas andam a cavalo por ambas as margens do rio, onde durante séculos cavalos de tempos passados pisaram caminhos num terreno extenso, e com o Sol a brilhar, a brisa fresca da Primavera sopra pelo vale adentro. Nestes dias o Sol é mais forte do que o passado.

Halldór Laxness, *Gente Independente*,
tradução de Guðlaug Rún Margeirsdóttir,
Cavalo de Ferro, 2023.

O raio

Chegámos com as barrigas cheias. Doridas. Os ventres negros, carregados de água escura e fria e de raios e trovões. Vínhamos do mar e de outras montanhas, e vá-se lá saber de que lugares mais, e vá-se lá saber o que tínhamos visto. Raspávamos a pedra no alto dos cumes, como sal, para que não brotassem nem as ervas daninhas. Escolhíamos a cor das cumeadas e dos campos, e o brilho dos rios e dos olhos que fitam o céu. Quando os animais selvagens nos vislumbraram, encolheram-se nas luras e contraíram o pescoço e levantaram o focinho, para sentirem o cheiro da terra molhada que se aproximava. Tapámos tudo como um cobertor. Os carvalhos e os buxos e as bétulas e os abetos. Chiiiiiui. E todos se calaram ao mesmo tempo, porque éramos um tecto severo que decidia sobre a tranquilidade e a felicidade de ter o espírito seco.

Depois da chegada, e da quietude, e da pressão, e de comprimir o ar suave contra o chão, disparámos o primeiro raio. Bang! Que descanso. E os caracóis enroscados estremeceram dentro das suas casas solitárias, sem nenhum deus nem nenhuma prece, sabendo que, caso não morressem afogados, sairiam, redimidos, para respirar a humidade. E então derramámos a água em gotas imensas, como moedas sobre a terra e a erva e as pedras, e o trovão ecoou, retumbante, nas cavidades torácicas de todos os animais. Foi nesse instante que o homem disse, raios partam. Disse-o em voz alta, porque quando alguém está sozinho não precisa de pensar em silêncio. Raios partam, inútil, a tempestade apanhou-te. E nós rimo-nos, ih, ih, ih, ih, enquanto lhe molhávamos a cabeça, e a nossa água se metia por dentro do colarinho da camisa, e percorria os ombros e as costas, e as nossas gotinhas frias despertavam o seu mau humor.

O homem vinha de uma casa ali perto, empoleirada no meio da cumeada, sobre um rio, que devia ser frio, porque se escondia debaixo das árvores. Tinha deixado aí duas vacas, alguns porcos e galinhas e cães e dois gatos desenraizados, uma mulher e duas crianças e um velho. Chamava-se Domènec. E tinha uma horta viçosa no sopé da montanha e umas terras mal lavradas à beira do rio, porque as tarefas da horta ficavam a cargo do velho, que era o seu pai e que tinha as costas direitas como uma tábua, e era ele que

lavrava as terras. O Domènec tinha ido a essa parte da montanha para experimentar uns versos. Para ver a que sabiam e que som tinham, e porque quando alguém está sozinho não precisa de dizer versos em voz baixa. E, nessa tarde, enquanto foi ver o gado, encontrou um punhado de trombetas-dos-mortos fora da época, e trouxe-as embrulhadas na fralda da camisa. O menino que andava ao colo estava a chorar quando deixou a casa, e a mulher tinha dito «Domènec», em tom de queixa e de súplica, e o Domènec tinha saído na mesma. É difícil fazer versos e contemplar a virtude oculta no interior de todas as coisas, quando as crianças choram com aquela estridência de leitão esfolado, que nos faz, mesmo não querendo, ficar com o coração aos saltos. E queria ir ver as vacas. Tinha de dar uma vista de olhos às vacas. O que é que a Sió percebia de vacas? Nada. O bezerro mugia muuuuuuuuuuuu, muuuuuuuuuuuu. Desesperado. A Sió não percebia nada de vacas. E voltou a exclamar, raios partam!, porque tínhamos sido rápidas, porra, imprevisíveis e sigilosas, e tínhamo-lo apanhado. Raios partam!, porque o bezerro tinha prendido a cauda numa bola confusa de arames. Os arames tinham ficado presos entre duas árvores e, de tanto puxar, as pernas traseiras tinham ficado destroçadas, e agora brilhavam ensanguentadas, abertas e sujas. Preso entre as duas árvores, mugia muuuuuuuuuuuu, muuuuuuuuuuuu, e a sua mãe cuidava dele, inquieta. Sob a chuvada, o Domènec foi ter com o animal. Tinha as pernas muito rijas de tanto subir a montanha para respirar ar puro quando as crianças gritavam demasiado, ou quando pesavam demasiado, e o arado pesava demasiado, e o silêncio do velho, e todas as palavras, uma após outra, da mulher, que se chamava Sió, e que era da vila de Camprodon, e que se tinha deixado enganar à grande porque a tinham levado sozinha para o cimo daquela montanha com um homem que fugia e um velho que não falava. E, ainda assim, às vezes o Domènec amava a Sió, e amava-a intensamente. Mas a casa era um fardo, raios partam o diabo. Era bom as pessoas terem mais tempo para se conhecerem antes de casarem. Mais tempo para viverem antes de fazerem bebés. Às vezes ainda a agarrava pela cintura e fazia-a rodopiar no ar, uma e outra vez, como quando namoravam, porque a Sió, meu Deus, a Sió tinha cá umas pernas... Deixou as trombetas-dos-mortos no chão. O bezerro berrava. O Domènec aproximou-se com as duas mãos à frente. Pouco a pouco. A dizer coisas com um tom de voz grave e apaziguador. Chiiiii, chiiiu, dizia. A mãe fitava-o desconfiada. O cabelo do Domènec estava a pingar. Ao chegar a casa, teria de pôr água a aquecer, para se lavar do frio e da chuva. Olhou para os arames que magoavam as

patas do animal sempre que puxava. Pegou na cauda dele com firmeza, tirou o canivete e cortou habilmente o pêlo enredado. E então deixámos cair o segundo raio. Rápido como uma serpente. Zangado. Aberto como uma teia de aranha. Os raios avançam por onde querem, como a água e os aludes e os insectos pequenos e as garças, pois tudo o que é bonito e brilha enche o seu olhar. O canivete, fora do bolso do Domènec, brilhou como um tesouro, como uma pedra preciosa, como um punhado de moedas. O canivete de metal espelhou-nos, polido. Como uns braços abertos, como um chamamento. Os raios enfiam-se onde querem, e o segundo raio enfiou-se dentro da cabeça do Domènec. Para dentro, bem no fundo, até ao coração. E tudo o que via dentro dos olhos era negro, por causa da queimadura. O homem caiu a prumo sobre a erva, e o prado colocou a face contra a dele, e todas as nossas águas agitadas e contentes se enfiaram pelas mangas da camisa, por baixo do cinto, por dentro das ceroulas e das meias, à procura da pele ainda seca. E morreu. E a vaca foi-se embora espiritada, e o bezerro correu atrás dela.

As quatro mulheres que viram isto aproximaram-se do lugar. Pouco a pouco. Porque não estavam habituadas a sentir interesse pela forma como as pessoas morrem. Nem interesse pelos homens atraentes. Nem interesse pelos homens feios. Mas a cena tinha sido fascinante. Tinha brilhado uma luz tão clara que já nunca mais teria sido preciso voltar a ver. O canivete tinha chamado o raio, e o raio branco tinha acertado em cheio na cabeça do homem, tinha feito a risca ao meio do cabelo, e as vacas tinham fugido espiritadas como numa comédia. Devia ter-se escrito uma canção sobre o cabelo do homem e o pente do raio. Na canção, ter-se-ia podido colocar pérolas no cabelo, brancas como o resplendor da faca. E falar sobre coisas do seu corpo, e dos lábios abertos, e dos olhos claros como um copo que a chuva enchia. E do rosto tão bonito por fora e tão queimado por dentro. E da água que lhe caía como uma torrente sobre o peito e pelas costas, como se quisesse levá-lo. A canção também teria falado sobre as suas mãos, curtas e grossas e calejadas, uma aberta como uma flor que vê chegar a abelha, a outra agarrada ao canivete como uma rocha engastada numa árvore.

Uma das mulheres, a que se chamava Margarida, tocou-lhe numa mão, ora para saber se o homem queimava com o raio por dentro, ora apenas para o acariciar. Então, quando as mulheres o deixaram ali e apanharam as trombetas-dos-mortos encharcadas que o homem tinha abandonado, e encerraram o assunto, porque havia muitas outras coisas para fazer e muitas outras em que pensar;

como se tivéssemos ficado contagiadas com a sua satisfação e com o trabalho realizado, deixámos de chover. Saciadas. Serenas. E, quando se teve a certeza de que tínhamos parado completamente, os pássaros começaram a dar saltinhos até ao meio dos ramos e cantaram a canção dos sobreviventes, com o estômago pequeno cheio de mosquitos, com a plumagem eriçada e furiosos connosco. Não tinham muito de que se queixar, pois nem sequer tínhamos granizado, só tínhamos chovido o tempo preciso para matar um homem e um punhado de caracóis. E nem sequer tínhamos feito cair nenhum ninho e não tínhamos inundado qualquer campo.

Então retirámo-nos. Extenuadas. E olhámos para a obra realizada. As folhas e os ramos pingavam, e nós fomos, vazias e lassas, para outro lado.

Uma vez chovemos rãs e outra vez chovemos peixes. Mas o melhor é granizar. As pedras preciosas precipitam-se sobre as aldeias e os crânios e os tomates. Redondas e congeladas. E enchem os socalcos e as veredas de um tesouro de gelo. As rãs caíram como uma maldição. Os homens e as mulheres puseram-se a correr, e as rãs, que eram muitas e muito pequenas, escondiam-se. Ai, meu Deus. Os peixes caíram como uma bênção sobre as cabeças dos homens e das mulheres, como bofetadas, e as pessoas riam-se e atiravam-nos ao ar como se no-los quisessem devolver, mas não queriam, e nós também não os teríamos querido. As rãs coaxam nas barrigas. Os peixes deixam de se mexer, mas não morrem. Porém, isso não interessa. O melhor de tudo é granizar.

O nome das mulheres

A Eulàlia disse-lhes que o bode tinha ficado com o rabo muito fino, muito fino, como o de um bebé, de tanto que lho tínhamos beijado, e que tinha o membro frio como uma estalactite, e eu fiquei a rir, a rir e a rir, e enforcaram-me por me rir tanto. E foi por rir, como um veneno embriagador que se enfiou dentro de mim, como o leite de bruxa das ervas-leiteiras, que me lembro de todas as coisas. Porque o riso, que corria pelo meu sangue, branco e contagioso como as cócegas, que se me tivessem cortado um braço de mim teria saído leite branco em vez de sangue vermelho, me esvaziou. Podiam ter poupado as torturas, e os quartos que fediam a chichi, e as cordas que esticavam, compridas, compridas, e os trapos de lã cheios de cinza, e a espera, para ver se deixava de rir e confessava. Confessar? O quê? O riso era a única coisa boa, era uma almofada, era como comer uma pêra, era como enfiar os pés numa queda de água num dia de Verão. Não teria deixado de rir nem por todo o ouro do mundo nem por todos os males do mundo. O riso libertou-me dos braços, das pernas e das mãos que me tinham acompanhado tão fielmente até então, e da pele que tinha tapado e destapado tantas vezes, e limpou-me as feridas e a tristeza das coisas que os homens nos podem fazer. Tanto ih, ih, ih, ah, ah, ah esvaziou-me como uma tontinha, e na minha cabeça ecoava um clon, clon sempre que o ar entrava em mim e saía a assobiar pelo nariz e pelas orelhas. Deixou-me a cabecinha como uma casca de noz, pronta para guardar nela todos os contos e todas as histórias e todas as coisas que lhes dissemos que fazíamos, e as que eles diziam que nós tínhamos feito contra Deus, contra Jesus, contra todos os santos e a Nossa Senhora. Qual Nossa Senhora? Um Deus como o pai de cada um, mau, mau, mau, e torturador como eles, e assustado por todas as mentiras nas quais tinham acreditado por repeti-las tantas vezes. Porque nestas montanhas não ficou nenhum dos que nos apontou o dedo, nem daqueles que nos trancaram, que nos procuraram as marcas de bruxas, que fizeram os nós e esticaram as cordas. Porque ficar ou não ficar não tem que ver com o fogo do inferno, nem com o castigo divino, nem com nenhuma fé, nem com nenhuma virtude de nada. Não. Poder apanhar mísscaros e cantarelos e fazer chichi e contar histórias e levantar-se todas as manhãs tem que ver com os raios

que caem sobre esta árvore ou sobre este homem. Tem que ver com as crianças que saem inteiras e com as que não, e com as que saem inteiras, mas com as coisas trocadas de lugar por dentro. Tem que ver com ser o pássaro que caçou o gavião ou a lebre que caçou o cão, ou não. E Nossa Senhora, a criança e o diabo eram feitos da mesma parvoíce.

A Joana é a mais velha de todas nós. Vivia perto da minha casa e toda a gente sabia que fazia remédios num tacho, e um dia perguntou-me se eu queria aprender, e se eu queria ir ter com ela à noite. E ensinou-me imenso: a curar febres, e maus-olhados e papeira, e feridas e doenças de crianças e de animais. E a recuperar objectos perdidos e roubados e a lançar um mau-olhado. Que ingénuas! Se a coisa mais contrária a Deus que fizemos foi acordarmos todas as manhãs depois de sermos enforcadas e apanhar flores e comer amoras.

Ninguém se metia com a Joana e todos a procuravam quando os bebés estavam prestes a nascer ou quando as crianças tinham papeira. Até que uma vez caiu muito granizo, e a Joana tinha um campo de trigo, e em todas as terras onde o granizo caiu não restou nada, e no campo da Joana não caiu nem uma única pedra. E disseram que a Joana tinha provocado o temporal com uns pós. E gritaram-lhe, acusando-a de ser bruxa! E então o filho do vizinho, que se chamava Joan Pequeno, que era um menino de cinco anos que lhe tinha chamado bruxa diante de muitos outros, adoeceu dos pés e estes ficaram inchados, arroxeados e negros, e morreu quatro dias depois, e todos exclamaram que a Joana lhe tinha envenenado as sopas. E gritaram, prendam essa velha rameira, essa bruxa! E prenderam-na. E pouco depois de a prenderem choveram rãs pequenas, pequenas, e a Joana disse-lhes que se ela quisesse podia fazer granizar, ou podia fazer cair rãs ou podia matar-lhes todo o gado, e então eu também fui presa e a Joana nunca mais disse nada. Mas isso não aconteceu comigo, pois eu aprendi a rir.

E mais tarde apareceu a Eulália, que era de Tegurà de Dalt, e disse-lhes que uma vez tinha ido a Andorra para desenterrar uma criança morta e que lhe tirou as vísceras e o fígado e que fez com eles um veneno para matar as pessoas e o gado. E também lhes contou como atava os homens para que não pudessem deitar-se com outras mulheres, apenas com a sua. Como lhes fazia seis nós nos cordões das ceroulas e em cada nó dizia, eu ato-te a ti de parte de Deus, de São Pedro e de São Paulo e de toda a corte celestial, e de parte de Belzebu e de Tió e de Cuxol, para que não possas unir-te a nenhuma mulher carnalmente senão à tua mulher. E uma vez atou um marido e uma mulher que eram os seus vizinhos e que eram

mesquinhos e lhe atiravam pedras. Atou-os com os cabelos das suas cabeças, para que não pudessem copular. E, quando o marido não estava, a mulher não podia viver sem ele, e, quando estava presente e queria aproximar-se dela, todo o seu ser formigava de tal modo que se sentia morrer e não podia suportar que se juntasse com ela. E estiveram assim quatro anos. Quatro anos! Que galhofa! E então, um dia, um filho do casal que guardava as cabras passou com os animais por uma charneca da Eulàlia, e a Eulàlia disse-lhe que os lobos maus comeriam o seu gado. E aí mesmo saltou um lobo entre as cabras e degolou uma delas. E então também prenderam a Eulàlia e, quando estava presa, contou-lhes que numa noite nós as quatro tínhamos acordado uma criança de meses do lado da sua mãe, e tínhamo-la levado connosco para um campo, e tínhamos brincado com ela com se fosse uma bola.

A Eulàlia contava as melhores histórias, ainda hoje as conta, melhor do que ninguém. As que me fazem rir, rir, rir, até que alguma coisa se distende dentro de mim, bem fundo, mesmo mais fundo do que as pinguinhas de chichi. Conta as histórias e às vezes nós aparecemos nas histórias, e sairmos nelas é maravilhoso. A Eulàlia contém em si uma vozinha, lá bem no fundo, que lhe conta as histórias, uma vozinha, a do diabo, que lhe relatava as crueldades, e que o mal que os homens lhe provocavam avivava e desatava-se nela como uma língua que não sabe ficar quieta. A vozinha vinha da sua própria cabeça, como uma nascente, e criava as imagens e as palavras:

«Fomos à floresta, eu em cima de uma burrica preta e a Dolceta da casa dos Conill — que sou eu!, dizia eu —, em cima de uma raposa, e não havia Lua e as estrelas quase não iluminavam, e um ramo meteu-se no meu caminho como uma gânfia a arranhar-me o rosto, e disse, Jesus!, e caí da burrica, e a Dolceta disse-me que nunca mais voltasse a dizer Jesus. E assim foi. Íamos para a Rocha da Morte, e íamos com as axilas besuntadas com um unguento que chamusca os pêlos para sempre, e por isso as nossas axilas estão peladas. Quando chegámos à Rocha, todos, homens e mulheres, cada um de nós, marcámos uma cruz no chão e baixámos as saias e colocámos as nádegas sobre a sua cruz, abjurando da fé e de Deus. E depois, um a um, beijámos o ânus ao diabo. E às vezes tinha forma de gato de três cores e às vezes de bode, e dizia-nos, “Estarás comigo, minha menina?”, e todas respondíamos que sim. E depois comemos queijo e fruta e mel, e bebemos vinho e todos demos as mãos, homens, mulheres e diabos, e abraçámo-nos e beijámo-nos e dançámos e fornícámos e cantámos todos juntos.»

E a Margarida chorava. Chorava e negava todas as coisas, e

chorava e chorava pela injustiça e às vezes guinchava, e, enquanto estávamos as quatro encerradas na mesma cela escura, que quase nem sequer era uma cela, porque antes tinha sido um estábulo, eu dizia-lhe, Margarida, não chores, mulher. Eu e a Margarida fazíamos uma boa dupla, porque ela chorava e eu ria, e às vezes, quanto mais ela chorava e mais caretas fazia, e mais ranho e mais saliva expelia, com a cara toda vermelha e muito inchada e toda feia, mais eu ria, e então, quanto mais eu ria, mais ela chorava, e eu dizia-lhe, Margarida, não chores, mulher, e fazíamos uma boa dupla. A Margarida negava tudo, uma coisa após outra, e a única coisa que confessou foi que punha a mesa à noite. Estendia a toalha, punha o pão, o vinho, as iguarias, a água e um espelho, para que os maus espíritos se olhassem nele e se vissem a comer e a beber, e assim não matassem os seus filhos. Mas também podemos ser enforcadas por uma ninharia.

E quando a Eulàlia lhes disse que a Joana era a mestra que trazia os fantasmas e preparava os unguentos com que nos besuntávamos, e a mestra que fazia os venenos de todo o país, e a que invocava o bode da Biterna^[1] e urdia todas as outras maldades que as bruxas fazem, e que nós as três éramos as suas discípulas, a Joana não mexeu uma única palha. E a Eulàlia não o disse com má intenção, nem a Joana lhe guarda rancor, pois já estávamos todas acabadas. Só disse isso porque tinha a língua viperina, e eu via como todo o ar fugia da minha boca como uma gargalhada, e a Margarida não parava de chorar. As três sobre a mesma palha suja, cheia de ratos e pulgas.

A Joana não fala nem chora nem nega nem ri, mas ainda é a mestra e ainda é a mais sábia, e encontra sempre os melhores medronhos e os melhores míscaros, e é a que sabe melhor provocar o parto. É a primeira a fazer chichi quando encontramos cruzeiros na montanha, e a primeira a enfiar aí as nádegas. E é a primeira a fazer cocó sob a árvore onde nos enforcaram. Faz uns cocós duros e inteiros e bem feitos e sorri como um rato enquanto está de cócoras. E também é a primeira a defecar quando encontramos capelinhas e ermidas ocultas.

Nem todos os contos e as histórias que a Eulàlia conta são sobre bruxas ou sobre nós. Às vezes a vizinha sussurra-lhe coisas sobre as montanhas e as pedras e as poças de água, e os pássaros cantam-lhe canções e os fundões relatam-lhe fábulas, e eu sigo-a como uma menina, como um cãozinho, como uma ovelha acabada de nascer da sua mãe, que se fosse preciso se lançaria diante das patas de um cavalo para voltar a ouvir as suas histórias. Porque a Eulàlia faz-me rir.

Era uma vez um rei cristão de Aragão que tinha três filhas lindas como o Sol, conta-me. Acontece que, quando o rei e a rainha começaram a pensar em casar as princesas, souberam que cada uma das três era cortejada por um mouro infiel. Eu gosto das histórias sobre mouros. O rei ficou furioso e fechou-as numa torre muito alta para que nunca mais pudessem voltar a ver os seus apaixonados. Porém, numa noite as três princesas subornaram os guardas com um bom punhado de moedas de ouro e fugiram da torre, e então subiram a três cavalos, cada uma com o seu amante mouro, e cavalgaram rumo às montanhas dos Pirenéus, longe dos reis cristãos e dos reis mouros. No terceiro dia o rei foi ver as filhas para as convencer a recusarem os infiéis e a casarem com príncipes cristãos, mas quando chegou à cela viu que tinham fugido e exclamou:

— Que a maldição de Deus caia sobre elas, estejam onde estiverem!

E o tempo mudou de repente. Uma tempestade de gelo e de neve surpreendeu os seis fugitivos montados nos cavalos, com tanta veemência que cada uma delas se abraçou ao seu amante, e ficaram os seis congelados sem conseguirem dar mais um passo. E ali estão, uma após outra, abraçadas aos seus amados, as três cordilheiras das três irmãs, cobertas de neve, diz a Eulália, e aponta para as montanhas.

Ou fala-nos sobre a encantada que alguns aldeões capturaram, juntamente com uma toalha de mesa branca, que lhe tiraram. Coitada da encantada. Fecharam-na numa cozinha para que não fugisse. Era uma mulher pequena, que passava o dia sentada num banquinho a olhar pela janela sem abrir a boca, como se fosse muda ou como se não percebesse a fala humana. Mas uma vez, no final da tarde, a dona da casa onde estava trancada começou a preparar o jantar, e acendeu o lume, e pendurou sobre a lenha uma panela de leite para fazer sopa. De repente, enquanto a mulher andava de um lado para o outro, a encantada gritou:

— Rápido! Rápido! Que o leitinho branco está a fugir!

A mulher foi a correr a olhar para a panela e a encantada aproveitou a distração para saltar do banquinho e fugir pela porta. E dizem que, um momento antes de desaparecer para sempre, lhe lançou:

— Nunca vão saber para que é que serve a raiz da azeda-romana!

E deu uma risada pequenina de furão e, ainda hoje, os aldeões não sabem para que é que serve a grossa raiz da azeda-romana.

A Margarida às vezes chora por causa das histórias, chora porque um pai converteu as filhas em montanhas, ou chora pelas

coisas que nos fizeram, a lã e a cinza e os ferros candentes e as correntes e o banco e os pesos nos pés e o sangue vermelho. Chora por ter morrido, como todas as coisas que morrem. E eu digo-lhe, Margarida, não chores, mulher. E às vezes também chora se nasce um bebé na gruta, e eu digo-lhe, Margarida, não chores, mulher. E depois da tempestade também chorou um pouco pelo homem, porque ficava tão bonito na clareira, dizia. É uma pena que os homens se consumam tão depressa, e que os outros homens se aferrem aos corpos vazios e os escondam e os enterrem para não verem o que também vai acontecer com eles. E chorou quando vieram procurá-lo e o levaram, e nunca mais voltou a fazer-nos companhia. Em contrapartida, deixaram uma cruz no lugar em que o homem foi perfurado pelo raio. Maldita mania de sujarem a montanha com cruzeiros! Mas esta era pequena. E às vezes íamos vê-la e fazíamos chichi nela, como os cães. E às vezes apanhávamos flores do chão e levávamo-las ao lugar em que o homem se tinha deitado, levávamos-lhe dentes-de-leão, na brincadeira, porque têm propriedades diuréticas, e as crianças dizem que, se lhes tocarmos, molhamos a cama.

[1] Nome com que se designava o diabo nos Países Catalães durante a Idade Média. (*N. dos T.*)

A toalha branca

Os meus filhos são como moscas. Cagam por onde passam. Tic, tic, tic. Poderíamos seguir-lhes o rasto. Cómoda aberta. A cómoda boa. A que o pai e a tia me ofereceram quando casei. Onde guardo as coisas bonitas. As poucas coisas bonitas. Bem guardadas. Dobradinhas, e separadas com papel de seda. E saquinhos de rosmaninho. Uma das gavetas está aberta. E a roupa e o papel estão amachucados e metidos de qualquer maneira. Pela grossura, antes de o comprovar, sei que falta a toalha branca. A toalha branca é tão bonita que não se pode comer em cima dela. Ardo de fúria, como um archote, e penso que se os tivesse à minha frente lhes arrancaria as orelhas com uma puxadela.

Alinho os guardanapos, e o papel, e o naperon e fecho-a.

— Onde é que estão as crianças? — O avô Ton permanece muito quieto no seu banco. Se antes não falava, agora não fala nem se mexe.

— Fora — responde.

— Fora — repito. *Fora* pode significar qualquer sítio, daqui até à França. — Quer água? — pergunto-lhe, e diz-me que não com a cabeça.

Às vezes as suas mãos, quando pega num copo e bebe, quando corta com o canivete, quando as põe sobre os joelhos, fazem o meu coração sobressaltar-se, porque as mexe como o Domènec. Outras vezes olho para o homem velho, tão calado, tão murcho, tão triste e enxuto, que nem acredito que seja o pai do Domènec. O avô Ton ficou com a boca seca. Como uma passa. Alguns homens ficam com a língua presa e seca dentro da boca, tanto que nem sequer sabem abri-la para dizer coisas bonitas aos filhos, ou coisas bonitas aos netos, e assim se perdem as histórias das famílias, e as únicas coisas que sabemos é que hoje comemos pão duro, que vai chover e que hoje nos doem os ossos. Que montanha tão triste. Estas montanhas levaram o Domènec. O meu Domènec. Um raio atravessou-o ao meio como se fosse um coelho. Dois meses depois de o Hilari nascer. Acho que foi uma sorte. Porque não lhe transmiti a dor nem o contagiei com as lágrimas através do sangue, como teria feito se o Domènec tivesse morrido enquanto eu estava grávida. Então teria tido um filho afectado, azul do luto. Não. Chorei sozinha. Chorei de

seguida todas as lágrimas que Deus me tinha dado. E fiquei seca que nem um socalco ermo. E o Hilari foi a criança sem pai mais feliz do mundo. Eu tive as crianças sem pai mais felizes e menos órfãs que já existiram. Que sorte. Embora às vezes uma mulher queira deixar de viver. Quando o nosso marido é atravessado por um raio como se fosse um coelho. Quando uma mulher fica com o coração esburacado por um ramo, mas não morre. Uma mulher quer deixar de viver. Mas então obrigam-na a viver. As crianças gritam e obrigam-na a viver. O velho tem fome e reclama. As pessoas da aldeia levam-lhe feijão e curgetes só para a obrigar a viver. E ela deixa de ser mulher e converte-se em viúva, em mãe. Deixa de ser o centro da sua vida, deixa de ser a seiva e o sangue, porque a obrigaram a renunciar a tudo o que queria. Lança-as aqui, lança as coisas que desejavas aqui, no meio do caminho, nesta encosta, tudo aquilo em que pensavas. As coisas que amavas. E olha que eram escassas, pouca coisa. Este homem e esta montanha. Uma mulher fica com vontade de ter uma vida pequena. Uma vida mirrada como uma pedrinha bonita. Uma vida que caiba num bolso. Uma vida como um anel, como uma avelã. Não se diz a uma mulher que se podem escolher coisas que não sejam pequenas. Não se lhe diz que as pedras pequenas se perdem. Desaparecem pelo buraco de um bolso. Nem que, se se perderem, já não pode escolher outra. Que pedrinha perdida, perdida está. Lança o coração também aqui, no meio do caminho, entre a lama e as silvas. Lança a alegria. Lança a alma e os abraços e os beijos e a cama de casal. À força, à força. E agora levanta-te e vê esta manhã tão magra e tão azul. E desce à cozinha e enfia a comida na boca e depois enfia-a na boca das crianças, e depois na boca do velho, e depois na boca das vacas e dos bezerros e da porca e das galinhas e da cadela. À força, à força. Até que uma mulher, com tanta força bruta, se esquece de tudo.

Não amamenteei o Hilari. Porque o meu leite era salgado. E entre o leite aguado de vaca e o da farmácia saiu-me um filho como uma flor. Uma flor que reguei e pudei pouco. O nosso preferido tem de ser um filho que nasça como uma raiz. Amo os meus filhos apesar da coxeira da alma. Apesar do estorvo e do desânimo e do peso. Apesar de criá-lo sozinha não estar nas promessas que fiz, que me obrigaram a fazer. Eu queria um marido, o meu marido, e depois se viessem filhos estava tudo bem. Mas só filhos? Porque há-de uma mulher querer só filhos? Nem sequer pude saboreá-lo. Ainda o mel não tinha chegado aos meus lábios e já o tinham atravessado ao meio como se fosse um coelho.

A primeira coisa de que gostei no meu marido foi do cabelo. Depois, dos poemas. E depois, quanto mais reparava em todas as

outras coisas, mais estas me agradavam. As mãos. As pernas. As orelhas. E as rugas dos olhos, com uma cauda. Os ombros. A voz, quando falava baixinho, como se fosse uma lagartixa a subir pelas nossas costas: «Deixas-me louco, Sió, deixas-me louco!», dizia-me. Aquele olhar como uma lança, como uma seta. Toda aquela cabeça cheia de mistérios, cheia de palavras: «Tens uns olhos tão azuis, Sió, que os peixes nadam dentro deles.»

Eu era bonita, bonita a valer. Os olhos mais azuis de Camprodon. E eu também sabia disso. Era bonita como a minha mãe, que tinha nascido numa casa à qual chamavam Casa da Ufana, tão ufanas e bonitas a valer eram todas as mulheres daquela casa. E casou com o meu pai e viveram na aldeia porque o meu pai trabalhava aí como encarregado da fábrica de bolachas. Mas eu queria um homem que amasse a terra e também as ideias. Um homem que percebesse de árvores e de plantas e de animais. A minha mãe morreu quando eu nasci porque tiveram de abri-la muito, e ela era pequenina. Mas a tia Carme, que era irmã do meu pai, e o meu pai também, diziam-me, é uma boneca, é uma boneca, a mais bonita de todas. E compravam-me rebuçados de anis e laços e livros e cordas para saltar, e eu nunca estava triste por não ter mãe. A minha tia fazia-me tranças e dizia-me, vais encontrar um homem que te ame muito, e tu vais amá-lo muito. E eu perguntava-lhe como seria esse homem. E ela metia veneno nas minhas veias inocentes. E o meu pai dizia que já não podia voltar a casar, porque não havia nenhuma mulher tão bonita como a minha mãe. Só tu, só eu, Sió, princesa. E, vá, mais veneno nas veias. Casinha de bonecas. Vamos ensinar-te a coser, vamos ensinar-te a ler em catalão às escondidas, vamos ensinar-te a cozinhar e a limpar o pó. E o Domènec zangou-se muito no primeiro dia em que me levou à quinta, porque eu nunca tinha dado de comer a uma vaca. O meu pai trabalhava na fábrica de bolachas! Nunca tinha pegado numa forquilha. Não sabes fazer nada!, gritava. Quem me manda a mim casar com uma rapariga da aldeia e não da montanha?! Furioso, a espumar da boca. Mas se tu já sabias que eu tinha de aprender tudo o que tivesse que ver com o campo... Quem me manda a mim?!, vociferava. E eu não parava de chorar, pois tínhamos casado há sete dias e passado seis deles em França.

A tia Carme disse-me para não me preocupar e para aprender depressa. Foi ela que fez a toalha branca. Fê-la para o casamento dos meus pais. E eu aprendi depressa. A cuidar do gado e a sujar os sapatos com esterco. Porque o amor nos faz aprender as coisas depressa. E, na noite em que entrei em trabalho de parto da Mia, o meu pai e a tia Carme morreram. Morreram num sono doce. O

braseiro começou a fumar e saiu uma neblina fina que não se via, e que encheu tudo e engoliu o ar, e como estavam a dormir meteu-se no seu corpo como um veneno e já não acordaram. E quando a Dolors da casa dos Prim, a vizinha, mandou a Neus, a sua neta, chamá-los, não lhe abriram a porta. E, como não davam sinais de vida, arrombaram a porta e encontraram-nos ali, cada um na sua caminha, a dormir como uma pedra. E não sabiam se dizer-mo ou não até depois do parto. E o parto da Mia foi tão longo que eu já julgava que não ma tirariam de dentro. E quando nasceu era pequena, pequenina. E então um dia deixaram-me tranquila, como a um fantasma que amamentava com os olhos fechados e um sorriso adormecido, e pegava na menina com os bracinhos como se fossem uma migalha, punha-a em cima da minha barriga desinchada, e o Domènec não conseguia acreditar em tudo aquilo. E então disse, Domènec, como é possível que não tenhas avisado o meu pai e a minha tia? E a Dolors contou-me que tinham tido uma morte muito doce, e que ela lhes tinha dito adeus em meu nome. E, como ainda estava atordoada pela falta de sono, e por ter uma criança que era minha, nossa, ao colo, pareceu-me muito triste e não tão triste ao mesmo tempo. Como uma troca. Como uma lei de vida. Alguns partem para dar lugar a outros que chegam. E chamámos Maria Carme à menina, como a minha tia. E eu, que estava de cama, não pude ir ao funeral e demorei meses a descer à aldeia, e quando o fiz pareceu-me que o meu pai e a tia Carme estavam mortos há anos, como a minha mãe. E estava tão cheia das coisas que me aconteciam e do Domènec, que dizia que o nosso amor era agora maior, ainda mais forte, por obra da criancinha. Dizia que o amor tinha ganhado uma forma. Que o nosso amor era um anjo. Um rouxinol. Cheia da magia do leite. Como uma vaca. E da boquinha aberta da Mia, como uma fruta sem dentes que chupa, que chupa, e da Primavera que se aproximava do Verão. E há precisamente um ano que era uma mulher, uma mulher a sério, uma mulher casada com todo o direito de se chamar mulher. Uma mulher que tinha um homem nos braços, e agora também uma criança, filha do amor, como um anjinho do céu. E às vezes penso que não fiquei muito triste com a partida do meu pai e da minha tia, como se tivesse sido no momento certo, como se fosse natural, pensava. Porque era a minha vez de ser o sangue e a seiva de todas as coisas. Porque a única coisa que vinha por um caminho largo e muito soalheiro, com árvores de troncos grossos dos dois lados, era a alegria.

Quando o Domènec me conheceu, dizia que era bonita como um gamo, como uma gata, como uma leoa de África. Ia buscar-me para dançar e dizia-me, não me mordas. E no momento de partir

recitava-me poemas ao ouvido. Poemas que falavam de uma rapariga que não era eu. Que falavam de todas as flores e dos ciúmes. Poemas que construíam um altar ao qual eu trepava, brincalhona e contente e aberta como uma flor. E o Domènec dançava muito bem, tal como tocava bem tudo aquilo em que tocava. Tinha jeito para os animais e jeito para as pessoas. Eu termine-ia entregado totalmente se mo tivesse pedido. Às vezes não aguentava mais, de tanto manter as mãos nos joelhos. De tanto guardar a língua dentro da boca. Das palpitações tão intensas do meu coração, de todo o medo e de toda a vontade das suas mãos. Durante três anos vimo-nos todos os domingos. Um a seguir ao outro. Menos nos meses em que rapava a cabeça. Rapava o cabelo uma vez por ano. E via-se todo o crânio, toda a cabecinha, embora enquanto namorados nunca a tenha chegado a ver. Tosquiava-o curto, como quem poda uma árvore, dizia, pois assim ficava mais forte. Revitalizado. Preparado para dar ramos novos e frutos. Porque o Domènec tinha um cabelo muito bonito. Dourado como o trigo e as canas. E muito medo de perdê-lo. E então, quando o rapava, fechava-se lá em cima, em Matavaques, que é como se chama a sua casa, a nossa casa, cerca de dois meses, para que ninguém o visse, enquanto o cabelo não voltasse a ter um dedo e meio de comprimento. E durante dois meses por ano eu chorava todos os domingos. A tia Carme dizia-me, que vaidoso, tinhas de arranjar um camponês vaidoso? Porque a tia Carme queria que eu casasse com um homem de Ripoll, ou de Vic, um comerciante, um farmacêutico ou o encarregado de uma fábrica, como o meu pai. Mas voltava sempre. Novo e revigorado e carregado de flores e de sorrisos e de poemas sobre a tristeza da solidão, e eu perdoava-o. Esquecia toda a dor e toda a raiva, e engolia a bílis e as amarguras como se fossem um medicamento. Eu, que tinha passado os últimos dois meses a imaginar que não ia voltar, a vê-lo agarrado à cintura de outra qualquer, caído dum penhasco atrás de uma vaca. Eu fitava-o com olhinhos de cristal, que se me quebravam de tão brilhantes. Olhava-o dos pés à cabeça como se fosse uma gata que queria comê-lo, cheia e resplandecente, e abria os lábios num gemido para que levasse a mão mais abaixo, para que me apertasse com mais força contra o seu peito e para que aqueles braços tão fortes me arrancassem o leite com mais firmeza. E então, numa tarde de passeio, disse-o, eu tinha vinte e cinco anos e o meu coração acelerou, desenfreado: «Estive a pensar se querias casar comigo.»

Apercebo-me da batota que a memória faz. Das rasteiras que a cabeça me prega, que pensa apenas nas coisas boas, que escolhe as

maças bonitas da fruteira e deita fora as coisas más como se fossem cascas, como castanhas-da-índia, como se não tivessem acontecido. E não sei o que é pior, se pensar apenas nas boas recordações e deixar que a saudade, tão pontiaguda, e esta ânsia insaciável que embriaga a alma, avance à sua vontade, ou se banhar-me nos riachos de pensamento que me conduzem às lembranças tristes, más e confusas, e me inundam o coração e me deixam ainda mais órfã ao pensar que o meu marido não era o anjo que eu coroo. E que não me amava o suficiente, como, aliás, nenhum homem ama. Eu tinha o corpo totalmente preparado. Tão cheio de medo e, ao mesmo tempo, tão cheio de ânsia, tão cheio de amor que encurralava os temores, como se os temores fossem um bando de morcegos. Disse-me para ser eu a entrar primeiro. Não me agarres, dizia. No hotelzinho de Ceret onde fomos passar a lua-de-mel. Que as mulheres da recepção não fiquem a saber que somos recém-casados, porque vão pensar coisas. Vão rir-se de nós nas nossas costas. Quero lá saber que pensem coisas! Se não tirares esse sorriso da cara, dou-te um estalo, disse. E fui a primeira a entrar no quarto, e esperei meia hora, e então ele subiu, pois tinha ido ao café, e disse-me que íamos esperar pelo amor até à noite. E esperámos sentados. Eu queria falar de coisas, eu queria que déssemos a mão, eu queria que sentíssemos juntos o medo e os nervos e a emoção, e ele, que fumava e ficava em silêncio, deitado na cama, vestido, tapando a cara com um braço, levantava-se se eu me deitava ao seu lado. E então anoiteceu e não há vivalma que tenha desejado tanto que anoitcesse. E disse-me, despe-te, e fiz o que disse, e mete-te na cama, e, enquanto eu me despia e me metia na cama, ele enfiou-se na casa de banho durante mais meia hora. E então apareceu, vestido. E apagou a luz, e ouvi-o despir-se, e meteu-se na cama às apalpadelas. E tocou-me em zonas onde nunca ninguém me tinha tocado. Tocou-me como quem se mete numa casa alheia, como se as suas mãos tivessem perdido toda a destreza, e doía de uma forma que não metia medo, e eu teria gostado de vê-lo, de ver a cara dele, para que não fosse uma sombra aquela que me arrancava o peito, a que me separava as pernas e se cravava dentro de mim. E eu, como manteiga, quando podia, quando as suas mãos às escuras, como garras, não me assustavam, bem como os seus arquejos de animal, eu, como manteiga, porque o Domènec gostava de manteiga.

Nunca falávamos das noites porque as noites lhe provocavam vergonha. Como se quisesse fugir delas e não pudesse. Era por isso que gostava tanto da Mia, porque era um anjinho que tinha saído do nosso barro. Mas eu aprendi. Pouco antes de engravidar da Mia, aprendi a perseguir as cócegas. Aprendi a colocar-me de forma que

o seu vaivém me tocasse levemente onde me acendia. O meu corpo é um bom corpo. Um corpo que aprende depressa. Um corpo que se habitua logo e que sabe encontrar caminhos. E sabia aproveitar as investidas, fechar os olhos e concentrar-se e prender o prazer assim, tal como aparecia, pequenino e fraquinho, como uma gota de água que se mete por um burquinho, e empurrá-lo e empurrá-lo e fazê-lo crescer, e metê-lo no regueiro. E claro que eu procurava sentir o prazer como um silêncio. E apertar os dentes com força quando o peido-de-lobo explodia dentro de mim. E apressar-me para fazê-lo crescer e para fazê-lo explodir antes de o Domènec terminar. E, se já o amava antes, depois do prazer, entre os lençóis, quando ele já estava a dormir, sozinha com aquele calor entre as pernas, com aquele entorpecimento na cabeça, a respiração calma e quente ao meu lado, amava-o ainda mais. E agarrava-me a ele como a uma árvore, como uma criança se agarra ao peito da mãe.

Oito anos e não consigo curar-me. Esta maldita ausência não se transforma em crosta. Porque eu casei com o homem mais bonito destas montanhas. O cabelo mais bonito do vale de Camprodon casou com os olhinhos mais azuis. O Domènec tinha o cabelo mais fino do que qualquer mulher. E, quando me ia buscar para dançar nas festas de Camprodon, toda a gente ficava a olhar para nós. E, quando namorávamos e descia aos domingos a pé, galhardo e seguro de si próprio, com aquelas suas pernas, eu era a inveja de todas as almas de Camprodon. Mas eu quis tudo isto só porque ele estava ali. Esta casa e este frio e estas vacas e o barulho que estas montanhas fazem à noite. O amor é um veneno enganador. Quando o Domènec morreu, fiquei sozinha com dois filhos e com a casa e com o avô Ton. Com todos estes fardos às costas que não me deixam morrer. Que me obrigam a ficar aqui. Com esta casa pestilenta, impossível de limpar. Com este velho, frio como um morto, com o fantasma do Domènec. Com a lembrança como uma laje, pois não há dia em que não pense nele, em que não o veja, em que não o recorde, em que não sonhe com ele. E as crianças, que não percebem nada, não param quietas nem me trazem paz. As crianças deviam trazer paz, deviam ser um bálsamo, um consolo, uma recompensa.

Regressam quando começa a escurecer. Disse-lhes que os queria em casa antes de anoitecer. Para que diabos querem a maldita toalha branca? Por amor de Deus. Agarro-os pela orelha, à entrada, um em cada mão, como se tivesse apanhado dois ratos, e arrasto-os entre guinchos até à cómoda. Como se fossem cachorros aos quais não vale a pena dar explicações. Basta meter-lhes o focinho no estrago e esfregá-lo nele. Para que percebam. Estrago; golpe.

Estrago; golpe. Quando os largo, agarram-se à orelha com uma mão. O Hilari tem sempre medo de que eu lhe arranque as orelhas. Às vezes, com as puxadelas, abrem-se-lhe por baixo do lóbulo. Eu digo-lhe para não se preocupar, pois estão muito bem coladas. Olham para a cómoda e não dizem nada. A minha paciência deflagra como se fosse palha.

— Vou deixar o vosso rabo tão vermelho que não se vão poder sentar durante uma semana — ameaço-os.

— Mãe, não fizemos nada — diz o Hilari.

— Onde é que está a toalha branca? — pergunto.

Silêncio.

— Vou perguntar pela última vez — ardem-me as axilas e a nuca e o pescoço e as têmporas. Olham para a cómoda e não dizem nada. Como os culpados, como os ladrões e os assassinos.

— Foram as mulheres de água que a levaram — diz o Hilari em voz baixa, num sussurro rouco e triste de cão molhado, de bichano espancado. A Mia fita-o, com os olhos esbugalhados. De surpresa, mas também de alerta. Diz-lhe coisas com aqueles olhos tão abertos. Diz-lhe para se calar, para não dizer mais nada.

— As mulheres de água entraram em casa, abriram a cómoda e levaram a toalha? — pergunto.

Mudos.

— Hilari?

— Fomos nós que lha demos — confessa.

Fecha os olhos, desesperado. Observa os seus sapatos, abatido.

A Mia lança-lhe:

— Cala-te.

A minha mão foge para lhe dar uma bofetada, mas contenho-me e em vez disso pergunto entredentes:

— E agora onde é que está a toalha?

— Ficaram com ela.

— Mas porque é que pegaram na toalha, porra? — inquiri, e a minha força esgota-se com a pergunta.

— Porque queríamos ver as mulheres de água. — O Hilari afunda a cabeça entre os ombros. A Mia fita-me como uma pedra. O velho está deitado no banco. E a minha paciência acaba.

— Mentirosos, mas que grandessíssimos mentirosos! — exclamo.

E dou-lhes uma surra. Agarro-os pelos pulsos, deito-os no meu colo e dou-lhes uma valente surra e o Hilari chora e a Mia cerra os dentes. E dou-lhes ainda com mais força, cega de raiva e de dor, pela toalha, e pelas mentiras, e pela irreverência, e pelo lugar onde todas as coisas foram parar.

Então digo-lhes que já não vão mais ao rio, que já não vão andar

a correr durante todo o dia atrás do filho dos gigantes. Enquanto a toalha não aparecer, acabou-se tudo.

— Perceberam? — pergunto. E não respondem. — Perceberam? — repito.

— Sim, mãe.

Mando-os para a cama sem jantarem, e choro.

O choro começa como um animal pequeno. Como uma nuvem solitária, como uma bruma fina no peito. Começa como uma dor diminuta, como uma inflamação lenta. Como um incómodo, como um ossinho atravessado na garganta, como uma enfiada de pedras no esterno. E cresce, pouco a pouco. Os meus olhos aquecem e humedecem-se e a fonte jorra e as panelas fervem e transbordam, e já não há forma de deter isso. A água escapa por baixo de tantas pedras, e tanta bruma. E a toalha atiza o choro como um leque, como um fole, não pára de soprar. A toalha. E a mentira. E a Mía a dizer, Hilari, cala-te. E a minha mão a dar-lhes uma valente surra. E a solidão. E o velho. E o amor seco que não está em lado nenhum. E choro de raiva pelo velho que não é meu pai, pois eu não tenho pai nem mãe, e choro pelas crianças mentirosas que são os meus filhos, pelas crianças que deviam ser um bálsamo, uma fonte docinha, uns bons meninos que cuidassem da sua mãe e a amassem.

As trombetas-dos-mortos

O chapéu de uma é o chapéu de todas. A carne de uma é a carne de todas. A memória de uma é a memória de todas. A escuridão. Sim, a escuridão. Como um abraço. Deliciosa. Protectora. Acolhedora. Como uma queda. Incipiente. A terra. Como uma manta, como uma mãe. Preta. Húmida. Aqui somos todas mães. Somos todas irmãs. Tias. Primas. E então chega a chuva. Recordamos a chuva. Recordamo-la sobre a pele, sobre o chapéu escuro das que a recebiam. Hummmm, diziam-lhe. Hummmmm, e bebiam-na. Antes. Hummmmm, dizíamos, hummmmm, a chuva. E bebíamos-la. Bebíamos-la com as trombetas elásticas que tínhamos então. Bebemo-la com as trombetas negras de agora. Bebê-la-emos com as bocas firmes, escuras, abertas, que teremos depois. A chuva faz plim, plim, plim. A terra engole-a. A chuva faz plim, plim, plim. Nós engolimo-la. A chuva vem de sítios e sabe coisas. Está-se bem aqui em baixo. Está-se bem nesta floresta. Neste pedaço de terra. Neste pedaço de mundo. A chuva acorda-nos, é um acordar fresco e renovado. A chuva torna-nos grandes, faz-nos crescer. Irmãs! Amigas! Mães! Eu, que sou todas vocês. Bom dia. Boa viagem. Bem-vindas. Bons olhos as vejam. E então saímos. Saímos como saímos tantas vezes. Agora. Agora. Pouco a pouco. Pouco a pouco, se tivermos em conta o buraco pequeno, suave, delicado, escuro, que fazemos na terra preta, no musgo verde. A nossa cabecinha precoce. Diminuta. Pouco a pouco, se tivermos em conta o deambular da floresta, os milhões e milhões de chuvas que nos caíam em cima, os milhões de despertares, de cabecinhas, de manhãs, de luzes, de animais, de dias. Bem-vindas. E recordamos a floresta. A nossa floresta. E recordamos a luz. A nossa luz. E recordamos as árvores. As nossas, cada uma delas. E recordamos o vento, e as folhas, e as formigas. Porque sempre estivemos aqui e sempre estaremos aqui. Porque não há princípio nem fim. Porque o pé de uma é o pé de todas. O chapéu de uma é o chapéu de todas. Os esporos de uma são os esporos de todas. A história de uma é a história de todas. Porque a floresta é das que não podem morrer. Que não querem morrer. Que não morrerão porque sabem tudo. Porque transmitem tudo. Tudo o que é preciso saber. Tudo o que é preciso transmitir. Tudo o que é. Semente partilhada. A eternidade, coisa leve. Coisa diária,

coisa pequena.

Apareceu o javali, com a boca escura, os dentes afiados, o bafo quente, a língua grossa. Apareceu o javali e arrancou-nos. Apareceu o homem e arrancou-nos. Apareceu o raio e matou o homem. Apareceram as mulheres e colheram-nos. Apareceram as mulheres e cozinham-nos. Apareceram as crianças. Apareceram os coelhos. E os corços. Apareceram mais homens e traziam cestos. Apareceram homens e mulheres que traziam sacos, que traziam canivetes. Não há tristeza se não há morte. Não há dor se a dor for partilhada. Não há dor se a dor for memória e sabedoria e vida. Não há dor se formos um cogumelo! Apareceram as chuvas e engordámos. As chuvas partiram e apareceu a sede. Escondidinhas, escondidinhas, à espera da noite fresca. Apareceram os dias secos e desaparecemos. Apareceu a noite fresca e esperámos mais. Apareceu a noite húmida, apareceu o dia húmido e crescemos. Cheias. Cheias de todas as coisas. Cheias da sabedoria e do conhecimento e dos esporos. Os esporos voam como joaninhas. Os esporos são filhos e pais e irmãos, tudo ao mesmo tempo. Cada esporo como uma queda. Como uma mãe. Como uma semente. Como uma joaninha. Esporos que todos os homens conheceram, e todos os raios e todos os javalis e as panelas e os cestos e os coelhos. Os esporos dormem por baixo da terra escura, húmida. Guardam dentro de si todos os despertares. Todos os dentes de javali. Todas as mãos de mulher. Guardam dentro de si os chapéus e a carne e a memória. Adormecidos, enroscados, às escuras, à procura do abraço. A fazer caminho e a fazer vida e a fazer fungos e lembranças. A escuridão. Sim, a escuridão como um abraço. Deliciosa, terrosa, protectora, acolhedora, incipiente. E a chuva. Como uma fonte. Recordamos a chuva. Recordamo-la no fundo do início, na escuridão do princípio. Recordamo-la no chapéu escuro das que a recebiam. Antes. Hummmm, diziam-lhe. Hummmm, e bebiam-na. Depois. A chuva fria. Hummmmmm, dizíamos, hummmm. A chuva morna. A chuva que é pequena e a que é grande.

II

O aguazil

Digo-lhes adeus com a mão. Em breve, a Cristina aparecerá com uma granada. Com a primeira granada. Digo-lhes adeus com a mão levantada. Atravessam a manhã como se fosse um campo. Reconheço-os ao longe porque os vi crescer aparecendo e desaparecendo entre os socos. O Hilari, esguio como uma cana, com o cabelo comprido, de palha amarela. Como o pai. O Jaume, filho dos gigantes, de costas largas, com a cabeça pequena e redonda e escura. Os vizinhos, os homens, os camponeses, devem cumprimentar-se com um trejeito de cabeça seco, sério, respeitável. Mas a eles dois faço adeus com a mão, como se diz adeus às crianças, com alegria e veemência, com o braço levantado e em movimento, como se estivesse no convés de um barco ou na parte da frente de um autocarro. Adeus, adeus! Digo-lhes adeus com entusiasmo, como às crianças, porque ainda são crianças, porra. Antes, na minha época, aos vinte e poucos, aos vinte e três, vinte e quatro anos, nós já éramos homens. Mas agora, agora a juventude não cresce assim. Sorriem. Levantam as espingardas. O cabelo ao vento. Os casacos castanhos, verdes. Vão sem a Mia e sem a cadela. Penso, onde estará a Mia? As costas direitas. Os pés dentro das botas. Adeus, adeus! Digo-lhes adeus com a mão e enfiam-se na manhã para nunca mais saírem dela.

O Hilari é um falador que encheria tudo de palavras. Fala tanto que até crescem orelhas às cebolas e o gado foge dele, farto de ouvi-lo tagarelar. Mas tem bom coração, e ninguém pode negar isso. Até o Rei, que é um vizinho, e olha que tem a alma bem carcomida, poderia dizer coisas más sobre o Hilari, e sobre qualquer outro. Que é efeminado, um paneleiro, todo o dia com esse gigante. Vá-se lá saber o que poderia dizer da tagarelice do rapaz e das suas amizades. Em vez disso, dá-lhe cabazes e cabazes de feijão. Pois eu já os vi, o Hilari faz perguntas e o Rei responde como se o mau feitio não lhe corresse pelas veias. Mas têm os três bom coração. A Mia e o Jaume também. Contudo, a Mia e o Jaume são mais calados, mais introspectivos, mais sossegados, e por isso é que se aproximaram e se entendem tão bem. Tem a sua piada e até comove um bocadinho que os dois, tão tímidos e rudes, se amem e se procurem como dois gatos da mesma ninhada. E o Hilari, que os

acompanha como o chorão e o franzino da ninhada. Eu não sei porque é que olho tanto para os filhos dos outros, pois eu já tenho duas meninas. Mas pronto, estes filhos da Sió de Matavaques têm bom coração, são bons vizinhos e têm bom feitio, e o Jaume dos gigantes, venha de onde vier, e sejam como forem os seus pais, cumprimenta-me sempre e é educado comigo e diz-me com quem andas e *te diré quién eres*[\[2\]](#). A Sió é uma mãe coragem e os seus filhos são uns santos.

Matavaques, a casa da Sió e da Mia e do Hilari — o Domènec e o velho Ton morreram há anos —, fica mesmo sob a nossa casa. No Inverno, entre os ramos descascados das árvores, é possível distinguir Matavaques, e o estábulo e a horta. O velho Ton de Matavaques morreu em silêncio como uma vela, de uma constipação a uma bronquite, de uma bronquite a uma pneumonia, quietinho e sem dizer nada e adeusinho. A Sió ficou sem o Domènec de repente. Um raio caiu-lhe na cabeça pouco depois de o Hilari nascer.

Por baixo de Matavaques fica a casa dos Grill, que está a cair aos bocados. Agora dizem que os donos, que não vivem lá há anos, querem restaurá-la e vão alugá-la. Vá-se lá saber. É triste que aqui em cima as casas sejam abandonadas. O Rei mora por cima de nós. E por cima do Rei fica a aldeia. Os homens e as mulheres que moram nas aldeias estão todos apertados e colados uns aos outros. Uns por cima dos outros, todos a discutir e em quezília por esta ou aquela pedra do chão, por esta ou aquela burrice. Eu não percebo como é que as pessoas podem viver tão amontoadas.

Ainda mais acima, fora da aldeia, tão acima que nem sequer são considerados da aldeia nem de lado nenhum, vivem o Jaume dos gigantes e o pai, recentemente viúvo, que aparece na aldeia, no máximo, uma vez por ano. Esquivo e arisco como um gato selvagem, tão esquivo e arisco como a sua mulher, assim Deus os cria, assim *ellos se juntan*[\[3\]](#). O Jaume e o pai têm uma passada tão larga que quase chegam a França.

Às vezes imagino as casas como estrelas de uma constelação. As aldeias como o leite da Via Láctea. E quando uma casa é deixada a cair aos bocados é como se se apagasse um pontinho do firmamento. Na curva da estrada todos nós formamos uma boa cauda da Ursa Maior. A casa dos Grill, mesmo lá em baixo, a seguir Matavaques e a casa dos Prim, que é o nosso lar, onde eu e a Neus e os meninos moramos, e depois, mais acima, a casa do Rei, tão perto da aldeia que quase não a incluo na constelação, e então a aldeia, que na escuridão nos dá uma boa luz.

Quando era novo chamavam-me Prim, porque casei com a Neus,

que era a herdeira da casa dos Prim; que mulher, a Neus! Depois deixámos o gado e comecei a trabalhar para a câmara, e agora todos me chamam o aguazil. Até gosto, porque, entre Agustí e aguazil, não há muita diferença, e porque, com a minha barriga, aquela história de me chamarem Prim, magro, parecia uma piada. Pelo contrário, aguazil tem um tom mais senhorial, de trabalho importante. E eu gosto do meu trabalho. Pois é um trabalho que não faz sofrer. Todos os dias é o mesmo. Não tem que ver com as chuvas nem com as secas nem com os animais mortos nem com as doenças nem com as diarreias. O meu trabalho de aguazil consiste em arranjar tudo o que diga respeito à câmara e aos espaços municipais e às estradas do concelho, arrancar e cortar as árvores mortas aqui e ali, limpar as valetas, cuidar dos caminhos e ter tudo limpo e arranjado, e para mim é um prazer, porque tenho mãos de fada, sou *el hombre para todo*^[4], e gosto de desenvolver ideias e de experimentar coisas. A melhor parte do meu trabalho é a dos caminhos. Ter os caminhos arranjados, as bermas desimpedidas, as árvores podadas, o asfalto em condições, os sinais direitos, os sendeiros com cascalho suficiente...

A Neus trabalha na frutaria, por baixo de Camprodon, e temos lá em casa as melhores tangerinas e as melhores laranjas, e, no Verão, os melhores melões, e as melhores cerejas e as melhores nêspersas na sua época, e uns pêssegos vermelhos de chorar por mais. E temos duas moças, a Cristina e a Carla. As mais bonitas e inteligentes de todas.

E, provavelmente agora, soa um disparo. E o barulho espalha-se no meio das copas das árvores. Provavelmente é agora que soa e logo a seguir é engolido pela montanha. A montanha, com todas as suas camadas de folhas caídas e de terra húmida e de tocos, e copas e pedras, e com todos os pássaros com a boca escancarada, e todos os animais famintos. E aos meus ouvidos não chega absolutamente nada. Nem o som pequeno, rápido, redondo e suave que têm os disparos dos caçadores na montanha. Nem a sensação arrepiante dos maus agouros. Nem quatro pêlos eriçados nas costas. Nem o pressentimento turvo de alguma coisa má. Provavelmente é agora que o disparo sai da arma. E soa agora, de repente. Mas não chega nada, como se as árvores o tapassem, por vergonha.

A nossa casa e a casa do Rei e até a casa dos Grill olham para o vale, Matavaques não, pois fica um pouco mais resguardada. A aldeia, encarrapitada no meio da cumeada, que é uma aldeia cheia de subidas e descidas, também olha para baixo, e até a igreja olha para lá das montanhas do outro lado e para a imensidão do céu. A aldeia é uma boa aldeia, cada vez mais despovoada, antigamente

aqui em cima chegámos a ser novecentos e agora somos por volta de duzentos. Mas pronto, estamos mais sossegados. Muitos deixam a montanha e descem para a cidade e outros lados, e então compram casas vazias aqui em cima para virem esquiar. Ou deixam-nas ruir. Mas é uma boa aldeia. Com as suas discrepâncias e as suas rixas e as suas azias. Como em qualquer lado. O presidente da câmara é boa pessoa, embora seja dos que querem contentar toda a gente e diga sempre que sim, mas, na hora da verdade, nada de nada. É que as pessoas também são ciumentas e nunca se pode agradar a gregos e a troianos. E se não implicam com um, implicam com outro.

Do que mais gosto da aldeia é das coisas que fazemos todos juntos. Pois até nós, os das casas espalhadas, subimos até à praça e então parece que somos todos amigos. No Verão não temos festa popular. A festa é em Outubro, e comemos castanhas. E no Natal cantamos canções natalícias, e vêm os Três Reis Magos. Eu próprio faço de rei louro. E também há a festa da Primavera, e o concurso de cozinha, onde ganham sempre os mesmos, e no qual já nem sequer nos apetece participar, mas eu e a Neus fazemo-lo mesmo assim. E em alguns anos temos sorte e organiza-se um concerto de *habaneras*. No Verão. Eu gosto muito das *habaneras*. E até tem piada que goste tanto, pois não sinto nada especial pelo mar. Que ninguém me afaste das minhas montanhas. Nem a planície nem nada. A praia, não, obrigado. Mas as *habaneras*, sei lá, adoro as *habaneras*. Estes homens que cantam sobre lugares e paisagens, penas e mulheres e saudade, falam-me directamente à alma. Com um arrepio na espinha, e com toda a cabeça cheia das imagens do mar e dos barcos e das terras longínquas e das amadas no porto. Gosto é deste mar das canções. E entoo: «Amo-te, meu amor, como te amo. Amo-te mais do que o azul do mar, como o céu cinzento ama as gaivotas, como a água, a liberdade!» E recordo as letras, e invento aquelas de que não me lembro. E canto quando arranjo caminhos e ninguém me ouve ou, se um dia me sinto mais romântico e quero fazer rir a Neus, também canto, e ela, a brincar, chama-me lobo do mar.

Uma vez a Neus levou-me a Calella para ouvir *habaneras*, beber um bom *cremat* e comer sardinhas grelhadas. Foi a única vez em que gostei de ir à praia. Porém, senti-me muito fora de lugar, aí, entre todos aqueles homens e mulheres do mar, pois todos se conheciam. Nós éramos claramente forasteiros, peixes fora da água. Gostei, mas fiquei com um pouco de saudades da montanha e com vontade de regressar para lá, para a nossa casa, para a nossa aldeia, e para o nosso concerto de *habaneras*. Aquela gente do mar também é feita de dureza, mas de outro tipo de dureza.

E quem sabe se, na verdade, o disparo soa agora, e eu a pensar em *habaneras*, e eu a cantar sobre amores de marinheiros e sobre água salgada. Soa, como as coisas más que acontecem no mundo, já que se não afectam uma pessoa directamente é como se, para ela, não acontecessem. Miúdos. Vocês são dois miúdos. É preciso levar a arma com a patilha de segurança posta. Raios partam! A vida e o mundo e a história e tudo o que acontece estão cheios de coisas más, que aconteceram quando não deviam acontecer, onde não deviam acontecer, e enquanto ninguém as detinha.

O meu pai dizia que ouviu os disparos quando fuzilaram os soldados na montanha. O meu pai ouviu-os, e eu hoje não ouço nada. Mas calou-se, por causa do medo. Por medo de que lhe tivessem matado o irmão. E não lhe serviu de nada.

O meu pai era um puto quando passou lá por casa um grupo de soldados republicanos a baterem em retirada. Traziam um punhado de soldados do bando dos nacionalistas presos. Bateram à porta e eles abriram. E não hesitaram em levar *fuets*, queijo e toucinho. Então pediram ao herdeiro, que era o irmão mais velho do meu pai, que os acompanhasse e lhes mostrasse o caminho para França. E o herdeiro lançou-lhes: «Agora vão fazer-me voltar a calçar as alpercatas?» E fizeram-no voltar a calçar as alpercatas, e, quando as atou, um soldado disse-lhe: «Vai ser a última vez que as calças.» Mostrou-lhes o caminho, e nunca mais voltou. O meu pai ouviu os disparos de como fuzilavam os soldados presos e o irmão. O que teriam feito com uma corja de soldados do outro bando ao chegar a França? Era a última oportunidade que tinham para se vingar, para matar, para derramar sangue inimigo.

Então, três dias depois, contava o meu pai, passaram por lá os atiradores de Ifni. Toda a família estava escondida e quieta, como ratinhos. Mas o meu pai tinha uma irmã chamada Teresa, e todos a tratavam pelo diminutivo Treseta, porque não batia bem da cabeça. Quando os mouros bateram à porta, de tão furiosa que estava por os outros soldados terem matado o irmão mais velho, pegou numa panela de sopa a ferver que tinham ao lume, subiu até à janela de cima e lançou-a sobre eles. E os soldados arrombaram a porta e degolaram-na com uma baioneta. O meu pai era um homem muito zangado.

E então a Cristina entra em casa com uma granada na mão.

— Pai, olha o que encontrei — diz.

É a minha filha mais velha e tem catorze anos.

— Raios partam! Onde é que encontraste isto?

— No rio.

— E o que é que estavas a fazer no rio?

— A atirar pedras.

A atirar pedras depois da escola. Sua tonta.

— Temos de tirar isto de casa agora mesmo — digo-lhe.

— Não explode.

— Como é que sabes que não explode?

— Porque esvaziei a parte de dentro e não tem tampa.

— Mas como é que trazes uma granada para casa?! — exclamo eu.

Sáímos. Pousámo-la no chão no meio da eira. Porque é que trazes uma granada para casa, sua chanfrada? Estas montanhas estão infestadas de bocados de fuzis e de balas e de granadas. A quantos metros chega a explosão de uma granada? Cinco, seis, sete? Afastamo-nos.

— Nunca mais faças uma coisa destas! — digo-lhe, longe de imaginar ver chegar caixas e caixas de granadas, e pistolas, e fuzis, e balas, e morteiros e até bocados de metralhadora que nos próximos anos irá guardar por todo o lado.

— Não há problema, pai.

Raios partam!

Os camponeses sempre encontraram armamento e coisas que os soldados que batiam em retirada deixaram para trás. E sabes o que é que fazem os camponeses, que são os sábios destas terras? Sabes o que é que fazia o teu avô e o que é que fazia eu próprio quando encontrávamos uma coisa destas? Olhar para o outro lado. E, no caso de estar no meio, tapá-la com uma pedra. Enfiá-la em qualquer buraco de um muro de terra. Metê-la num socalco ainda mais fundo. E pronto. Por acaso queres que encontrem isso aqui em casa? E, quanto menos relação com a Guarda Civil, melhor. Porra, rapariga!

— O que é que fazemos, pai? — pergunta. Estamos plantados no meio da eira enquanto a tarde cai, com a granada no chão, como uma oferenda.

— Pensar — respondo. E, quando já pensei o suficiente, digo: — Vou levá-la à Guarda Civil.

— Eu também.

— Não.

— Eu é que a encontrei, e quero levá-la à Guarda Civil — exclama, com uma convicção tão adulta para uma rapariga de catorze anos que lhe pergunto:

— Tens a certeza de que não explode?

— Está vazia. É uma casca de ferro.

— Não lhe toques. — Raios partam.

Aproximo-me da bomba de mão pouco a pouco e com um arrepio na espinha.

— Não há problema, pai.

A luz é cada vez mais fria. Parece que o disparo já soou há algum tempo, e que o Hilari está morto, e que o Jaume o carrega às costas.

Pego na granada.

Volta a dizer:

— Não há problema.

Diabos! Com a granada na mão, desço pelo caminho, a pé, desvio-me para a esquerda, depois este torna-se recto e temos de contornar as silvas. Segue-me. Abro a vedação eléctrica. Que coisa tão moderna. Moderna, mas pensada para a montanha. O caminho está cheio de merda de vaca, de pedras grandes e angulosas, com um declive de árvores despenhadas à direita.

— O que é que fazemos? — pergunta.

Não respondo.

Atravessamos a torrente, pequena e pedregosa, e o campo abre-se em toda a sua imensidão perante nós. Os javalis e as toupeiras escarafuncharam na terra. A erva é alta. O sol não chega aqui abaixo e a luz é muito azul. No final deste campo há o rio. Desce pelo fundo do vale, e ouvimo-lo, forte. A montanha volta a ascender depois do rio.

— Fica aqui — digo-lhe.

Avanço quinze metros.

Levanto o braço e lanço a granada. Para longe. Para o meio do campo, que é verde e azul e cinzento. Atravessa o ar toda redonda e oxidada. E cai no chão, como uma pedra grande. Sem fazer barulho, de tão mole que é o leito em que se deita. Nada. Silêncio. Os pássaros continuam na sua vida. O rio desliza, concentrado.

A Cristina diz:

— Estás a ver?

Desata a correr como um cão ao qual lançaram uma pedra, sem afastar os olhos do lugar exacto onde a viu cair. Encontra-a logo. Sinto-me estúpido. Claro que não explodiu. Mas não podia entrar no carro, com uma granada e a minha filha mais velha, sem antes o ter comprovado.

Enveredamos pelo caminho de regresso a casa. A certa altura pergunta:

— Vão ficar com ela?

Não lhe respondo. A Neus ainda não chegou. Entramos no carro, pois o Sol já se escondeu. Daqui a pouco o Rei vai encontrar o Jaume todo ensanguentado a carregar o corpo morto do Hilari. O nosso carro desliza estrada abaixo. Conheço as curvas desta estrada como se fossem uma canção. Quando chegamos a Camprodon, a

noite é azul-escura, ainda não é negra. Entramos no quartel, onde acabam de receber o aviso. O Rei telefonou a dizer que houve um acidente de caça no cimo da montanha. Que o Jaume da casa dos gigantes disparou contra o Hilari de Matavaques, o Hilari da Sió. Há horas que o Hilari está morto. Foi rápido. O Jaume desceu com ele ao colo do cimo da montanha.

Quando entramos, todos os guardas civis estão de pé. Um grupo de cinco ou seis saem e entram nos carros. Este quartel está sempre quieto, parado, sossegado, como meio adormecido e meio abandonado. Com a bandeira a ondular, estranha, como se tivesse sido cosida em outro lado. As paredes tristes, lisas, as cercas de cimento e arame farpado para manter todas as coisas lá fora, as janelas pequenas, como uns olhos muito infelizes.

— *O que é que querem?* [5] — diz-nos um agente. Tem bigode e cara de ter fumado muito, de ter vivido uma infância e uma juventude longe destas montanhas.

— *Encontrámos isto* — digo-lhe, e mostro-lhe a peça.

— *Ah, isto* — diz-me, e pega nela. — *Isto não é nada.*

— *Posso ficar com ela?* — intervém a Cristina.

— *Menina, fica com ela, deita-a ao lixo...*

— *O que é que aconteceu?* — pergunto eu, e aponto com a mão para o movimento geral.

— *Nada, foi um acidente* — diz-me. E nem um pêlo eriçado. Nem uma pequena intuição. Nem um laivo de medo. Nada. *Um acidente.* Como se os *acidentes* acontecessem longe. Por outros lados. A pessoas que não conhecemos. Como se o dia do acidente nunca tivesse de ser hoje. *Nada. Nada. Um acidente.* Fede a velho. A água-de-colónia rançosa. A tabaco. A bafio. O homem, com as comissuras da boca caídas e brancas, como os bigodes de um peixe-gato, volta a dizer-lhe, *isto não é nada, claro, menina, podes ficar com ela.*

Quando saímos, a Cristina diz:

— Pai, preciso de um detector de metais.

— E para que é que tu precisas de um detector de metais? — pergunto.

— Para procurar armas de guerra.

— Bem podes esperar sentada...

[2] «dir-te-ei quem és», em espanhol no original. (*N. do E.*)

[3] «eles se juntam», em espanhol no original. (*N. do E.*)

[4] «pau para toda a obra», em espanhol no original. (*N. do E.*)

[5] O diálogo com o guarda civil bem como outras palavras ou expressões em itálico no texto encontram-se em espanhol no original. (*N. dos T.*)

O primeiro corço

Lá dentro estava muito quentinho, muito apertadinho, e muito escuro. O meu irmão e as suas patas compridas, eu e as minhas patas compridas, enroscadinhos como as minhocas sob as pedras. E todas as coisas que fazem barulho, e todas as coisas que têm cheiros e sabores, e todas as coisas que não sabíamos, e todas as coisas que não conhecíamos e que não imaginávamos, trotavam e saltavam e moviam-se fora da barriga da nossa mãe. Até que começou o barulho. Os gritos da nossa mãe, os latidos, roucos e agudos ao mesmo tempo. Um após outro. Um após outro, que significavam que estava a acontecer alguma coisa. Que significavam que tinha chegado a hora. A escuridão já não nos queria ali. Primeiro o meu irmão e depois eu. Primeiro as patas, depois o corpo. Ali dentro não estávamos molhados. Ali dentro estávamos escuros e quentes. Lá fora estávamos molhados. E os olhos não sabiam olhar porque nunca tinham contemplado nada. Ali dentro tudo estava escuro e não sabiam que serviam para olhar. Fechadinhos e a descansar. Lá fora estávamos molhados, e o ar avisava-nos de que estávamos molhados. Estão molhados, estão molhados, dizia-nos. E o frio era tão intenso como um desamparo. E a mãe vinha com uma língua que era quente como as lembranças. Com uma língua que limpava o medo e o sangue. Com um focinho suave e contundente que nos dizia, para aqui, para aqui. Para cima, para cima. Para ali. Mas as pernas não sabiam caminhar, não sabiam mover-se, agora que de repente tinham todo o espaço que quisessem para se esticarem. Agora que tinham a função de nos levantarem totalmente e de nos levarem a lugares. Porque, fora da barriga, havia lugares. Havia lugares. O meu irmão pôs-se de pé. Também havia ervas. Ervas finas. Ervas que tocavam no nosso nariz, ervas que tocavam nos nossos olhos e na nossa barriga. Pus-me de pé. Havia céu. Que era claro e escuro. Havia noite, que é como dentro da barriga, mas com ar e sem o meu irmão. Havia pedras. Havia leite. Havia cocó. Havia o sol, que é claro e doloroso. Havia todas as coisas. As que cheiram. E as que fazem barulho. As que metem medo e as que proporcionam bem-estar.

E então a mãe separou-nos, a mim e ao meu irmão. E escondeu-nos. Quando estamos escondidos, ouvem-se todos os barulhos. Gosto

dos barulhos, assustam-me. Eu fico quieto. Fico quieto e escondido quando o Sol está no meio do céu. Mas, quando a luz é fresca, experimento as pernas. Quando a mãe vem, e o Sol já se vai embora ou o Sol ainda não apareceu, mostra-me as coisas que não se vêem desde o esconderijo, e diz-me com o focinho, para aqui, para aqui, levanta-te, levanta-te, para cima, e experimento as pernas em direcção a lugares ainda mais longínquos. Mostra-me a água que desce, a água que se bebe como o leite, mas fria. Mostra-me os arbustos deliciosos e os rebentos tenros e as bagas pequenas e boas. Mostra-me os tocos das árvores e o cheiro a cocó e o cheiro a chichi e o cheiro dos outros corços, e diz-me para correr, para correr muito, para correr se sentir medo, para correr se ouvir o barulho. Que eu sou pequeno e bonito, mas que nem todas as coisas desta floresta são boas. E eu pergunto, quais delas não são boas? Muitas coisas. Outros corços? Se ouvires um som de que não gostas, se sentires um cheiro de que não gostas, corre, corre, que estas perninhas são para correr muito. E então leva-me de regresso para o esconderijo. Quietos, quietos, diz-me. E ouço o barulho das abelhas que procuram flores. E ouço o barulho dos animais pequenos que vivem debaixo da terra. E o barulho dos pássaros que cantam. O barulho da água quando cai do céu. O barulho da minha mãe quando chega. O barulho de chupar o leite. E então, de repente, ouço o barulho que me mete mais medo de todos. O pior barulho e o mais estridente. O barulho de passos, demasiado fortes. O barulho dos gritos, como que alaridos. O barulho que não vem da floresta, mas sim de um sítio que não conheço, de um sítio que não sei.

O rumor desses animais aproximava-se e eu ouvia-os chegar, cada vez estavam mais próximos, até que me descobriram. Encontraram-me no sítio onde a minha mãe me tinha escondido. E gritaram. E chegaram mais. Nunca tinha visto nada assim. Não eram corços como a minha mãe, nem como o meu irmão, nem como eu. Nem eram abelhas, nem pássaros, nem coelhos, nem texugos, nem aranhas, nem ratos. E então pegaram-me com as suas patas, que estavam peladas e tinham muitos ramos. Eu queria que a minha mãe chegasse. Eu queria leite. Eu queria que partissem e queria sentir os cheiros e ouvir o barulho. Mas levantaram-me do chão. Para cima, fora do meu esconderijo. E eu tinha medo. A minha mãe tinha dito, corre, corre. Mas eu não podia correr e eles levavam-me consigo. Levaram-me para muito longe, para lá da floresta, eu nunca tinha ido tão longe, tão longe que se me deixassem no chão não saberia regressar. Levaram-me e eu estava muito cansado. E eu estava muito longe. E eu não tinha corrido e agora estava à mercê dos que fazem alarido.

Enfiaram-me num sítio como um ronco. Como uma barriga de mãe terrível, que em vez de nos dar a vida nos dá a morte. Lá dentro estava um cheiro doloroso, um cheiro nauseabundo, um cheiro mal feito. E fechei os olhos, porque não queria ver nada. Nem queria aprender nada sobre esse sítio feio, sem floresta. Sem árvores, sem folhas. Sem ervas, nem matagais novos, nem bagas. E trouxeram água, mas a sua água cheirava mal. E eu tinha medo e encolhi-me e pensei que tinha de me ir embora. Porque encolhidinho, sem esconderijo e sem mãe, tive a certeza de que ia morrer. E adormeci com o sono leve daqueles que morrerão, e regressaram aqueles que gritam e que nos tocam embora não queiramos que nos toquem. Regressavam sempre. E traziam mais coisas que cheiravam mal. Cheiravam a cocó, cheiravam a morte, cheiravam mal, mesmo mal. E eu tinha muita fome. E estava muito triste. Não olhava para nada porque não queria ver nada, mas sentia as suas garras a agarrar-me, e então, de repente, abri os olhos e vi árvores ao longe. Desta vez corri e corri, corri e corri, e ouvia os gritos e os golpes e o barulho, mas eu era mais rápido do que os gritos e do que as patas dos gritos, e corri e corri até às árvores, porque depois das árvores apareciam mais árvores, e depois das árvores, mais árvores, e depois a floresta.

Quando entrei na floresta, longe dos que nos levam e fazem alarido, enchi a boca de rebentos frescos e água viva, e enchi o nariz com todos os cheiros, e os olhos com todas as coisas bonitas, e encontrei um sítio protegido para dormir, e pensar na minha mãe e no meu irmão. Já não reencontraria a minha mãe e o meu irmão, porque estava demasiado longe e não sabia regressar ao meu esconderijo, onde nasci e onde a minha mãe me escondeu. Tinha sido bonito que a minha mãe fosse a minha mãe. E que o meu irmão fosse o meu irmão. Mas já não precisava de mãe e também não me lembrava bem do meu irmão. E dentro de pouco tempo já não me lembraria da minha mãe. Porque os corços só precisam de mãe quando nascem, e são pequenos e têm de aprender. E só têm irmãos quando estão dentro da mesma barriga e bebem o mesmo leite. Mas eu já não bebo leite.

Pensei em procurar um grupo de corços que não fossem mães nem irmãos de ninguém. Procuraria uma fêmea e acasalaríamos. A floresta seria a minha casa. Cheia de coisas boas e de coisas comestíveis e de coisas protectoras e de coisas bonitas. E procuraria outros corços para ter um bocadinho menos de medo. Porque o medo enfiou-se em mim como uma doença. Tudo me assustava e eu andava sempre a correr. Corria e corria e corria e o medo nunca acabava. E mudava de toca e dormia o sono desassossegado

daqueles que têm medo de morrer. Mas não voltei a ver animais pelados que gritam e têm patas como ramos, até muitas, muitas madrugadas e muitos anoiteceres depois, quando já tinha conhecido fêmeas, quando já tinha lutado com machos que se tinham esfregado contra as minhas árvores, e tinha defendido a minha parte da floresta e tinha vivido com corços e tinha visto corços pequeninos, e as árvores tinham ficado sem folhas e o frio tinha crescido e a comida tinha-se escondido, tinha endurecido e tornava-se difícil mastigá-la, e a água tinha arrefecido, tinha-se tornado branca e dura nas margens do rio. Numa manhã, estava sozinho a comer erva fresca e tenra, que voltava a ser deliciosa, e não queria nenhum macho perto, só queria uma fêmea, queria os machos longe, muito longe, se fosse preciso matá-los-ia. E o vento cheirava a madrugada, que é um cheiro sem sabor, como a água, tão boa que não sabemos descrevê-la, e levava o barulho dos ramos mais altos das árvores e dos pássaros alegres e cantadores. E de repente levantou-se o vento, como um pescoço, e então senti aquele cheiro nauseabundo, o cheiro terrível de animal pelado cravado no fundo de todo o meu medo. E os sons que faziam. Mas desta vez não gritavam, estes não gritavam. E os seus murmúrios ainda me angustiaram mais. Levantei a cabeça e estiquei as costas, eriçadas, prontas. Queria saber onde estavam e saber para onde é que tinha de correr, correr para sempre e nunca parar de correr. Correr como a minha mãe me tinha dito que corresse quando nasci. E então puf! Lancei-me, como as nuvens, mais rápido, como as lebres, mais rápido, a floresta movia-se por cima de mim, a terra trotava, as árvores afastavam-se assim que me aproximava. E então ouvi-o. O barulho. Pum. O estouro mais terrível que ouvi na minha vida, o mais ensurdecador, o mais lancinante. Como se, depois daquele estalido, todas as coisas tivessem de morrer. Como se nunca mais crescesse nenhum rebento, nem cantasse nenhum pássaro, nem a água voltasse a molhar, nem o Sol a nascer. Um barulho como um mal. E achei que aquele som me mataria. Me mataria com todas as coisas que morreriam depois do barulho. Eu morreria porque o som me tinha escolhido. Adeus, floresta. Adeus, madrugadas. Adeus, pássaros. Adeus, Sol. Adeus, corço que eu sou. Adeus, corços que são os outros.

Mas não morri e as pernas continuaram a correr, e a correr e a correr e a correr e a correr e a correr e a correr e a correr e a correr.

A cena

Estas montanhas são sublimes. Primogénitas. De outro mundo. Mitológicas.

Pirene era a filha do rei da Ibéria, Túbal. E Gerião era um gigante de três corpos de homem unidos pela cintura que roubou o trono a Túbal. Pirene fugiu por estas montanhas e Gerião pegou fogo a todas para a encurralar. Queimou-a viva, e Héracles cobriu o seu cadáver com pedras grandiosas, formando uma cordilheira como uma escultura mortuária que ia do Cantábrico ao Cabo de Creus. Estas montanhas chamam-se Pirenéus em honra de Pirene. É isso que nos conta o amigo Jacint Verdaguer. Os gregos eram mais violentos, estavam mais loucos. A mitologia grega relata que Pirene era filha do rei Bebrix e que Héracles, ao visitar a corte, a violou e ela deu à luz uma serpente. Então, a princesa fugiu para as montanhas e ali foi devorada pelos animais. Segundo os gregos, foi o próprio Héracles que, depois de violá-la e de deixá-la grávida, encontrou o seu corpo devorado pelos animais selvagens na montanha, e lhe concedeu honras fúnebres e atribuiu o seu nome a estas montanhas. Muito bem, Héracles, obrigado!

Este é o caminho que se faz quando se bate em retirada. Por onde fugiram os republicanos. Civis e soldados. Em direcção a França. Hoje a manhã está húmida. Respiro fundo para que este ar tão limpo, tão fresco e tão puro de montanha encha os meus pulmões. Este aroma de terra e de árvore e de manhã. Não é de estranhar que as pessoas cá de cima sejam mais bondosas, mais autênticas, mais humanas, já que respiram este ar todos os dias. E bebem água deste rio. E contemplam diariamente a beleza destas montanhas mitológicas, tão belas que até a alma dói.

Subo até à aldeia. Deixei o carro na parte de baixo do vale perto das oito da manhã. Comi uma sandes ressequida e nem sequer tomei café. A última vez que estive aqui, na Primavera passada, um camponês disse-me que estes penhascos estão amaldiçoados e que, de dez em dez anos, morre alguém atravessado por um raio. O camponês disse-me que se chamava Rei. Tinha uma cara muito vulgar, uma boca desdentada e uma pele tão seca que era possível ouvi-la ranger quando esfregava o nariz. Tem cuidado, vê lá se tu não és o próximo, dizia-me. Atravessado por um raio. E ria-se. As

nuvens acumulavam-se em cumes de tempestade. Tem cuidado, vê lá se não és o próximo. O rei dos loucos.

Aqui em cima as paixões também são mais cruas. Mais despidas. Mais autênticas. Aqui em cima a vida e a morte, a vida e a morte e o instinto, e a violência, estão presentes em cada passo. Todos nós, os outros, nos esquecemos da transcendência da vida. Nós, os da cidade, vivemos todos apáticos. Mas aqui, aqui vive-se todos os dias. Quando começa o bom tempo, mesmo que seja um bom tempo incipiente e pouco convencido da Primavera que está à espreita, preciso de subir à montanha pelo menos uma vez por mês. De deixar tudo para trás e passar um dia no campo, sozinho ou acompanhado. Se tivesse possibilidade de comprar uma casa, uma pequenina, aqui em cima, uma casa de campo de Verão, chamá-lhe-ia *Can Gentil*[6]. Mas tinha de ser uma casa de campo, porque jamais compraria um chalé.

Aqui em cima o tempo também tem outra consistência. É como se as horas não tivessem o mesmo peso. Como se os dias não durassem o mesmo, nem tivessem a mesma cor nem o mesmo sabor. Aqui o tempo é diferente. Tem outro valor.

Por entre as folhas das árvores penetra um sol amarelo e matinal. Ouço o rio a correr contente. E, quando saio do sendeiro húmido e afundado e começo a subir, vejo algumas casas espalhadas ao longe, no outro lado da cumeada, e se calhar as montanhas lá ao fundo já são França, e Espinavell no fim, meu Deus, que paisagens e que montanhas temos, devíamos estar muito orgulhosos, e às vezes, lá em Barcelona, todos apertados no buraco, esquecemo-nos disso. São uma beleza. São impressionantes. É preciso subir até aqui no Outono, quando as cumeadas ficam de todas as cores, vermelho, castanho, cor de focinho de vaca pirenaica, ocre, e cor de laranja, e grená e cores nunca vistas, com um Sol amarelo como a gema de ovo. Adoro passear pela montanha. Adoro. Que emoção. Ver vacas e cumeadas. E, lá ao fundo, o Canigó. Que lugar! Enche realmente o coração.

Chego à aldeia, e a aldeia é um postal maravilhoso. Com esta igreja românica quadrada e maciça e senhorial. O sol já está forte e continuo a subir. A igreja fica à minha direita, as primeiras casas, à esquerda. Num prado vedado, há dois cavalos, um castanho e um branco. Mesmo à entrada. Como se fosse uma aldeia de há mil anos. Arranco um punhado de erva e aproximo-me da vedação para ver se os tento, mas não me ligam nenhuma. Lindíssimos. Corpulentos. Com umas patas valentes e uns pescoços como que de touro. São os cavalos dos Pirenéus.

O talho onde quero comprar um bocadinho de *botifarra*, de

botifarra a sério, da boa, não daquela que vendem em Barcelona, fica pertíssimo da igreja. Quando subo à montanha, abasteço-me. O talho é um lugar muito autêntico. Aqui o tempo parou. Com os balcões de mármore velho e cor-de-rosa de tanto sangue. E a tijoleira de cor ocre. E cortininhas brancas de croché por todo o lado. E tudo etiquetado à mão. E uma luz fluorescente que pisca de vez em quando. E as garrafas de água no chão, e as estantes cheias de todas as coisas que possamos imaginar e ainda mais, todas misturadas, e empoeiradas e forradas com uma toalha de plástico de quadradinhos brancos e vermelhos. Parado no tempo. Quem nos atende atrás do balcão são um senhor velho e uma rapariga jovem, ambos com um sotaque tão cerrado que temos de nos concentrar para perceber o que dizem.

Mas o talho está fechado. Consulto as horas. Onze. As aldeias são incríveis, com esta tranquilidade, com esta parcimónia com que encaram o trabalho e a vida. Adoro! Quem me dera que tudo fosse assim. Vou à padaria. À distância de uma rua e meia. Fica tudo perto. As ruas sem sol estão húmidas. O empedrado, escuro, brilha. A padaria também está fechada. Volto a olhar para o relógio. Onze e cinco. Agora não percebo nada. Viro-me e cruzo-me com duas senhoras. Estão vestidas de preto. São velhas, muito velhas, como que saídas de uma história. Cabelo branco e ralo e encrespado. Rostos enrugados com manchas e verrugas, e bocas de lábios lilases e agudados.

— Porque é que hoje está tudo fechado? — pergunto-lhes.

Uma delas vira-se e olha-me de cima a baixo com desprezo. Aguenta o meu olhar e responde:

— Vamos ao funeral.

— Os do talho e os da padaria também vão ao funeral?

A mulher vira-se e não responde. A sua acompanhante, com muito menos maldade, explica-me:

— O Hilari de Matavaques morreu. Foi morto pelo filho dos gigantes, na floresta. Estavam a caçar e tiveram um acidente e o Hilari morreu — diz-me. — O Hilari de Matavaques morreu. Como o pai dele. Tinha vinte anos. Que desgraça.

Não estou a perceber nada.

— Um acidente de caça?

Começam a andar e, sem se virar, responde:

— Sim.

Bato com o nariz na porta em frente da padaria. Não deixaram nenhuma nota afixada. Nem um obituário. Nada. São onze e um quarto. O talho e a padaria são as únicas duas lojas da aldeia. No talho é possível comprar tudo e mais alguma coisa, leite e sumos e

até massa e arroz e vinho. Na padaria há ainda mais diversidade, vendem até detergente para lavar a louça e esfregões e cabos de esfregonas.

Dirijo-me ao café. Tenho vontade de tomar um café e de comer um *croissant*, para matar a fome e o azar. Penso, bolas, de certeza que o café também está fechado. Que grande merda. O café está fechado. Porra, meu Deus do céu. Come-se bem neste sítio. O café é horrível. Isso é verdade, aqui em cima ninguém sabe fazer café. Os donos moram no andar de cima. Toco à campainha. Nada. Talvez também estejam na igreja. Toco de novo à campainha. O som retumba, estridente. A porta da casa, mesmo ao lado da persiana do café, é de madeira vermelha e vidros lacados com sanefas e desenhos de jarras e plantas. Ouço um barulho de portas. E entrevejo, através do vidro branco e opaco, alguém que desce. Ainda bem, penso para mim. Quem me abre é um homem muito velho. Com alpercatas. Barba branca e curta, bochechas caídas e nariz grande e protuberante e um olho de vidro. Um olho de vidro opaco e amarelo e feio, tão mal feito que parece de plástico.

Diz:

— O que é que queres?

Fito o olho de vidro:

— Bom dia.

Não responde.

Acho que hoje tenho de me dirigir ao olho vivo. Mudo. Este outro olho é de peixe, húmido.

— Ainda vão abrir hoje? Estou a dar um passeio e já vi que está tudo fechado.

Volto a fitar o olho de fingir. Sobressai mais do que o outro e parece de brincar. Não responde.

— Gostava de almoçar alguma coisa ou de tomar um café.

Silêncio.

— Olhe, se não tem de abrir hoje, será que me podia vender uma baguete? Qualquer coisa que me permita não passar fome, pois tenho o carro lá em baixo, a duas horas de caminho.

Dirijo-me ao olho bom, para ver se o conquisto.

— Não.

— Qualquer coisa.

— Não — repete mais alto —, eu abro amanhã!

— Está bem, caro senhor, mas amanhã de manhã a baguete vai estar dura.

— Não — repete. — Fora daqui!

Disse, fora daqui! E fecha a porta. Fecha a porta! Fecha-me a porta na cara. Começo a ficar furioso. O que é feito da bondade

humana? Da solidariedade? Da generosidade? Por amor de Deus. Que loucura. Que mau feitio. Volto para trás. Tê-la-ia vendido a qualquer habitante da aldeia, tê-la-ia oferecido. Tratou-me como a um estrangeiro, a um forasteiro. Como as velhas. Recuo. Passo pelo talho fechado. Nem uma nota. Nem um obituário. Estou transtornado. Há pessoas no fim da rua, em frente da igreja. Muita gente. Todos os habitantes estão vestidos de preto. Quando passo por lá, tiram o caixão do morto. A luz é amarela. Tudo o que vejo, a igreja, os velhos, o caixão escuro, a coroa de flores, os dois cavalos na encosta, as montanhas ao fundo, tudo é ainda mais de postal. Lindíssimo! Se fosse pintor, subiria até aqui para pintar este tipo de quadros. Cenas rurais. Os velhos e as velhas, as boinas, os lenços. O sol sobre a igreja, sobre o caixão de madeira. O campanário. É tão bonito que elimina a minha raiva. Tão pitoresco. Estou mesmo a morrer de fome e o velho zarolho tratou-me abaixo de cão, mas a beleza conquista-me. A vida e a morte. Imaginei o caçador que foi morto com o cabelo comprido, como o Gentil. Os vizinhos passam ao meu lado, o caixão encabeça a marcha. Que trágica é a vida aqui em cima. E eu fico assim durante algum tempo, estupefacto, a contemplar a cena.

[6] Personagem principal de *Canigó*, poema épico de Jacint Verdaguer (1845-1902). (*N. do E.*)

A poesia

Escrevi este poema para um bom amigo.

Eu vejo tudo; os caminhos e as árvores, o céu e o Sol, as manhãs e as noites e as pedras e as urtigas e a bosta das vacas e os cumes, e as rochas, e o fumo ao longe, e os sendeiros de javali... tudo, a rimar. Trago a poesia no sangue. E conservo todos os poemas dentro da memória, como numa cómoda arrumada. Sou uma jarra cheia de água. De água simples como a das torrentes e a das fontes. Inclino-me e verto um jorro de versos. E nunca os ponho no papel. Para não os matar. Porque o papel é a água doce do rio que se perde no mar. É o lugar onde fracassam todas as coisas. A poesia tem de ser livre como um rouxinol. Como uma manhã. Como o ar suave do entardecer. Que vai para França. Ou não. Ou para onde quiser. E porque também não tenho papel, nem lápis.

POEMA PARA O JAUME

Como a casca de um ovo, o barulho foi branco.

O cabelo, na cara, tapava-me,
como umas cortinas, como folhas e ramos,
as árvores, o animal, as mãos do Jaume.

A luz picava, o Jaume chorava.
O corço corria leve como o vento.
Não chores, Jaume, vamos buscá-lo,
não chores, Jaume, pois não me magoei.

Como uma saca de batatas, como uma criança,
como um corço morto, sobre o teu ombro.
Eu não te queria entristecer, tão sozinho, Jaume,
eu não te queria deixar sozinho, tão triste, Jaume.

Depois de recitar um poema, espero sempre um bocadinho. Depois do eco das palavras, depois de a minha voz tocar levemente em todas as coisas e de encher todo o espaço entre os objectos, fico em silêncio. Para separar o poema do resto. E ouço. O poeta fala. O poeta proclama. Mas o poeta também ouve. Algum pássaro. O vento que volta a ser dono e senhor do espaço entre as folhas. O silvo baixo do mundo no fundo de todos os ouvidos...

Escrevi este poema para mim:

POEMA PARA MIM, HILARI

Eu canto à lua cheia,
dente canino redondo da noite amável,
gata prenhe.

Canto ao rio gelado,
companheiro da alma,
como uma veia, como uma lágrima.

Canto à floresta atenta,
saciada de peixes, lebres, míscaros.

Canto aos dias magnânimos,
à brisa de Verão, à brisa de Inverno,
às manhãs, aos entardeceres,
à chuva miudinha, à chuva zangada.

Canto à ladeira, ao cume, ao prado,
às urtigas, à roseira-brava, ao silvo.

Canto como se semeasse,
como se esculpissem uma mesa,
como se erguesse uma casa,
como se subisse a uma colina,
como se comesse uma noz,
como se acendesse uma brasa.

Como Deus a criar os animais e as plantas.

Eu canto e a montanha dança.

A poesia tem tudo. A poesia tem a beleza, tem a pureza, tem a música, tem as imagens, tem a palavra pronunciada, tem a liberdade e tem a capacidade de comover, e de deixar vislumbrar o infinito. O mais além. O infinito que não está na Terra nem no Céu. O infinito dentro de cada um. Como uma janela no cimo da cabeça que não sabíamos que tínhamos, e que a voz do poeta abre um bocadinho, um bocadinho, e lá em cima, por essa fenda, espreita o infinito.

Escrevi este poema para a minha irmã Mia. Porque um dia deixámos de nos ver para sempre:

POEMA PARA A MIA

Serei o adubo da tua horta,
o tomateiro, a bicha-cadela,
a alface frisada, a erva-daninha.
O meu coração, Mia, é uma pedra.
Derreterei pouco a pouco,
como manteiga; com o ancinho na mão,
bater-me-ás com a terra.
O meu coração, Mia, é uma pedra.
Uma rocha redonda como uma saudade,
um punho pequeno como um amor.
Que não se molha, que não se parte,
o meu coração, Mia, é uma pedra.
A casa, a mãe, as mulheres e os homens,
o carro, a cadela, a televisão, os domingos
deslizam pelas minhas costas como um rio.
O meu coração, Mia, é uma pedra.
Mas tenho um peso no peito, a lembrança de uma pedreira,
mágoa dura, poema triste.
Irmã da tua,
o meu coração, Mia, é uma pedra.

Este último é um dos poemas dos quais me sinto mais orgulhoso. Não é um poema triste. Que ninguém se engane. É um poema melancólico. Porque às vezes a beleza é de cortar a respiração. Eu não sinto muitas tristezas nem melancolias, mas a tristeza, a melancolia, tal como a beleza, são importantes para a poesia.

Aprendi estas coisas sozinho. A importância da melancolia no peso de um poema. Ou as cores das palavras e dos versos. Eu sou sobretudo um poeta autodidacta. Febril. Um poeta às apalpadelas. E sinto-me orgulhoso disso. Não tenho saudades do peso da tradição que carregam aqueles que leram e estudaram. Embora isto não se deva dizer. Noutra vida li um pouco de Verdaguer e um pouco de Salvat Papasseit. E já está. Dentro do livro de Verdaguer, que se chamava *Canigó*, e que a mãe guardava na cómoda,

E mais acima e ainda mais acima até ver a cara do criador!

havia uma passagem que dizia:

*Quero-te a ti,
camponês e poeta.
Toma este livro
que celebra a nossa união.*

No livro de Papasseit, que se chamava *O poema da rosa nos lábios*, e que a minha mãe guardava na cómoda,

Nada é mesquinho nem nenhuma hora agreste nem é escura a ventura da noite!

também havia uma passagem:

*Os meus lábios são uma rosa
que se abre ao teu beijo.*

Estavam ambos assinados:

A tua Sió

e tinham data de:

21 de Maio de 1964

data em que os meus pais, o Domènec e a Sió, se uniram em santo matrimónio. A minha mãe guardava a poesia na cómoda. Eu não me lembro do meu pai. A minha mãe dizia que era um camponês poeta. Eu perguntei-lhe se tínhamos algum dos seus poemas. A minha mãe disse que não os escrevia, que os dizia em voz alta. E então perguntei-lhe se se lembrava de algum poema. E disse que não.

A certa altura, a desmemória e a negligência da minha mãe fizeram-me zangar.

Mas agora penso que é precisamente isso que torna os poemas do meu pai mais puros, melhores, mais poéticos, absolutamente transcendentais, poemas muito melhores.

Como os meus.

Escrevi estes dois poemas para os meus pais:

Deixo espaço para respirar.

POEMA PARA A MINHA MÃE

Vem, mãe, vamos fazer companhia um ao outro,
como as telhas da nossa casa,
como as árvores da nossa casa,
como Jesus e José e a mãe de Deus.

Vem, mãe, vamos falar
das coisas que acontecem na floresta, à noite,
das coisas que acontecem no coração, à noite,
e dos raios que calcinam o céu, e os maridos.

Vem, mãe, vamos cantar
melodias para adormecer os prantos,
melodias para consolar os prazeres,
canções para fazer dançar os mortos.

A inspiração, boa companheira, vem de tempos longínquos, e também das coisas que estão perto. Uma pessoa lembra-se de quando era pequena, ou do dia em que morreu, ou de todas as manhãs seguintes, ou pensa na sua mãe, ou observa todas as coisas que tem à sua frente, a noite e as pedras, e chega a inspiração, e preenche as bochechas e o nariz de uma alegria de vinho doce.

Costumo escrever a pensar em pessoas. Penso em alguém da minha vida de antes ou da minha vida de agora e escrevo-lhe um poema. O som dos aplausos amigos é afectuoso, agradável. Que som fazem as mãozinhas da Palomita, parecem nozes, ou música. Gosto de escrever a pensar em pessoas porque é como um presente. Porque a voz do poeta convoca. Convoca os seres queridos e os tempos passados e os tempos futuros. E aqueles que o poeta nomeia congregam-se e fazem uma roda enquanto dura o som da voz, como uma fogueira, que é intensa e que aquece e que arde, mas que também se apaga quando chega o momento.

Este é o poema para o meu pai, que referia:

POEMA PARA O HOMEM LEBRE

Dormes ao relento, como as lebres
sem casa, sem gruta, sem lura,
como cobertor a intempérie,
como abrigo um matagal.
Coração pequeno cheio de pavor
nunca fecha de todo os teus olhos,
escondido entre lugares sombrios,
saltas, foges, morres de medo.
Como o caruncho, como as ervas-daninhas,
o pavor invadiu-te.
Devorou as tuas palavras,
as memórias, os dois filhos.

Eu nunca explico os meus poemas.

Escrevi o seguinte para o corço que fugiu de nós no dia em que o Jaume me matou sem querer:

POEMA PARA O CORÇO QUE FUGIU

Corre, voa, corço,
que virá o caçador.
Pelo buraco que fará o disparo
entrará o mal,
fugirá a sede.

Corre, voa, corço,
que te arrancará os cornos,
e, ao fechar os olhos,
te esfolará a barriga
e nela enfiará retraço.

Corre, voa, corço,
que muito longe daqui há prados mais verdes,
há fêmeas, há água cristalina,
entardeceres amarelos,
manhãs mais frescas.

Gosto muito desta última estrofe.

E, no poema para a minha mãe, gosto muito dos versos que dizem:

Vem, mãe, vamos falar
das coisas que acontecem na floresta, à noite,
das coisas que acontecem no coração, à noite.

O poema seguinte é, sem nenhuma dúvida, o poema merecedor
do aplauso mais demorado da história da poesia em catalão:

POEMA PARA A DOCELTA, A MARGARIDA,
A EULÀLIA E A JOANA

Este poema é para vos dizer,
mulheres amigas,
de dedos compridos
como gomos de laranja:
muito obrigado
pelas amoras
que nos deram ontem à noite.
Eram boas e negras e doces
e comemo-las com leite.

Às vezes canto os poemas. Para brincar, para experimentar. A poesia também é um jogo. O poeta deve ser brincalhão. A poesia é um assunto sério, dos mais sérios que pode haver. Mais sério do que a morte e do que a vida e do que tudo. Um assunto profundo e vital. E por isso mesmo deve saber brincar e deve saber rir e deve saber usar a ironia.

Compus esta canção para a minha querida Palomita, a minha pomba. E há tanto ritmo dentro do próprio poema que cantamos a canção mesmo se não quisermos. Eu canto-a a fazer vozes diferentes, e caretas, e a Palomita ri sem parar, bate palmas e diz, mais, mais!, e nunca se cansa de que lhe cante a sua canção:

Eu tenho uma pomba
linda como o sol
tem dor numa perna
e um coto bem mole.

A pomba viu coisas
tão longe daqui,
de dia está alegre,
à noite não ri.

Sonha com falangistas,
padrecos e soldados,
tem calma, passarinho,
já foram para outros lados.

Eu tenho uma pomba
alegre como o pão,
chama-me irmãozinho
e eu faço de irmão.

O irmãozinho de todos [7]

Quando a bomba caiu, cortou-me a perna. Zás!

Zás! Não. Havia sangue e carne e cheirava a pêlos de varrasco queimados, e os médicos tiveram de me cortar a perna.

Eu queria um irmão mais velho e só tinha dois irmãos mais novos, tão pequenos como pardais assustados, e eu abraçava-os e dizia-lhes que não deviam chorar.

Eu não choro porque gosto da floresta, e da montanha, e de tudo o que há nelas. E gosto do meu irmão mais velho. Chamo-lhe *germà*, *germà*, irmãozinho, Hilari, e, como não pode dar-me a mão, porque preciso das mãos para agarrar nas muletas, põe-me a palma na nuca. Como uma concha.

Quando a bomba caiu, a mãe morreu, e a Rosalía, que era a nossa vizinha, também morreu, e a mim cortou-me a perna e ao meu irmão Juan cortou-lhe o pé. A minha mãe e a Rosalía e a tia Juani disseram que vinham aí os aviões. Eram italianos. Disseram que tínhamos de correr muito, muito. Que iríamos para os campos, para os olivais. Quando saímos das casas, chegaram os aviões. Corremos muito, muito, e a bomba apanhou-nos no campo de futebol. Corríamos e corríamos e de repente a minha mãe gritou para nos deitarmos de barriga para baixo, cubram a cabeça com as mãos! Ouviam-se as bombas a cair nos telhados. E era tudo branco e estava tudo quieto, e o assobio nos ouvidos era muito forte, porque nos tinham lançado uma bomba. A fazer pontaria. A tia Juani não era a nossa tia, mas toda a gente lhe chamava «tia». Quando a minha mãe e a Rosalía morreram no hospital, o meu pai não disse nada, e depois levaram-nos para Lérida, e depois para Barcelona e depois, quando eu e o Juan saímos do hospital, cada um com as suas muletas, fomos para La Garriga.

Gosto do meu irmão mais velho porque sabe a resposta para muitas perguntas e porque sabe poemas. Gosto da floresta porque não me mete medo. Porque é alegre. Porque os soldados não aparecem, porque não há soldados, nem irmãos mais novos que choram sem que possamos convencê-los a parar. Que dizem, vamos para casa, por favor, por favor, vamos para casa. Nem pais tristes. Só o meu irmão mais velho, o Hilari, o meu *germà*, que é o *germà* de todos, de todos os que queiram ser seus irmãos. Eu quero. Apesar de

às vezes ter saudades do Juan e do Pedro, que são os meus irmãos mais novos, tão pequenos como pardais que choram, pardal com uma pata doente, e gostasse que viessem brincar na floresta, tomar banho no rio, e que conhecessem o nosso irmão, e que ele lhes dissesse que já não vai acontecer nada mau.

Se alguém pensar em coisas da guerra, fica triste. Os nossos deitaram abaixo todas as pontes, para que os nacionalistas não pudessem chegar com os carros de guerra e para que nós conseguíssemos fugir como formiguinhas, até as meninas com muletas, e os meninos com muletas. La Garriga era uma aldeia muito triste. Quando o meu pai trabalhava na fábrica de açúcar, cheirava a caramelo, quando trabalhava como vigilante em La Garriga cheirava a tristeza.

Depois entrámos nos camiões. A caminho de França. E depois já não se podia ir de camião porque estava tudo cheio de coisas e de carroças e de malas e até de carros abandonados. Eu gostei da montanha. Estava sempre muito frio. Gostei mais do que tudo o que tínhamos visto e mais do que da nossa aldeia e mais do que de Barcelona e do que de Lérida e do que de La Garriga e do que de tudo. Gostei porque, se olhássemos para as árvores e para a neve e para os cumes, podíamos esquecer a guerra, e os prantos dos irmãos mais novos, pequenos como pardais, e o medo e tudo. Como se a neve fosse lixívia. Limpa, limpa. Mas não se deve ficar triste. Eu nunca choro. Mas às vezes sonho e depois choro. Porém, a culpa não é minha. É como quando sonhamos e fazemos chichi na cama. Quando acordo dos sonhos do pranto, encolho-me como uma pomba para que o meu irmãozinho me cante a canção da pomba, da Palomita, que sou eu.

O meu irmão e eu temos uma casinha como um buraco redondo dentro de uma encosta. A nossa casa é como um dente, como um dente pontiagudo que sobressai entre as árvores e os matagais. Dormimos no coração da casinha, que é como uma toca, como uma cama. E subimos ao telhado, vemos o vale lá em baixo, com todas as árvores de mãos dadas como a lã de uma camisola, e as montanhas irmãs lá em cima, e o rio que não se vê, mas ouve-se, e às vezes olhamos para a Lua do telhado, que não é um telhado, é uma rocha pontiaguda. Eu chamo à nossa casa casinha. As senhoras chamam-lhe Roca de la Mort, que significa Rocha da Morte. Um dia perguntei ao meu irmão mais velho:

— Porque é que a nossa casa se chama Roca de la Mort?

Ele disse-me:

— Porque é que tu te chamas Eva?

Eu encolhi os ombros porque nunca ninguém mo tinha contado.

A minha mãe chamava-se Elena, o meu pai chamava-se Israel.

O meu irmãozinho mais velho disse-me que uma pessoa nunca escolhe o seu nome. Que se chama Roca de la Mort porque as pessoas lhe chamam assim. Também se chama casinha se tu lhe chamares assim. As coisas chamam-se como as pessoas lhes chamam.

Eu disse-lhe:

— Se é só a nossa casa, só eu e tu é que lhe podemos chamar casinha.

— Sim — respondeu-me —, há nomes que só podem ser usados por algumas pessoas.

Como irmãozinho.

Quando chegamos ao *coll*, *coll* quer dizer desfiladeiro em catalão e fica lá em cima, longe do nosso pedacinho de floresta e da nossa casinha, tivemos de esperar três dias até abrirem a fronteira. Eu nunca tinha visto uma fronteira. Esperar era mais cansativo do que andar.

Depois disseram ao meu pai que na primeira aldeia francesa separavam as crianças dos pais, e escondemo-nos. Dormimos num curral duas noites. Como galinhas. Como ovelhinhas. Entre a palha. E cheirava a esterco, mas era um cheiro agradável. A comida. No curral, os meus irmãos, quais pardais, choravam e choravam, porque queriam voltar para casa. Diziam, por favor, papá, por favor. E nevou. E depois apareceu um senhor francês que andava sem um pé, como o Juan. Apareceu para nos ajudar. E levou-nos à escola. À escola de uma aldeia francesa. Mas nessa escola francesa já não se estudava, dormia-se e esperava-se. A França era um país muito triste. E então eu e o meu pai adoecemos e levaram-nos outra vez ao hospital. O frio enfiou-se no meu peito e no do meu pai, como se nos nevasse no coração. E quando me curei e acordei, porque às vezes morrer é curar-se, regressei à montanha. Quando o meu pai morreu, estava tão triste que ficou no hospital. Era um hospital para tristes. E o avô Nono e a avó Nona vieram buscar o Juan e o Pedro, porque então eram órfãos, e levaram-nos de volta à aldeia, como eles queriam.

Eu regressei sozinha à floresta, porque era uma floresta calma e alegre, numa montanha alegre, para uma Palomita, para uma pombinha alegre como eu. Cheguei e tinha tudo um cheiro muito forte. E os animais zumbiam muito alto. Por todos os lados, bzzz, bzzz, abelhas e besouros e besouros ainda maiores e moscas e moscardos e mosquitos, como uma festa. E a erva era verde e amarela, e as flores eram brancas e lilases e azuis e cor-de-rosa. E o céu era de um azul muito forte. E o rio era muito frio. Quando

fugíamos, quase não se via o rio. Era como se também tivesse medo e se escondesse, e só se ouvia o seu murmurinho como um sussurro assustado. Mas se o encontrássemos uma vez, e o víssemos uma vez, já estava. Era nosso. Eu tomava banho e ainda tomo banho no rio todos os dias, porque a água tão fria se crava como facas e o coração fica contente. Tomo banho todos os dias, e a água é diferente sempre que o faço. Às vezes as facas são maiores. Às vezes são mais fininhas. E brinco com as sanguessugas e com as pequenas rãs, tão e tão e tão pequeninas, e com os girinos e com os percevejos-d'água. Na minha aldeia não havia rio. A minha aldeia era muito triste. E seco ao sol. E às vezes os peixes voam. E às vezes aparecem as senhoras para tomarem banho e dão-me mirtilos. As senhoras são simpáticas. Quando me vêem fazem psssss, psssss, como se eu fosse um animalzinho. E eu faço miaaaau, miaaaau, e riem-se; piuuu, piuuuu, âaa, âaa, e aplaudem e tocam-me no cabelo e tocam-me no coto da perna. As senhoras são divertidas e alegres, mas eu não gostava de viver com elas, gostava de viver sozinha e de tomar banho no rio todos os dias. E de caçar trutas. Com as mãos azuis e quietas. E, de repente, pam! Truta cá para fora. Deliciosa truta do rio alegre. E lançar barquinhos ao mar! Barquinhos feitos de pequenos troncos e erva, rio abaixo, saltando as pedras e os rápidos. Eu sigo-os pela margem, mas nunca até à aldeia da ponte bonita. Perguntei a um senhor, com bigode, na aldeia, quem é que tinha construído o rio, e disse-me que Deus. Depois perguntei ao senhor quem é que tinha construído a ponte, e disse-me, o *diable*. O *diable* é o diabo. E eu disse-lhe, o *diable* faz pontes muito bonitas. O diabo devia ter feito todas as pontes de Espanha. Ter reconstruído todas as pontes que os nossos deitaram abaixo. E olhou para mim muito triste, como se quisesse dizer «cala-te, rapariga», mas não disse nada. Os barquinhos ganham-me sempre, porque com as muletas avanço mais lentamente. Agora só tenho um sapato e uma meia. Antes tinha duas.

Eu não sou a única que regressou à floresta. Há sempre gente de passagem no pequeno caminho pelo qual fugimos. Todos os dias o mesmo pedacinho. Com a sua casa às costas, com um ar sério. Disse-lhes uma vez para virem tomar banho no rio, que na montanha não há guerra, que as guerras acabam, mas que as montanhas nunca acabam, que a montanha é mais velha do que a guerra, e mais sábia do que a guerra, que se estamos mortos já não nos podem matar outra vez. Mas não quiseram tomar banho. O meu irmão chama-lhes republicanos. Os republicanos são como eu.

Um dia, quando cheguei ao rio, o meu irmão estava a tomar banho. Mas eu nunca o tinha visto antes. No rio há dois fundões que

são meus. Um está perto, o outro está longe. O primeiro está sempre na sombra. Mas é profundo e podemos saltar desde as rochas e o rio desce rapidamente e podemos fazer barquinhos e mexer as pedras para fazer represas. A água está sempre fria. Do outro lado há um prado onde às vezes os corços estão a pastar. Nesta banheira há sempre girinos, e para chegar a ela podemos descer por uma encosta íngreme da montanha. É tão íngreme que aí a erva não cresce, só há carvalhos e abetos e urtigas. Ou podemos dar uma volta e descer pelos prados, atravessando alguns riachos e buracos de javalis. Depende da pressa que tivermos. Eu desço a montanha inclinada com o rabinho no chão e uso as muletas para afastar as urtigas e evitar as árvores.

O segundo fundão fica mais longe. Temos de continuar a andar durante muito tempo após o primeiro fundão. O sol dá sempre no segundo. E a água é mais calma e há peixes que voam e é melhor para pescar. É menos fundo, mas há espaço para nadar, e a água está mais quieta. Eu não sei nadar, mas estou a aprender por mim própria. Chegamos ao fundão do cimo de uma colina, e há rochas. Eu lanço as muletas às rochas, e às vezes caem na água e depois arrasto-me como uma lagartixa para descer. Uma vez caí directamente na água, mas não me magoei. Eu tomo banho nua porque não tenho vergonha. E porque ninguém olha para mim. E porque as senhoras que me dizem psss, psss e as outras senhoras da gruta também tomam banho nuas e ninguém tem vergonha. Teria gostado de ver as coxas e o peito da minha mãe. A minha mãe era alegre. No dia em que conheci o meu irmãozinho mais velho ele estava a tomar banho nu. De barriga para cima, com os olhos fechados, a cara sorridente e o pirilau a boiar. O pirilau era como o do Juan e o do Pedro, mas mais peludo. E tinha a pele muito branca e brilhava como um peixe. Não me assustou. Mas nunca tinha visto um homem no rio. Só eu e as mulheres é que estávamos ali. Era como se os homens fossem todos tristes.

Eh!, disse-lhe. Eh, tu! E pôs-se de pé. Este é o meu fundão! Como quando as crianças mais velhas tiravam as pedras de brincar ao Juan e ao Pedro. Eh, tu, menino tonto, devolve-lhe a pedra! O homem saiu da água e sentou-se na margem. Primeiro eu não me queria despir nem tomar banho; queria ficar como um cãozinho de guarda a vigiar a água. Mas depois pensei que, se era o meu fundão, eu podia fazer o que quisesse, e tirei a roupa e tomei banho. E ele ficou nu a um lado da margem, com todo o rabo e as coxas sujos de lama. E, quando me virei de repente, vi que tinha metido o dedo grande do pé no rio, e disse-lhe, podes entrar se quiseses, mas é o meu fundão. E entrou. E depois de tomar banho já não saiu dali.

Chamava-se Hilari e não queria ficar sozinho. Sabia muitas coisas sobre a montanha porque tinha estado ali antes, e sabia poemas, histórias e canções. Eu estava contente quando vivia sozinha na floresta. Gostava da floresta e da companhia, em alguns momentos, das senhoras e dos corços e dos coelhos. Até que me deparei com o meu irmão a tomar banho no meu fundão e ele ficou a viver comigo. Um dia eu apresentei-lhe as senhoras e disse-lhe, tens de fazer barulhos animais. E ele fazia muuuuuuu, muuuuuuu, como uma vaca, e as senhoras gostaram disso e cumprimentam-nos sempre ao longe e por vezes dão-nos fruta e nós, se pescarmos muitas trutas, damos-lhes alguma. E também lhe mostrei as outras senhoras da gruta, e disse-me que já as conhecia e eu disse-lhe que não podia incomodá-las e ele disse-me que tudo bem.

Hoje o meu irmão acorda-me e diz-me que tem de me mostrar uma coisa. Corre, Palomita, corre, *has de veure una cosa!* Eu agarro depressa nas muletas e saio da gruta apoiando o rabo na rocha. A nossa casinha está um pouco elevada. Para sair, pego nas muletas, deito-as fora, para o chão, que está sempre fofo pelas ervas e as folhas, e depois desço da rocha como se estivesse num escorrega. Sou um gafanhoto com uma só pata, que nunca se magoa. Para entrar na nossa casinha, pego nas muletas e atiro-as lá para dentro. Plás, plás, batem contra as paredes e o chão. Depois agarro-me às pedras que têm protuberâncias e orelhas onde me segurar, e, com a barriga colada à rocha, como uma rã, penduro-me primeiro pelas mãos. Tenho os braços muito fortes. E depois dou um saltinho com a perna e coloco-a em cima da pedra, e, quando estou apoiada, ponho as mãos um pouco mais acima, em direcção à curva da boca da nossa casinha, e outro saltinho, e depois as mãos já chegam ao confortável chão onde dormimos, e outro saltinho, e com os cotovelos no chão empurro a barriga e já está. Não preciso da ajuda de ninguém. Só se tiver muito sono é que deixo que o meu irmão me leve ao colo.

Ainda é cedo, a manhã está fresca e o sol está quentinho. O meu irmão espera nos matagais enquanto saio de casa, e depois corre à minha frente e pára de vez em quando para esperar por mim. Virase e fita-me e depois olha para o céu e depois continua.

Palomita alegre, diz-me baixinho, *bona companyia*, boa companhia. Quando o meu irmão me põe a mão na nuca, como uma concha, é como se me estivesse a dar a mão para o acompanhar. Às vezes, com a mão em concha, lê-me um poema. Ou conta-me coisas sobre os *pica-soques*, os pica-paus-cinzentos. *Pica-soques, pica-soques, pica-soques pica bé*, canta. O Hilari é o meu irmão mais velho, mas é um irmão mais velho pequenino que diz, Palomita, olha. Palomita,

anda. Palomita, tens de ver uma coisa. Palomita, fazes-me companhia?

Agora diz:

— Palomita, não podemos fazer barulho nenhum.

Consigo ser muito silenciosa. As muletas enterram-se no chão sem fazerem qualquer ruído, como as patas dos pássaros.

— Já estamos quase a chegar — sussurra.

Avançamos entre as árvores e os matagais, sobre a encosta, por baixo dos ramos. E diz-me:

— Chiiiu, chiiiu, vês?

Eu não vejo nada.

— Ali — diz-me. — Ali.

Vejo folhas castanhas, e folhas amarelas, e folhas verdes, e troncos cinzentos e castanhos e verdes, e é ali que o vejo! Nunca o tinha visto antes. Um senhor como um cão. Como um senhor louco que vivia na minha aldeia e chamava puta, vadia, às senhoras. Com o cabelo sujo e comprido e as unhas torcidas. Está magro e agachado e está nu e vemos-lhe todo o rabo. Está sujo. Tem a cabeça no chão. Aproximamo-nos um pouco mais. Está a comer erva. E depois enfia a cara na terra negra e come terra. Erva com terra. Raízes. Minhocas.

— Esse senhor é o meu pai — diz o meu irmãozinho.

O meu pai chamava-se Israel. A minha mãe, Elena.

— Como é que se chama o teu pai? — pergunto.

— Domènec — responde.

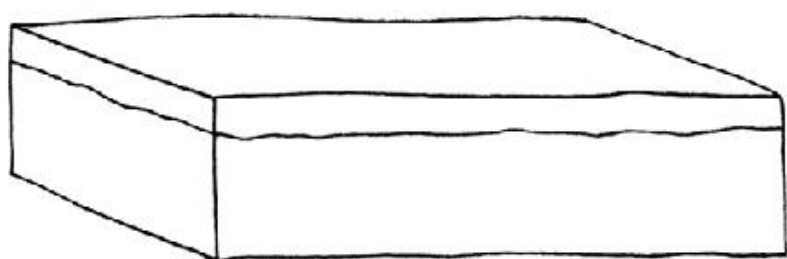
E eu não lhe digo que o pai dele está a comer terra, porque ele já reparou nisso.

[7] Todo este capítulo com exceção das palavras ou expressões em itálico encontra-se em espanhol no original. (*N. dos T.*)

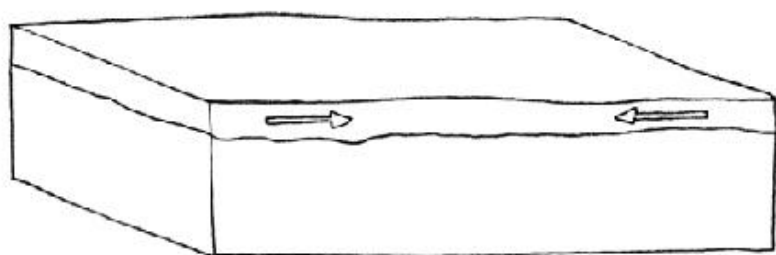
III

A colisão

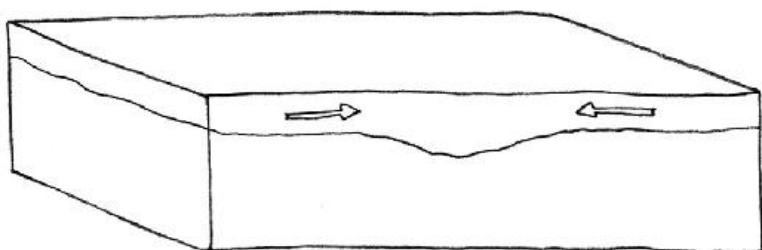
Não me procurem. Cega como sou. Imensa como me fizeram. Surda, de tão ensurdecador que foi nascer. Não têm nada que ver com a minha voz nem com a minha perspectiva. Deixem-me em paz.



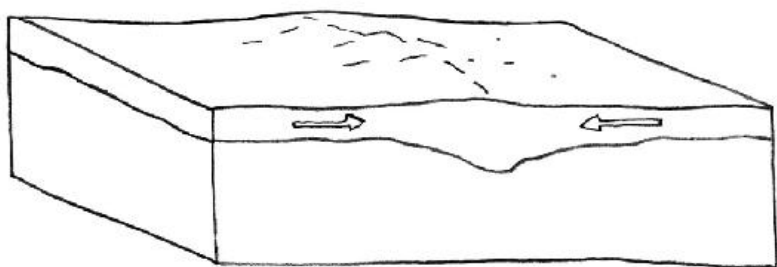
O meu sono é tão profundo que se mete por baixo dos mares. O mar tinha-me coberto milénios atrás e quase não me lembro disso. Cega e surda e adormecida como estou. Fora, fora. Cresçam, musgos. Reproduzam-se, bichinhos, pois o tum-tum das vossas patinhas embala-me, o crec-crec das vossas raízes ampara-me. Nada durará muito tempo. Coisa nenhuma. Nem a quietude. Nem a calamidade. Nem o mar. Nem os vossos filhinhos tão feios. Nem a terra que segura as vossas patas enfezadas.



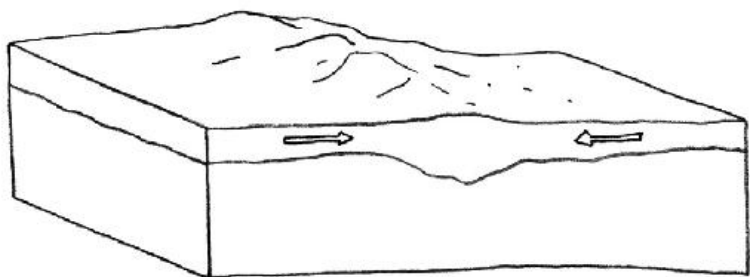
Ai, se me lembrasse do golpe.



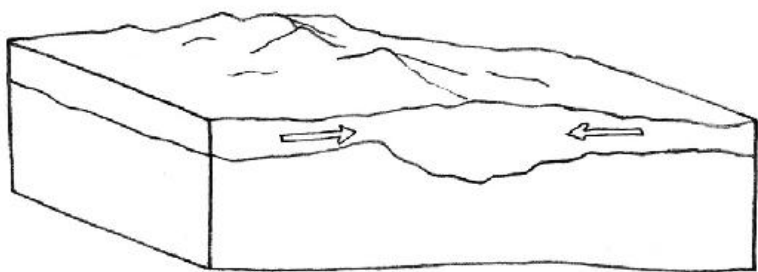
O terrível despertar.



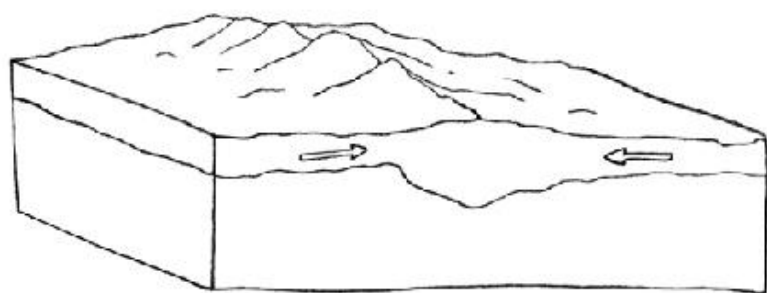
Se fizesse o esforço de evocar o rangido ensurdecedor. A profundidade incandescente, vermelha e incontável. Se recordasse o choque lento e terrível, a violência cega e aniquiladora, as sacudidas e os terremotos, as colunas de fumo e de pó, as brechas que se precipitavam até ao fundo da rocha líquida e quente.



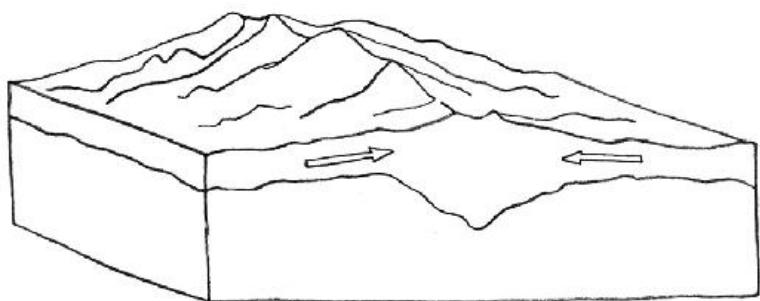
Se pensasse em como lançámos as vossas patinhas por um penhasco. Em como arrancámos as vossas raízes, miseravelmente aferradas a grumos de terra. Em como desfizemos a vossa casa, que nunca mais foi a mesma. Se me lembrasse de como morreram. De como morreram todos os que não voaram, todos os que não correram, todos os que eram demasiado grandes, demasiados pesados, demasiado burros, demasiado fracos.



Em como morreram, enquanto nós nos elevávamos. Lá em cima. Toneladas e toneladas de rocha e de terra, de granito, gnaiss e calcite. Levantámo-nos em direcção ao céu desde as profundezas. Com toda a tenacidade, com toda a paciência, com toda a lentidão, com todos os destroços. A pujança escura erguia-nos no ar, a força bruta mandava-nos lá para cima, a rocha contorcia-se, a terra sobrepunha-se, amontoava-se, dobrava-se, explodia.

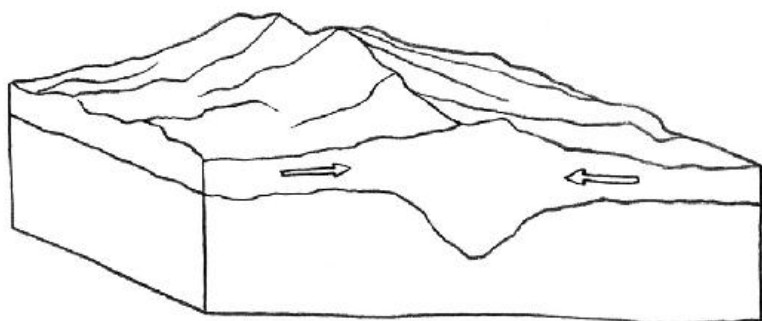


Agora deixem-me dormir em paz, crias desenraizadas, ervas-daninhas, tempestades raquíticas, árvores tristes. Chegaram mais, chegam sempre mais, como vocês. Para fazer ninhos e para fazer luras e para bater com as úngulas no chão. Para criar rebentos verdes nas árvores partidas. E as minhas paredes e os meus picos e as minhas cumeadas serviram-vos de esconderijos novos, meus desgraçadinhos, tão miseráveis.

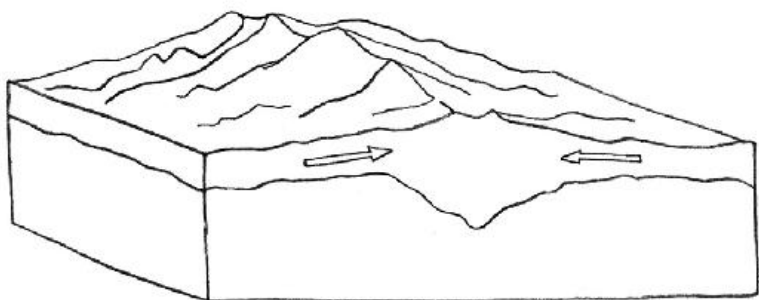


Venham cá, venham, que vos deixarei um pedaço de encosta para fazerem aí uma casa.

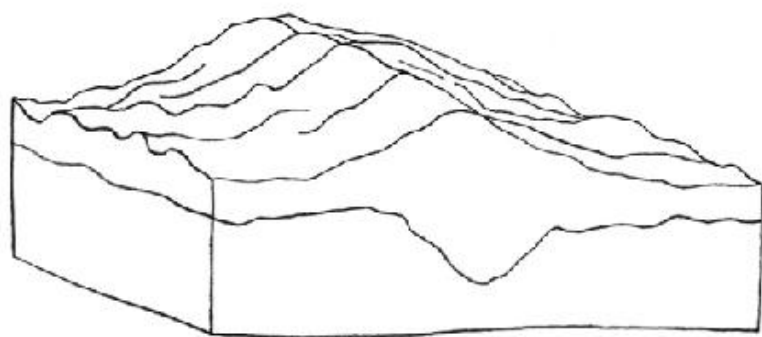
Mas não me obriguem a dizer mais nada. Silêncio. Já chega.



Não me obriguem a dizer-vos que depois, quando me tiverem cravado as raízes bem fundo, quando a lura vos for acolhedora, leal e boa, quando tiverem engolido a minha água fresca, quando tiverem fechado os olhinhos e tiverem dado um nome aos vossos filhos, que depois retumbará o golpe de uma violência cega, que é muito mais velha do que eu, muito mais infinita do que eu, muito menos misericordiosa do que eu. E aplicará novas forças.



Os continentes retorcer-se-ão sobre os seus alicerces. As paredes de rocha rangerão nos embates, o céu cobrir-se-á de repente, os rios de lava correrão incendiando tudo, o mar afastar-se-á e tremerá inteiro enquanto expludam os vulcões e o ar se encha de fumo e de cinza. Deixaremos de ser as montanhas que fomos, as casas e as tocas e os esconderijos e os socalcos e as cumeadas. E os nossos restos, os nossos despojos, os nossos penhascos converter-se-ão em vales, planícies, toneladas de matéria rochosa que se afunda no mar, novas montanhas.



Terá começado o movimento de novo. O desastre. O princípio seguinte. O enésimo final. E vocês morrerão. Porque não há nada que dure muito. E ninguém se lembra do nome dos vossos filhos.

Fazer nascer bebés

Todas as histórias são mentira. Ouve-me. Todas as histórias que contam. As que dizem que somos más. Mentira. As que dizem que somos boas e bonitas como a prata e que todos os homens ficam tão enfeitiçados que se lançariam às lagoas. Mentira. As que dizem que somos um mistério misterioso. Mentira. A maior parte dos homens são mentirosos. Os homens que inventam histórias e os que as contam. Os que nos recortam, e nos comprimem e nos enfiam dentro das palavras, para que sejamos como a história que querem contar, com a moralidade que querem contar. Recortadas e empequenecidas e metidas nas suas cabecinhas. Não é por serem mais idiotas e diminutas que são menos cruéis.

A Blanca, a tua mãe, mexia-se de uma forma que a fazia parecer um ganso e andava de um lado para o outro com a barriga cada vez maior. Tinha o ventre cheio e duro como um tambor, e o seu peito tinha-se tornado grande e dentro de pouco tempo daria leite. Como uma magia. Como uma magia a sério, porque lhe sairia da vulva um bebé inteiro, com todas as unhas, e com olhinhos e língua, que serias tu. Uma menina chorona e bonita, porque aos olhos das mães todos os bebés são bonitos, e porque tu serias realmente bonita.

A Blanca, a tua mãe, queria companhia. Antes. E foi à procura de um homem. E encontrou um. Encontrou um homem forte que trabalhava no campo, de mãos muito grandes e muito preparadas, que tinha a pele escura como a noite e os olhos negros e amarelos porque tinha visto coisas tristes e vivia muito longe do país em que tinha nascido. A Blanca e o teu pai amavam-se ao entardecer, sempre debaixo das árvores, por cima da erva. A Blanca punha-lhe as mãos no peito, e ele dizia-lhe noutra língua, olha, como uma borboleta. Mas a Blanca não queria salvar nenhum homem, depois de tantos anos a querer salvar homens. Nem queria levá-lo para casa. Só queria a semente, para ter uma menina morena como uma castanha. Cheia de riso e de ideias. Realmente bonita, porque é de carne. Não toda branca e toda prateada como um lírio. Não. De carne a sério. Que se pode morder! Roarr.

Muitos animais parem à noite. As éguas não parem se olharmos para elas, para protegerem o potro dos nossos olhos e das nossas intenções. Mas a Blanca entrou em trabalho de parto de manhã.

Numa manhã fria de Primavera. Tu ficaste quieta, lá dentro, preparada, e a sua barriga contorceu-se num espasmo estremecedor. Já aí vem, disse. E sentámo-la ao fundo, em cima de mantas e lençóis, e tudo lhe dava calor. E então saiu-lhe um tampão castanho, e água e água e água de dentro da vulva como se fosse uma fonte. E tu, que já não podes nadar, estás prestes a chegar e a Alba e a Flora correm para trazer as mulheres que sabem fazer nascer bebés.

Eu fico com a Blanca, e digo-lhe para respirar com as contracções, e pego-lhe nas mãos quando as minhas mãos não a incomodam. E dou-lhe chá de tomilho. E ponho mais água a ferver e preparo mais cobertores, e a Blanca geme de vez em quando, e depois, com o cabelo cheio de areia, diz, estou contente, estou contente, estou bem, agora vamos ter uma criança para brincar.

O Sol planta-se a meio da manhã e a Blanca gatinha. E baixa-se e respira com força e mexe as ancas de um lado para o outro e diz-me, cada vez me dói mais, é mais seguido. E eu digo-lhe, respira, respira, Blanca. E lembro-me de outras vezes. Das vezes em que eu levava filhos na barriga. Três, como três estrelas. E digo-lhe, Blanca, não te lembras da outra vez em que tinhas um bebé na barriga? E a Blanca responde-me, a dor esquece-se muito depressa... E sorri um pouco e depois diz, ai... e apoia as duas mãos no chão.

Os meus meninos têm o cabelo como a palha molhada, digo-lhe. E o homem que já não tem nome, porque o apaguei quando me levantou a mão e disse, tinhas de ser mulher de água!, e depois a baixou com força contra a minha cabeça, o meu rosto e o meu peito. Aquele homem disse que os filhos são dos pais, não das mães. E eu disse que não. Disse que eu já os levava dentro de mim há tanto tempo, e que se tinham feito de mim, e que tinham saído de mim, tinha-me aberto como um ovo que nunca mais se fecha. E gritou, tu cala-te, cala-te, cala-te, puta, não passas de um receptáculo! E contei-lhe que os meus filhos seriam como os pássaros e que não o amariam. E ameaçou-me de que se eu voltasse os mataria aos três. Mas os meus filhos cresceram e tornaram-se como os pássaros e partiram. Esta menina vai ser nossa, digo-lhe.

E então chegam a Alba e a Flora com uma senhora nova que sabe fazer nascer bebés. As senhoras que sabem fazer nascer bebés são sempre quatro. E têm todas o cabelo branco. Há uma que manda, que se chama Joana e tem o cabelo comprido e solto, e tem um ar severo e não fala, mas os seus olhos estão cheios das coisas que sabe. Há a que se ri, que se chama Dolceta e tem o cabelo entrançado, e é amiga da Blanca porque gostam as duas de dizer piadas e de se rirem. E depois há a Margarida, que chora sempre. E a Eulália, que nos conta histórias. Conta-nos umas histórias de que

gostamos porque nunca têm a voz nem os olhos dos homens que escrevem as histórias más.

As senhoras que sabem fazer nascer bebés vivem na floresta, mas eu nunca fui à gruta onde dormem. Um dia a Eulàlia disse-me que não era uma gruta como a nossa, que era uma gruta de bandoleiros, mas talvez fosse uma fábula.

A senhora que hoje está com elas tem o cabelo branco e curto, e usa um roupão lilás com um cinto. A Alba guia-a e a Flora vai atrás dela, e a senhora segue-as, leve e tranquila como um coelho.

Tem um ar cândido e atento. Entra na gruta e a Blanca abre os braços como se fosse uma criança que quer que a levantem no ar.

Está aqui, é ela, diz a Alba, e a senhora aproxima-se da Blanca, agarra-lhe nas mãos e sussurra-lhe, nós, os animais, sabemos parir. Sabemo-lo por natureza, e nós, as pessoas, somos animais e às vezes esquecemo-nos de tudo, até de que somos bichos. Presta atenção à criança e presta atenção à dor. Agarra-te à rocha, diz-lhe. Respira, diz-lhe.

E a Blanca entrega-se à mulher que sabe fazer nascer bebés como se fosse mãe. Então, a Blanca despe-se.

Isso, isso, diz a senhora. Como os bichos. Como é que te chamas, bicho?, pergunta-lhe.

E a Blanca diz-lhe, Blanca.

Onde é que aprendeste a fazer nascer bebés?, pergunta-lhe, e geme.

Ajudando as vacas a parir, responde a mulher. E tive dois filhos, acrescenta. A primeira como uma espiga, não saía, não saía. O segundo como uma rã, saiu sozinho.

Apalpa-lhe a barriga.

Vem de frente, diz. Os bezerros nascem de patas.

A Blanca não grita, deixa de respirar, aferra-se à parede e geme desde dentro, desde muito dentro, durante muito tempo, dolorosamente, com a cara toda molhada e o cabelo todo colado e com as mãos brancas da força que faz por se agarrar à pedra.

A senhora toca-lhe e olha para ela e diz-lhe, estás muito aberta e dentro de pouco tempo vamos ver a cabecinha. A Blanca põe-se de gatas e respira. A mulher diz-nos, tragam mais lençóis e mais água. E trazemos mais lençóis e mais água, e a Blanca geme e aperta os dentes cada vez com mais frequência e então, de repente, lança um gemido que começa com um aaaaah, um aaaaah para dentro, um aaaaah baixinho e quebrado que magoa o ouvido.

De cócoras, de cócoras, com os pés no chão, como se estivesse a fazer cocó, diz a senhora. E a Blanca levanta os joelhos e apoia os pés no chão e então a mulher acrescenta, vai ser rápido porque já

veja a cabecinha.

A Blanca diz, tenho medo. E a senhora que sabe fazer nascer bebés diz, não tenhas medo. E di-lo com segurança e severidade e a Blanca faz força. A mulher ajoelha-se atrás da Blanca e fica ali quieta, com as duas mãos por baixo da sua barriga. Um braço pela frente, o outro braço por trás do rabo redondo, branco e cheio da Blanca. A mulher põe as mãos na fonte por onde sai a vida, como se apanhasse uvas ou mãos-cheias de água, e então sai a cabecinha inteira. Respira, respira, diz-lhe, agora vêm os ombros. E põe as mãos à volta do pescoço da criancinha, como se fosse um peixe, ainda envolvida de cor lilás, e saem os ombros. Segura-lhe nas costas com o seu braço e, com a outra mão, no rabinho, que desce depressa, e saem as pernas, pequenas e dobradinhas, tão bem feitas. A Blanca põe outra vez as mãos no chão, como uma vaca, e tu já acabaste de sair e inspiras ar e choras com força, e a Blanca apoia as ancas na rocha, em cima do sangue e dos cobertores, com o cordão escuro e grosso entre as pernas. És uma menina! A mulher coloca-te em cima da barriga inchada da tua mãe, entre os peitos, como duas montanhas. Tens os olhos enrugados e as mãos enrugadas e os cabelos escuros, e a Blanca sorri muito, com um riso tão e tão brilhante, e uns olhos tão e tão brilhantes, e uma pele tão e tão brilhante, e com uma menina como uma borboleta escura no peito. E então sai a placenta.

Quando nasceste, a Blanca, atordoada e cansada, pergunta, como é que te chamas? E a mulher que sabe fazer nascer bebés responde que se chama Sió e que tem muito, muito sono. Encolhe-se a um canto e adormece logo. Dorme um dia inteiro. Dorme profundamente e quando se levanta damos-lhe sopa de tomilho e depois vai para a sua casa.

Três dias mais tarde, quando mamás como um bezerro e a Blanca anda devagarinho, como um ganso depenado, diz-me:

— Tinha as mãos quentes.

Não sei a que é que se refere, e continua:

— A mulher que me ajudou a parir o bezerro tinha as mãos quentes, como as pessoas das aldeias. — Chamou-te Bruna, mas todas te chamamos bezerrinho. — Essa senhora não foi enforcada. Tem uma casa com janelas e vive nas aldeias.

Deixo de tecer o que estou a tecer. Uns carapins pequenos para uns pezinhos pequenos.

Mas o que é que estás para aí a dizer agora, Blanca?

— Tu estás colada ao peito da tua mãe e chupas sem parar e a Blanca fita-te como se sonhasse e diz-me:

— Não voltará. Estava perdida, tinha-se perdido. A Alba ajudou-

a a voltar para casa.

Eu aceno que não com a cabeça porque não gosto daquilo, e dormimos inquietas durante algumas noites porque tu choras muito, e porque imaginamos as pessoas das aldeias a chegarem, encurralando-nos.

A neve

Saio do carro e sou recebida pela cadela e bato à porta e pergunto se posso entrar e, depois de me sentar à mesa, digo:

— Disse-o uma vez à tua mãe e ela não gostou. Mas agora que a Sió morreu digo-o a ti, Mía. Há alguém nesta casa.

Fita-me tranquila:

— É um morto, Neus? — pergunta.

— O que resta dele — digo.

— Quer alguma coisa má?

— Estaria melhor lá fora.

— Como os animais — diz. — É o meu pai?

— Não sei.

— É cego?

— Não sei.

— É o Hilari?

Não sei se é o Hilari.

— Posso pensar no assunto? — pede-me.

Não entro em Matavaques se puder evitá-lo. Tento não olhar para as janelas. Olho para a horta, para o jardim e para as cumeadas do outro lado. Quando sinto a sua presença, imagino um homem. Mas não é um homem. Imagino um homem para não ter tanto medo. Um homem zangado. Violento e descontrolado, com a certeza escura da força. Contrariado como uma criança. Embutido num canto. Envolvido no veneno do seu próprio fracasso. A chocar a raiva e a espera, como uma galinha a quem roubaram os ovos.

Antes nevava a sério. Nevava tanto que se formavam paredes muito altas dos dois lados da estrada, como uma prisão. Como um labirinto. Como um castelo. As crianças pegavam em sacos e lançavam-se das cumeadas sem trenó. Com o rabo em cima do saco, escorregando pela neve. Ouvíamo-las rir e gritar no silêncio absoluto da montanha coberta de neve. Como se as árvores e os animais, todos ao mesmo tempo, tivessem emudecido com o susto. Com a brancura deslumbrante. Como se a neve branca lhes tapasse a boca com a mão. As crianças celebram a neve. Porque a neve não se escolhe, é um pouco como a morte. Chega quando quer e muda tudo. O homem do tempo diz que vai nevar. Hoje. Eu digo que não vai nevar. Sei quando neva porque a luz é branca. Quando chove, a

luz é cinzenta, de um cinzento prateado. A luz cinzenta e a luz branca começam a ver-se quase um dia antes. Conforme a intensidade, sabe-se quanto falta para que chova ou neve.

A minha avó encontrava água com umas varinhas de ferro como dois eles, e o seu pai sabia quando choveria ou não, e as pessoas, que não gostavam nada do meu bisavô porque tinham medo dele, iam vê-lo, perguntar-lhe se deviam semear. Um dia estava a apanhar ervas com a minha avó e perguntei-lhe o que eram as cascatas. Eu via-as desde sempre, penduradas entre o céu e a terra, como as nuvens. Umas maiores, outras mais pequenas, de um azul disfarçado, bonito e transparente como o do rio. A minha avó olhou para a parte do céu para onde eu apontava e exclamou: «Ai, Nossa Senhora, minha filha! Fizemo-la bonita!» E não disse mais nada. A minha avó chamava-se Dolors. A avó Dolors não me disse que por baixo das cascatas há poços e rios subterrâneos. Não me disse que as cascatas indicam água nem que só eu, o meu bisavô e ela é que as víamos. Nem que era por isso que ela encontrava água. Nem me disse que quem vê cascatas vê mais coisas. Mas não com os olhos. Com a barriga e com todos os pêlos dos braços e da nuca, e com o fígado, com a pleura, o coração e a bÍlis, e com todas as partes do corpo sensÍveis ao medo e à tristeza. Nem disse nada da escuridão das esquinas. Nem das coisas tão tristes que são como uma bofetada. Nem das coisas que nunca se podem fazer, sob nenhuma circunstância. Nem dos que morrem e não partem. Nem dos buracos pelos quais a terra respira. Nem da balança.

Às vezes, na brincadeira, o meu marido chama-me Rainha das Neves. Porque me chamo Neus, que em catalão significa neves. E sei sempre quando vai nevar. Chamo AgustÍ ao meu marido, que é um nome que a sua mãe lhe pôs, mas toda a gente lhe chama aguazil. Menos as nossas filhas, que lhe chamam papá. Na história da Rainha das Neves, a Rainha das Neves tinha um espelho. Um espelho no qual só se viam coisas tristes e más quando olhávamos para ele. Uma vez uns duendes que tinham de transportar o espelho para o palácio de Inverno escorregaram, este caiu e partiu-se em mil pedaços. E estes mil pedaços espalharam-se por todo o lado. Meteram-se nos olhos de algumas pessoas e, desde então, tudo o que essas pessoas viam era triste e feio. E meteu-se dentro do coração de outras pessoas, e estas só sentiam rancor e dor. Um pedacinho de espelho meteu-se no meu olho, e eu vejo algumas tristezas, vejo o mal que algumas pessoas fizeram e sinto a presença daqueles que morreram e que ficaram presos neste mundo. E, se tiver coragem, e se tiver energia, ou se estiverem demasiado perto daqueles que amo, explico-lhes que têm de se ir embora.

O telefone toca. É a Mia. Neus, expulsa-o de casa, diz. Eu respondo-lhe que posso ir amanhã. Às segundas-feiras a Mia e a minha filha Cristina vão fazer uma caminhada. Façamo-lo de dia, digo. Diz que me pode fazer o almoço, digo que não é preciso. Chego às dez. Vais ter de esperar lá fora. E lembro-me do homem do tempo a dizer que vai nevar.

No dia seguinte o céu está como a barriga de uma mesa, baixo e liso e cinzento. Quando o Domènec morreu e a Sió ficou sozinha, visitava-a todas as semanas. Eu ainda não estava casada. Levava-lhe feijão, ou curgetes, ou qualquer coisa que servisse de desculpa para lhe fazer uma visita. E, anos mais tarde, quando a Sió perdeu o juízo, também vinha vê-la com frequência. Não o suficiente. Nunca nada é suficiente. Se entrava na casa, ficava sempre na cozinha. A cozinha é uma boa cozinha. E, se conseguia, na eira, à frente, onde o sol bate com mais força, pois nós temos um microclima neste pedaço da montanha.

Quando chego a Matavaques, a Mia sai com a cadela.

— Precisas de alguma coisa? — pergunta-me.

Não preciso de nada.

Entro. A casa observa-me em silêncio. A estranhar. Expectante. É uma casa antiga, mas não muito grande, uma casinha de campo ou de pastores. A entrada fica no final de três degraus como três dentes. É uma entrada pequena, de paredes rústicas e mosaicos de barro, todos diferentes. O cabide dos casacos e o sapateiro. Um armário embutido de madeira cheia de veios. Uma mesa maciça com uma bandeja com chaves e papéis e cartas. A cozinha fica à esquerda. A tijoleira é branca e tem algumas flores azuis. O lava-louças, de mármore cor-de-rosa, uma janela com cortinas bordadas e um escorredor antigo para os pratos, todos brancos, colocados para fora. Uma mesa robusta, escura e polida e brilhante de tão antiga e de tanto uso, e um banco que deve ter muitos anos, com almofadas de linho, e uma jarra com flores secas, e cadeiras pequeninas e uma televisão. A Mia é boa a restaurar móveis. A salvar coisas que não se podem salvar. E a casa está limpa e é acolhedora. Não como a nossa casa, sempre desarrumada. Tudo em pantanas, este meu marido e estes meus netos...

A zona dos fogões é nova. Tem um exaustor de madeira para o fumo, mas nota-se que essa madeira não viveu na floresta, que foi cortada e polida por máquinas sem coração. A lareira está acesa. É uma lareira antiga. Construída sobre o chão da casa, agarrada às paredes. Branca, com os bordos de madeira e o cano da carcaça de tijoleira suja de fuligem. Uma boa cozinha. A cozinha dá para uma despensa que tem a porta fechada onde eu nunca entrei. À esquerda

da entrada, fica o quarto onde a Mia dorme, que, se não me engano, tinha sido o do avô Ton. Entro para coscuvilhar, porque não há nada lá dentro. É bonito. Tem as paredes amarelas. Duas janelas altas. Um baú de noiva e uma cómoda e um armário, grandes e maciços, com sanefas simples talhadas na madeira. Um espelho pequeno, com uma bacia de porcelana. Uma cadeira cheia de roupa usada. Uma mesa-de-cabeceira com mais flores secas e *Vicks Vaporub* e medicamentos e um pequeno candeeiro e um rádio branco e uma fotografia da Mia e do Hilari, onde nem sequer devem ter vinte anos. E livros. Toni Morrison. Marta Rojals. Stieg Larsson. Com o autocolante do Bibliobus. Tem uma pequena esteira castanha ao lado da cama, que é onde deve dormir a *Lluna*. A cabeceira e os pés da cama são de madeira escura. É um quarto acolhedor.

O pai da minha avó Dolors, o meu bisavô, de vez em quando apanhava alguém sozinho e dizia-lhe: «Despede-te, porque vais morrer.» Era por isso que as pessoas tinham medo dele, todos aqueles que havia assinalado morriam poucos dias depois. E, quando as pessoas viam o meu avô chegar, tremiam. Aquele homem não vivia bem. Tinha um bando de corvos em cima da cabeça. Estas coisas não se podem dizer. Embora tenhamos reparado nelas, embora as saibamos. Porém, sabemos-las com a mesma certeza com que sabemos que o Sol nasce a este. Era isto que a minha avó me dizia. Chiiiiu e caladinhas. Tão caladinhas que não me explicou rigorosamente nada sobre o que ela via e fazia ou sobre como o fazia. A minha avó só dizia uma coisa. Os mortos estão mortos. Não são para tocar nem para falar com eles, minha menina.

Chegou o momento. Quem tem o problema são os do andar de cima. Dirijo-me às escadas. São umas escadas de madeira e tijoleira torrada. Está lá em cima à minha espera. Expectante e descontente. Sinto um arrepio no cóccix e depois em toda a espinha. Começo pouco a pouco. Tranquila. Enquanto subo os degraus. Como uma mãe. Como uma avó. Às vezes estas coisas nunca tiveram mãe nem avó. Digo-lhe atenciosamente que tem de se ir embora. Que não está na sua casa. Que aquela já não é a sua casa. Que não há problema nenhum. Explico-lhe porque é que já não é a sua casa. Digo-lhe que já não está bem aqui. Tens de te ir embora. Tens de encontrar o caminho. A sua dor e a sua raiva pesam-me no estômago. No fígado. Aproximam-se de mim e espetam-se como uma agulha grossa e oxidada. Zanga-se. Zanga-se muito. Cheio de raiva. Cheio de bílis preta. Tenho todos os pêlos eriçados, como espinhas, como agulhas. E então começa. Desgraçado. Não fala. Não falam. Não percebo nada da conversa. Eu digo palavras para dentro de mim, como um pensamento, mas eles não têm palavras. Só têm todo este mal, todo

este ódio, toda esta água suja.

Eu não me zango. Volto a dizer-lhe que tem de se ir embora. Não precisas de te zangar. Não precisas de perder as estribeiras. Se perderes as estribeiras, é terrível. Se perderes as estribeiras, acontecem coisas más. Ganham. Ferem. A casa não é tua. A casa não é tua. Já não é. Fora. Vai-te embora. Procura o caminho. Este já não é o teu lugar. Aqui já não estás bem.

Às vezes podemos desfazer estas coisas. Algumas são pessoas. E outras não sabemos o que é que são. Há coisas que não se entendem. Não sei para onde é que vão, quando partem. Já não sei se há alguma coisa mais além. Não sei nada. Mas podemos desfazer algumas. Podemos consolá-las como se fossem uma criança. Podemos tranquilizá-las. Podemos contar-lhes aquilo que tivermos para contar. E, com as horas, ouvem-nos. E, com as horas, tornam-se pequenas e dóceis e tranquilas e então vão-se embora.

E outras não se podem desfazer. Há coisas tão grandes a circular por este mundo. Coisas tão más, que a única coisa que se pode fazer é lutar dia e noite para que partam, se escondam e se encolham noutro lugar. Para que saiam do sítio onde se enfiaram e do sítio onde estão a apodrecer, e para que vão fazê-lo noutro lugar.

Entro na divisão que fica em frente das escadas. É um quarto de casal. O chão de madeira gasta. A cama grande, velha, alta, com uma cabeceira dourada onde há uma Nossa Senhora pintada e um Menino Jesus rechonchudo, que já anda, e uma ovelha e um São José. Imagino que devia ser o quarto da Sió. E antes, o quarto da Sió e do Domènec. Agora a Mia não o usa. Cheira a bolsinhas de ervas para a roupa e a líquido para matar caruncho.

Deito-me na cama, é dura e tem uma colcha branca amarelada. Ponho as mãos na barriga e fecho os olhos. Enrosca-se-me por dentro como uma serpente. Não augura nada de bom. Mas digo-lhe o que tenho para dizer. Sem perder o controlo. Severa. Morta de medo. Falo e falo e falo e repito as mesmas coisas. Fora. Fora. Vai-te embora. Vai-te embora.

Mas quando abro os olhos está em cima de mim. Estremecedor. Todo escuro e com dois olhos imensos, brancos e alargados. Não me mexo. Aproxima o seu rosto, que não é um rosto. A boca é como um buraco. Gritaria, mas tenho o grito encravado, como se fosse um osso que enfiei pelo outro buraco. Não me serviria de nada gritar. Não está, digo para mim. Não está. E olha-me impassível. Não está. É uma criança que boceja com esta boca. Uma criança que tem sono com estes olhos. Um monstro. Com este olhar terrível como todos os desastres do mundo. Com olhos frenéticos. Fora. Fora. Vai-te embora. Fora. Esta não é a tua casa. Esta não é a tua casa. Não é a

tua casa. Fora. Fora. Fora.

E vai-se embora.

Saio da cama. Pesam-me tanto os pés, e as pernas e os joelhos. A idade, Neus. Dirijo-me à porta e apoio-me no caixilho. Olho para trás, para a cama. Olho para o armário das escadas, mas ele não está lá. Tão-pouco na casa de banho. Desço as escadas. Na cozinha, nada. Na entrada, nada. No quarto, nada. Concentro-me e ouço. Não está aqui.

Recomponho-me à entrada e saio.

— Queres um café, queres alguma coisa? — pergunta a Mia.

Chuvisca.

— Não — digo-lhe —, estou cansada, vou para casa.

— Obrigada — diz.

— A cadela subia ao andar de cima? — pergunto.

— Não muito.

— Queres que te diga onde é que estava?

— Não — responde sem hesitar.

Assinto com a cabeça. Algumas destas coisas gostam das escadas.

— Adeus, Mia.

Quando a Sió começou a perder o juízo, o meu marido disse que às vezes, para sobreviver, temos de enterrar as recordações, mas que quem sofreu demasiado as enterra sempre demasiado fundo. O Agustí pensa muito na história de todos. Procura o porquê das coisas. Analisa-o. É a sua forma de encontrar paz. Entender os factos, as pessoas. Mas nem todas as coisas se podem entender, meu querido.

Entro no carro. Gotas pequenas como agulhas caem no vidro. Nada de neve, homem do tempo. Despeço-me da Mia com a mão, ela entra em casa e eu saio da eira. Agarro-me com força ao volante e meto a segunda e o banco é macio e é agradável. Cheira a ambientador de pinheiro, aquele que o Agustí compra. O caminho não está asfaltado, e o carro avança aos solavancos. A descida da montanha fica à minha esquerda. E no meio do caminho há um rapaz a passear, com o cabelo escuro e uma bengala. Abrando. Quem é que passeia com este tempo por este caminho?, penso. Quem é? Vai à casa da Mia. É jovem. E então cruzamo-nos. Mas, quando passo ao seu lado, viro a cabeça, para longe dele, para baixo, em direcção à montanha e ao rio. E viro-a de repente, rapidíssimo, e lamento não o cumprimentar, mas não consigo. Estou cansada. Não quero ver todas estas sombras e todas estas coisas tristes que andam agarradas ao seu casaco.

O medo

Podia ser tua mãe, diz. E outro dia diz, não sou tua mãe. Separado pelas coisas que acontecem, entretanto. E dentro de mim fazem sentido todas as coisas que não têm sentido, e deixaram de tê-lo todas as coisas que deviam tê-lo. Porque se me tivesse tido com dezanove anos, ou com dezoito, não sei, mas imagino, podia ser minha mãe. E porque nunca o será, nunca será minha mãe, embora ela o quisesse e eu o quisesse, mas eu não quero e ela não quer. Às vezes ainda sou como antes. E outras vezes como se nunca tivesse sido aquele que era antes. Como se me tivesse saído tudo pelo buraco da cabeça, e só restasse um medo negro e as coisas que tenho à volta do pescoço. E não posso deixar de olhar para a escuridão do olho que já não vê e de ficar tonto, nem de pensar que nunca mais voltarei a ser o que era, nem de pensar que não me mataram, mas que me esmagaram para sempre. Nem de pensar que terei de voltar a morrer e que morrer mete tanto medo, e que gostaria de poder morrer então e de não ter de voltar a fazê-lo. E de não ter de aprender o medo. Porque há coisas que não queremos aprender, que não devíamos aprender, e que sempre aprendemos. E já não se pode fazer nada, não se pode querer nada, nem sentir nada, de tanto medo. Não se pode voltar a ser como se era antes, porque antes não se tinha aprendido o medo. Quando o medo entra em nós, é o fim. E então é preciso tomar comprimidos e é preciso dormir e é preciso voltar a começar um dia atrás do outro.

Quando as pessoas aparecem cá em cima para nos ver, digo-lhes que estamos a fazer um retiro, numa casa de campo, para nos inspirarmos, para escrevermos romances e essas coisas. E os meus amigos riem-se. Os meus amigos, cheios de paciência, porque as pessoas cansam-se logo de esperar que estejamos bem.

Queria falar sobre as coisas boas que encontrámos quando chegámos cá acima e do quão bem nos sentimos com a montanha e com o ar limpo quando levamos um tiro na cabeça.

Era uma vez eu e a Clara, que dormíamos abraçados numa cama. Era uma vez dois homens que entraram em casa. E um tinha uma pistola e arrancou-nos da cama e pôs-nos de joelhos no tapete. E apontava a pistola à minha cabeça e eu baixava a cabeça como um cãozinho, e a Clara gritava e o homem gritava ainda mais por cima

dos seus gritos, porque nos queria assustar, mas já estávamos assustados e, com tantos gritos, e tantos movimentos com a pistola sobre a minha cabeça, disparou e a bala entrou e saiu do meu crânio, e os homens fugiram a correr e a Clara saltou pela janela, que era baixa, à procura de ajuda, e eu fiquei em cima do tapete, porque o apito depois do disparo soava dentro do meu cérebro com muita intensidade, e porque nem sequer me podia mexer, nem deflagrou dentro de mim a faísca da ideia de me mexer.

Mas não era nisto que queria pensar. Queria pensar em quando saí do carro e a casa me pareceu tão bonita, no meio da cumeada, tão escondida que nem sequer se ouvia o barulho dos carros na estrada, tão de história como as histórias que a minha mãe me contava quando era pequeno. Foi a minha mãe que disse que subiríamos à montanha e que encontrou a casa dos Grill, e fez as malas dos dois e meteu-me no carro e chegámos pouco depois. Porque o barulho fora do apartamento de Barcelona, e os carros e todos os edifícios e as esquinas pontiagudas e as linhas rectas e os gritos das pessoas e o riso das pessoas encurralavam-me lá dentro e não queria sair. A angústia crescia como uma esponja quando punha os pés nos passeios, cinzentos e afundados e desprotegidos. E a minha mãe disse, chega, e disse que, se fôssemos para um sítio onde só existissem árvores, ia ter de sair de casa.

Quando acordei, disseram que era um milagre. E vieram todos para os pés da cama e faziam-me todas perguntas e a minha mãe comprava o jornal e mostrava-me as minhas fotografias. E depois, quando saíam todos, eu chorava porque me tinha cansado imenso de vê-los e de dizer-lhes meia dúzia de palavras. O disparo tirou-me a visão de um olho e deixou-me um bocadinho coxo da perna esquerda, que às vezes parece que não é minha. E já está. E os médicos disseram que era uma sorte. O amor também se esvaziou pelo buraco. Talvez, se tivesse amado mais a Clara, teriam disparado à minha cabeça e eu teria acordado e tê-la-ia amado ainda mais. Mas quando acordei eu já não queria amá-la. A Clara chorava aos pés da cama quando eu dizia que já não queria amá-la, e então, quando a mãe dela voltou do café do hospital, foi-se embora. E sei que às vezes liga à minha mãe. E eu desejo-lhe o melhor, mas não quero ter de cuidar dela. Não me estou a referir a protegê-la de homens que entrem em casa. Refiro-me a preocupar-me com ela, a perguntar-lhe como é que correu o dia, a pensar nela e a pensar nas coisas que faremos juntos. Agora quero estar sempre sozinho. Foi por isso que a casa me agradou, porque era uma casa isolada de onde não é possível ver mais nada. Estamos de frente para o vale e para a cumeada, à nossa volta só há floresta e pastos.

O rio passa por baixo dos nossos pés e, se ficarmos em silêncio, ouvimo-lo. A casa tem um relógio de sol na fachada, que não sei ler, porque, pelos vistos, é preciso fazer cálculos. E tem uma varanda pequena e inútil. E dois andares. E uma cozinha toda de madeira, com um tecto tão baixo que o cabelo toca levemente nas vigas. E há uma despensa pequenina e umas janelas pequeninas para que o frio não entre lá dentro, e uma lareira, construída com rocha cinzenta que parece prateada, que acendo sempre, porque é bonito olhar para o lume. E no andar de cima fica a casa de banho e o chão é todo de madeira, que range quando caminhamos nele e quando não, e os sofás e os cadeirões são cor-de-rosa e vermelhos, e os tapetes são vermelhos. A madeira range constantemente e cresce e encolhe e mexe-se, e acho que se os homens entrassem aqui os ouviríamos antes de chegarem aos quartos. No andar de cima também estão a banheira e a retrete, separadas, e o quarto onde a minha mãe dorme e o quarto onde eu durmo, e na divisão dos cadeirões há outra lareira, que quase nunca acendo, para não ter de cuidar de dois lumes.

Eu e a minha mãe damos passeios todos os dias. Começamos no caminho que sai da casa e que tem as ervas altas e depois desviamonos para baixo e apanhamos caminhos de vacas, e às vezes caminhos de pessoas, lá em baixo, com um ziguezague que nos leva até à beira do rio.

Às vezes temos de afastar as silvas e os ramos e as urtigas, e há uma vedação eléctrica para o gado, que tenho de abrir e depois de voltar a fechar. O caminho está todo cheio de bosta. O rio chama-se Ritort, que é um nome bonito, e a água está geladíssima e corre depressa, e eu imagino que é uma língua limpa que vai lambendo todas as pedras. Quando vou com a minha mãe, não lhe lanço pedras, porque ela fica incomodada, e quando vou sozinho lanço pedras durante muito tempo, e estas saltam e fazem ricochete, e consegui um máximo de cinco ricochetes, que é um recorde considerável.

Se em vez de irmos para baixo formos para cima, encontramos os vizinhos mais próximos. Uma casa que se chama Matavaques, mas não fui eu que inventei o nome. O que fiz foi dizer, vamos experimentar este caminho. Um caminho que subia, como os das vacas. Tínhamos de nos agarrar um bocadinho às árvores, de tão íngreme que era. A minha mãe disse, Oriol, porque tinha receio de que não conseguisse por causa da minha perna, mas eu sentia que conseguia e que estava cansado de descer sempre ao rio. E, quando chegámos lá acima, vimos que estávamos atrás de uma casa, na horta. Era preciso pular uma cerca e eu disse, vamos, e a minha mãe

disse, nem pensar, agora que subimos vamos cumprimentar. E eu disse, mas, mãe, isto são as traseiras e se calhar assustam-se. E a minha mãe disse, não, claro que não. A minha mãe diz sempre não, claro que não, e faz aquilo que lhe apetece. Eu disse, mãe, não se pode entrar pelas traseiras de uma casa! E ela disse, então não venhas. Então não venhas!, disse. E foi a primeira a pular a cerca, e ajudou-me a saltar. A mesma mãe que tinha dito, Oriol, no início do caminho. Passámos ao lado da horta e distingui cebolas, alfaces e já está. Saía da horta uma erva grossa e forte e pouco bonita, que se espalhava à volta da casa como se crescesse por vontade própria, e não por ser um jardim. E então apareceu o cão. Era um cão grande com o pêlo comprido, branco, com duas manchas pretas, uma no lombo como uma sela, e outra no focinho, à volta de um olho, como um pirata. Assim que nos viu, aproximou-se a ladrar como um louco, ladrava e ladrava à nossa frente, quieto e com as costas direitas para que não avançássemos. Eu baixei-me um pouco, muito devagar, e deixei a bengala no chão. E então apareceu a mulher e gritou, *Lluna*, chiu!, e o cão ladrou mais duas vezes e calou-se. A mulher aproximou-se e fitou, sem dizer nada, aqueles dois estranhos que saíam da sua horta. Então eu disse, olá, e pedi desculpa, e a minha mãe contou-lhe que tínhamos alugado a casa dos Grill e a mulher disse, ah, e deu uma palmada no lombo do cão. E falaram um pouco sobre aquelas montanhas, sobre a aldeia, sobre as impressões da minha mãe, e a mulher disse que ela era a talhante e a minha mãe disse que um dia íamos comprar-lhe carne, claro que sim, e enquanto falávamos eu fitava a mulher. Tinha uns olhos muito brilhantes. Muito bonitos. Tanto que dava vontade de que olhassem para nós e de que ela nos dissesse coisas, porque não sorria, mas os olhos brilhavam muito, como se sorrissem por dentro. E então o resto da cara era rude, era tosco, e não é que não fosse bonita, é que tinha umas feições como que de mamífero grande, como se fosse um cavalo ou uma vaca, e os olhos eram muito, muito bonitos. E talvez o facto de a cara não ser tão bonita como os olhos os tornasse ainda mais bonitos, e o facto de não ser bonita e de não sorrir e de falar devagar fazia-nos querer que dissesse mais coisas. Era mais nova do que a minha mãe, devia ter cerca de cinquenta anos, pouco mais ou menos. Tinha uma camisola azul de manga curta e os braços arredondados e cheios de sinais. O cabelo tinha exactamente a mesma cor dos olhos. E eu não parava de olhar para ela e quase me assustava quando os seus olhos me fitavam. Então estendeu a mão e disse-nos que se chamava Mia, e a cadela passeava entre as nossas pernas e ela disse, que vos fareje, que vos fareje, assim vai conhecer-vos. E depois convidou-nos para tomar um café e

a minha mãe disse que não, que agradecia muito, que talvez outro dia. E ela disse, sim, outro dia. E a minha mãe voltou a dizer que iríamos ao talho, e perguntou, apontando para as galinhas, se também vendia ovos, e a Mia disse que sim, mas que as galinhas não eram dela. E então fomos embora pelo caminho da frente, porque já não nos atrevemos a meter-nos de novo na sua horta. E enquanto descíamos pelo caminho, que era mais longo e mais transitável do que subir directamente pela montanha, a minha mãe disse que tinha gostado da vizinha e eu disse que eu também.

E fomos ao talho. E afinal também vendia leite e queijos e frutos secos e bolachas e massa e comprámos imensas coisas. O talho cheirava a carne crua muito boa, a hambúrgueres de frango e a *botifarra*, suave e deliciosa. E a minha mãe dizia, meio quilo de carne picada e algumas costeletas de porco, pois vou fazer *fideus a la cassola*, e blá, blá, blá. E eu morria de vergonha. Era como se não quisesse estar ali, com trinta e três anos, a comprar carne picada com a minha mãe. E agradou-me um bocadinho estar a morrer de vergonha. Afastava-me e olhava para a rua através do vidro e então a minha mãe comprava os ovos que não eram das suas galinhas, e agradava-me a vergonha, quente e retorcida por dentro, que não sentia há muito tempo, tal como há muito tempo não sentia nada.

Por isso subi para vê-la mais tarde, pelo caminho da frente. Sozinho. Primeiro pensei em subir sem bengala e depois fiquei com medo de cair. Não disse à minha mãe que ia vê-la, disse-lhe que ia dar um passeio, depois da caminhada que já tínhamos feito juntos nesse dia. E subi até à casa, devagar, porque estava bom tempo e porque o caminho era longo e não me queria cansar e não queria transpirar. Cheguei, vi o cartaz que dizia Matavaques, que não tinha visto no primeiro dia, e gostei do nome daquela casa. E então apareceu a cadela, e aproximou-se de mim a correr e a ladrar e eu pensei em deixar a bengala no chão, mas depois disse, *Lluna*, e ela começou a abanar a cauda e ladrou um bocadinho mais, mas sem olhar para mim, e meteu-se atrás de mim, como que dando-me autorização para entrar na propriedade. Quando cheguei à porta, pensei que se calhar ela não estava em casa, e pensei que talvez devesse deixar-lhe um bilhete, ou se calhar seria estranho deixar-lhe um bilhete, e então bati, com o punho, porque não havia campainha. Quando abriu, não ficou com um ar de surpresa nem com um ar de olá, mas desta vez sorriu um pouco, ou talvez fossem os olhos, que lhe brilhavam como se fossem de vidro, e eu, que queria dizer alguma coisa, alguma coisa na qual tinha pensado durante toda a subida, disse:

— Olá.

E ela respondeu:

— Bom dia.

E, como eu não acrescentava mais nada, adiantou-se:

— Queres entrar?

E entrei e a cadela entrou connosco.

Agora, às vezes, quando estou num sítio novo, toco na cicatriz que tenho por baixo do cabelo. É uma cicatriz como um pássaro. A casa parece grande por fora, mas por dentro é pequena como a nossa. Numa cidade, não teria sido uma mulher atraente. Teria sido uma mulher estranha, ou uma mulher tosca, vá-se lá saber, mas ali, com o cão e os alpendres onde guardava as ferramentas atrás da horta e com as galinhas e as árvores, e o talho, ali, na cozinha, era uma mulher que queríamos que nos conhecesse. E então pensei que devia parar de olhar para ela e de pensar em se era ou não atraente. E de olhar para o seu peito e de olhar para o seu pescoço e para a nuca e de tentar descobrir o que é que queria dela e porquê. Já chega, pára. E depois pensava que há tantos e tantos dias, e meses e tempo, que não tinha vontade de fazer nada, e que não achava nada nem ninguém atraente, que disse então para mim, vai em frente, Oriol, vai em frente.

E sentei-me na cozinha e ela fez café e perguntou:

— E o que é que tu fazes?

E fiquei com medo de que me perguntasse coisas porque não sabia se ia conseguir contar-lhe todas as coisas. E disse-lhe:

— Estou a escrever um romance — que é a piada que lanço aos amigos. E ela assentiu e não disse mais nada, não perguntou de que é que tratava a história que estava a escrever, e olhem que tinha preparado uma boa resposta, e então eu disse: — Estava a brincar. Estou em recuperação — e acenou levemente com a cabeça e acendeu o lume do café e também não perguntou, recuperar-se de quê? Trouxe as chávenas e um tabuleiro de madeira, e eu senti-me bem, e quando me senti bem apareceu o cão para me dizer coisas e eu acariciei-lhe o focinho, e os olhos escuros fitavam-me desinteressados e atentos e perguntei:

— Quantos anos tem?

E disse, sete. E disse que era filha de uma cadela que tinha antes, filha de outra cadela, numa tradição familiar de cadelas. E disse que tinha tido duas ninhadas, de cães vizinhos ou de cães selvagens, e que tinha dado os cachorros as duas vezes, porque não queria cachorros, pois mordem tudo e estragam tudo, mas que agora sim, se voltasse a ficar prenha ficaria com um, uma fêmea, disse, para continuar com a linhagem.

— Vives sozinha? — perguntei, e então disse, sim, vivo sozinha.

E o café ferveu e quando o serviu eu disse, eu vivo com a minha mãe. E rimo-nos um pouco. Não tinha voltado a tomar café desde o acidente, e não me atrevi a dizer nada e tomei-o e pensei que, se naquela noite ficasse angustiado, pelo menos ter-se-ia desencadeado uma coisa boa. E sentou-se e perguntou-me:

— E então? — como se esperasse que eu lhe pedisse alguma coisa.

— Ah, não — disse —, vim só dizer olá.

— Para te relacionares com os vizinhos. — Ria-se de mim. Bebeu um pouco do café.

— Em que dias trabalhas? — perguntei.

— De terça a sábado.

— As pessoas não comprem carne às segundas-feiras — disse, e ela achou graça.

E depois falámos durante muito tempo, e bebemos o café e dissemos muitas coisas. Surgiam umas atrás de outras, e era estranho, porque ela só falava de si própria e da cadela, e não disse mais nada sobre ninguém, e não era possível que não existisse mais ninguém, e eu não lhe comentei nada sobre quem era antes, nem sobre o acidente, e não podia ser, porque tudo aquilo que sou agora se deve ao acidente, e disse-lhe:

— Um dia contar-te-ei de que é que estou a recuperar. — E levantei a chávena de café como se estivesse a fazer um brinde. E depois fui-me embora e a cadela acompanhou-me até meio do caminho.

A partir desse dia, ia vê-la todas as segundas-feiras. Ao final da tarde, porque de manhã eu dava um passeio com a minha mãe, e ela ia fazer uma caminhada com a Cristina, que é uma vizinha amiga sua. Às vezes ia numa tarde qualquer, embora não fosse segunda-feira, mas quando começou a Primavera as segundas-feiras eram como o final da minha semana, como um presente ou uma sobremesa, e às vezes dava-me cerejas ou nêspas ou pêssegos ou amêndoas com o café, e eu não lhe dizia que já não bebia café, que só bebia porque era da casa dela, e porque gostava de a visitar. E aquela visita era a interacção mais humana e mais constante e mais longa e mais tranquila que tinha, à parte da que mantinha com a minha mãe. A Mia tem um equilíbrio como o das brasas, que nos faz estar tranquilos, que nos devolve a vontade de rir, e de beber café, e de que chegue o Verão, ou o Outono, ou o que quer que seja que vai chegar. A sua cara é como uma árvore, com dois olhos como duas joaninhas. E a sua boca, calada, e a paz que respira até que de repente lança alguma coisa ácida, como se tivesse havido o tempo inteiro um fogo lá por dentro que eu não tivesse visto.

E numa tarde tirou a garrafa de *whisky* e disse que hoje íamos tomar *carajillos*. E eu nunca mais tinha voltado a beber *whisky*, e pousei as mãos em cima da mesa e bebemos *carajillos*. O *whisky* abriu uma porta dentro de mim, e disse-lhe, era uma vez eu e a Clara, que dormíamos abraçados numa cama. Era uma vez dois homens que entraram em casa. E um tinha uma pistola e arrancou-nos da cama e pôs-nos de joelhos no tapete. E apontava a pistola à minha cabeça e eu baixava a cabeça como um cãozinho, e a Clara gritava e o homem gritava ainda mais por cima dos seus gritos, porque nos queria assustar, mas já estávamos assustados e, com tantos gritos, e tantos movimentos com a pistola sobre a minha cabeça, disparou e a bala entrou e saiu do meu crânio. E então agarro na mão dela e coloco-a sobre o pássaro que é a cicatriz que tenho por baixo do cabelo. E enquanto toca no pássaro, dou-lhe um beijo, e então diz, podia ser tua mãe. E outro dia dirá, não sou tua mãe. Separado pelas coisas que acontecerão, entretanto. E se me tivesse tido com dezanove anos, ou com dezoito, não sei, mas imagino, teria podido ser minha mãe. Mas nunca será minha mãe, embora ela o quisesse e eu o quisesse, mas eu não quero e ela não quer. Dou-lhe um beijo, um beijo na boca, e ela responde, e abraça-me, e às vezes ainda sou como era antes. E outras vezes como se nunca tivesse sido o que era antes, como se tudo tivesse escapado pelo buraco da cabeça.

A Lluna

Aquilo de que mais gosto é quando assobia. Com os dedos na boca. Porque, então, eu corro. Corro com toda a minha força, e salto, e voo, como um pássaro pequeno, daqueles que temos vontade de apanhar com a boca, porque são bonitos e rápidos, e depois apertar os dentes e sentir como todos os seus ossos se partem. Quando assobia, corro sobre a erva e a cerca e as rochas. Em direcção ao assobio. Voo sobre a erva e a cerca e as rochas em direcção ao assobio, que sai da sua boca, por entre os dedos. E correria e saltaria sobre o carro, se fosse necessário, e sobre a casa, se fosse necessário, e sobre todos os perigos. Passando por cima e por dentro e pelo meio de todos os obstáculos. A toda velocidade, porque se tivesse de salvá-la, salvá-la-ia de tudo o que é mau. Arrancaria o pescoço a qualquer animal que lhe desejasse mal, a qualquer humano que lhe desejasse mal, a qualquer coisa que a deixasse arrepiada, com o coração a palpitar demasiado depressa, a suar o suor do medo. Arrancar-lhes-ia a carne às dentadas, e o sangue sairia aos borbotões, e eu continuaria a morder e a arrancar a carne, com todo o focinho quente do sangue e cravando os dentes cada vez mais. Por isso corro, sem compaixão, para salvá-la, e porque me chamou com um assobio e eu percebi. Porque gosto dela. Porque ao chegar, salvo-a. E às vezes, quando vou ter com ela ofegante, toca-me suavemente na testa, e no lombo, e diz-me que fiz tudo muito bem, e diz-me coisas bonitas que não entendo, mas que entendo. E nessa forma de me tocar está todo o seu amor, e na minha forma de correr para salvá-la está todo o meu amor.

A segunda coisa de que mais gosto são as suas mãos quando me toca. E a terceira coisa de que mais gosto são as crianças. As que sabem andar. As que conhecem todos os jogos e se riem e têm umas mãozinhas que fazem carícias como que de moscas limpas. Também gosto das crianças que pegaram nas nossas cebolas do alpendre e as lançaram todas ao telhado. Até gosto das recém-nascidas, como cogumelos, que quase não me deixam olhar para elas. Todas menos as que me atiram pedras.

Tinha sido ela a colher as cebolas da horta. E secava-as na mesa de fora, todas atadas e prontas para pendurar. E apareceram as crianças. Como uma festa. E riam-se, e eu saltava à volta delas

porque me tinham vindo ver. O menino divertido que tinha a cabeça redonda como uma bola e cheirava a *fuet* pegou na primeira cebola. Como um jogo. E então os outros também pegaram nelas e todos eles as lançaram. E, se me lançavam uma a mim, ia buscá-la e mordida-a, e o sumo da cebola enfiava-se debaixo da minha língua, áspero como a água de uma poça. Atiraram as cebolas lá para cima, lá para cima, e ainda mais lá para cima, porque ela não estava e porque dava vontade de rir. Porque as cebolas eram redondas, e brilhantes e bonitas, e porque ficavam encaixadas no telhado e esmagavam-se contra a parede da casa, e porque era uma travessura e uma transgressão, e porque o jardim ficava todo cheio de cascas como se tivéssemos comido todos ao mesmo tempo, e porque era emocionante fazê-lo e divertido vê-lo. E eu estava tão contente por me terem vindo ver todos os vizinhos, que cheiravam a lanches e a sumos doces para beber, aqueles sobre os quais me diz, não, *Lluna*, tu não podes beber isto, não podes beber. Quando ela não está, os dias são tão compridos como se durassem uma vida inteira. Volta sempre, e eu já aprendi que volta sempre, mas às vezes ainda imagino que não volta, e então fico triste. E choro sozinha. Choro e choro e choro e ninguém me ouve.

Quando as cebolas acabaram, as crianças partiram. E não tive de esperar muito porque ela chegou de seguida, e disse, viva, viva, viva! E eu saltava de alegria e saiu do carro e eu fiz um grande alvoroço entre as suas pernas e então vi que estava muito zangada. Primeiro olhou-me como se fosse tudo culpa minha. E depois viu as cebolas no telhado. As cebolas esmagadas contra a fachada. E não podia ser culpa minha. Passeava entre as cascas e metia as mãos na testa para fazer de viseira e observar para lá das telhas, e ver todas as cebolas que tinham ficado coladas e estragadas, e então eu ouvi-as muito antes de ela as ouvir. As crianças regressavam! Regressavam e desta vez falavam baixinho e estavam tristes. E quando as vi estavam de mãos dadas. Vinham cabisbaixas e já não se riam. Vinham e já não queriam brincar mais, eu queria brincar com todos, com os meninos e com ela ao mesmo tempo. Mas a ocasião requeria mais severidade pela minha parte e sentei-me. As crianças aproximaram-se e ela saiu para recebê-las, e as crianças pediram desculpa, disseram que lamentavam terem estragado as cebolas e que lamentavam, com o rabinho entre as pernas, terem lançado as cebolas ao telhado, e às paredes da casa e ao jardim. E ela respondeu-lhes com a voz das coisas que me diz quando não resisto mais e mordo sapatos ou provo o que deita para o lixo. E fê-las recolher as cascas do jardim. E quando as crianças se foram embora decidimos que estavam perdoadas.

A quarta coisa de que mais gosto é provar tudo. Tenho de ter cuidado, ser silenciosa e esperta quando provo coisas, porque ela diz-me sempre, não, tu razão, tu razão, *Lluna*, e às vezes alguns ossos, e algumas sobras deliciosas, mas melão não, melão não! E o melão é o deleite mais refrescante deste universo, e pão não, pão não! E vinho não, e cerveja não, e pedras não, e cocó não, e eu quero provar tudo, porque tudo tem sabor e todos os sabores são diferentes, e até as coisas que são a mesma coisa têm sempre sabores diferentes, e eu quero tudo, embora ela diga, não, isso não, isso não. Eu quero. Tomam café e dizem aos cães, não, tu não podes beber, mas eu posso beber tudo. Café e licor, e sumo e vinho. Tudo. Hoje veio o homem da bengala e tomam café. E *whisky*. Não, para ti, *Lluna*, não..., dizem e riem-se. E riem-se mais, e quantos mais copos bebem, mais se aproximam um do outro. E ela e o homem juntam as bocas como se bebessem água de uma fonte, como quem tem muita, muita sede e muita fome, e depois levantam-se e já não querem mais café. Quando não olham, provo o café e o licor, silenciosa, sem partir nada, sem fazer barulho, hummmmm... e eu já não sei o que quero, se tomar café, agora que se vão embora, ou se roer a bengala, agora que a deixou sozinha, ou se ir com eles, agora que se metem no quarto. Se provar o café, se roer a bengala ou se... Enfiamo-nos no quarto. E então destapam a pele, que têm sempre tapada com roupa, como se tivessem frio por serem pelados, e depois saem os cheiros, os cheiros que desprendem são excitantes e deixam-me contente, e gosto deles e quero prová-los. São cheiros de humidade, porque é na humidade que estão todos os cheiros. Tiram a roupa depressa. Debaixo dos braços os cheiros são acres e ásperos. Nos sexos os cheiros são fortes e lancinantes e metem-se na língua e no nariz, e gostava de os cheirar mais, e gostava de prová-los antes de acabarem, porque o cheiro dos sexos dá sede e curiosidade e vontade de copular. O cheiro dos rabos é divertido e retorcido, muito mais interessante do que o cheiro dos pés, que é aborrecido e, além disso, é igual ao dos sapatos, e é mais divertido morder os sapatos porque têm forma de rato e podem morder-se, não por cheirarem bem nem saberem bem.

E depois tocam-se com as mãos. Com as mesmas mãos com que me tocam a mim. E acariciam-se, como as carícias que fazem na minha cabeça, mas eles acariciam-se nos peitos, que são avultados como os das vacas e não como os das cadelas ou das gatas, e nos rabos, que são claros, de animal pelado. Acariciam-se com força e com ritmo, como quem procura uma coisa enterrada. E os sexos crescem-lhes e tornam-se-lhes vermelhos e o cheiro que desprendem é ainda melhor e mais húmido. E eu estou contente porque eles

estão contentes, e porque as mãos andam por todo o lado e os sons andam por todo o lado e eu quero que o cheiro se meta por dentro do meu focinho e que fique ali para sempre. Quero que apareça um cão e que nós também copulemos. E dou voltas para vê-los, e ver os sexos, que estão sempre escondidos e que quando não estão escondidos são pequenos e estão calmos e são castanhos. E agora estão inchados e húmidos e vermelhos, e metem-se um dentro do outro, e movem-se, para dentro e para fora, para dentro e para fora, e agora vejo-os e agora desaparecem, e agora vejo-os e agora desaparecem, e abraçam-se pela barriga, não pelas costas, e eu quero meter o focinho mesmo ali, onde fazem a cópula, porque o cheiro é tão bom e o gosto deve ser tão bom, e então ela diz, *Lluna!* A única *Lluna* que está aqui sou eu! E separam-se e o cheiro inunda tudo, e ela levanta-se e agarra-me pelo pescoço e arrasta-me. Eu teria preferido ficar. Lambo-lhe os joelhos pelados e ela puxa-me. E quando estou lá fora sei, sei que vai fechar a porta e fecha-a. No início não saio de trás da porta porque o barulho que fazem é agradável e porque ainda tenho o nariz cheio de cheiro. Mas depois acho que a brisa lá de fora deve ser fresca e imagino os ratinhos entre as ervas, a saírem, porque está uma noite calma e fresca. E imagino os gatos escondidos à espera deles. E, se há gatos escondidos, gatos maliciosos, gatos chatos e feios, gatos asquerosos, é preciso afugentá-los, é preciso persegui-los, é preciso matá-los.

IV

O urso

Sou o urso. Sou o urso. Somos os ursos. Dormíamos um sono muito longo e levantámo-nos. Estamos aqui à procura do que é nosso. Estamos aqui para reclamar o que é nosso. Estamos aqui para vingar o que era nosso e nos tiraram. Bato com as patas no chão. Acordem, homens que nos perseguiram. Abro as minhas fauces, ferozes, e saem grunhidos, roucos e profundos, de animal raivoso. Tremam, homens que nos mataram, que nos esfolaram e que nos expulsaram. Homens e mulheres que depois, presunçosos, calmos, se riram. Riram-se porque eram muito corajosos. Todos juntos. Com essas patas magricelas e brancas que matam à traição. Com essas armas pequenas, inofensivas, que matam à traição. Nós estávamos aqui. Fomos os primeiros. Muito antes dos homens e das mulheres. Chegámos primeiro, e estas montanhas, este frio, este céu, esta floresta e este rio e tudo o que há dentro deles, peixes e folhas, era nosso. Éramos os donos. E depois vocês apareceram. Homens repugnantes que matam o que não comem. Homens que querem tudo, que se apoderam de tudo. Chegaram com as vossas ovelhas cobardes, e com as vossas vacas cobardes, e com os vossos cavalos cobardes. Grunho. E construíram as vilórias no sopé das montanhas e disseram que as montanhas eram vossas, açambarcadores. E que nós éramos forasteiros, forasteiros na nossa própria terra. E não pararam de nos matar. Só os animais cobardes matam o que não comem. Grito ainda com mais força, e vejo a aldeia no fundo do vale. Tremam, animais medricas. Animais gregários. Inimigos. Rebanho cobarde e assassino. Olhem-me mortos de medo do cimo do castelo, vocês, aqueles que se juntaram aqui. Corram de um lado para o outro, bando de medricas. Salto e grito e mando um homem para o chão como se fosse uma ovelha. Agita-se sob o peso do meu corpo imenso, fedorento, sujo e selvagem. Não te vou comer, coisa trémula. Nem que estivesse a morrer de fome e de tristeza. Não te comeria nem que acordasse no Inverno mais longo e não restasse nada para comer neste mundo. Só quero o teu medo. Grita mais alto. Grita. Grita! Rolamos e ouvem-se os disparos. Estou cego de ferocidade. Cego de emoção. Cego de fome depois de tanta sonolência. Cego dos golpes na cabeça, obcecado com a violência. Cego no meu despertar de fera. Vilória maldita, vilória minha. A

fome dos ursos, quando acordarem, engolir-vos-á todos. Engolir-nos-á todos. Tão orgulhosos. Riam-se enquanto podem. Gritem enquanto podem. Os ursos levantar-se-ão na Primavera e será uma Primavera feroz. Uma Primavera ufana e mortífera que reclamará o que é seu, aliada dos ursos, e reconquistará os campos semeados e as pedras colocadas umas em cima das outras. O mato desfará a vossa obra. O verde desfará a vossa obra. As árvores aliadas do tempo, a erva aliada da morte. Claro que sim, o dia chegará. Despeçam-se. Quando os ursos regressarem e reclamarem o que é seu, vão deixar de se rir. Quando este Inverno asqueroso e eterno terminar, e nós, os ursos, não formos o sinal de uma Primavera que vos é propícia, mas sim de uma Primavera que vos escapa. Que vos encurrala e vos expulsa. Já não cantarão. Grito bem alto. Grunho como o animal amaldiçoado que me domina, que me possui até ao fundo das entranhas. Sou o vosso medo que se ergue uma vez por ano. Soam os disparos. Os disparos amigos. Como os aldeões, que são meus amigos. Que seriam meus amigos se eu não fosse o urso. Hoje sou o urso e não tenho compaixão nem pelos velhos. Bebo o sumo das uvas como se fosse mel e bagas tenras. Como se fosse o sangue das trutas e das ovelhas. Como se fosse o medo dos que morrem sob as minhas garras. Quero mais corpos debaixo do meu corpo. Quero coices, e alaridos, e trambolhões, quero ossos e carne, quero gritos e suor e pancadas. É o meu dever de urso. Um urso tem de ser feroz. Um urso tem de meter medo e tem de desempenhar bem a sua tarefa. Enlouquecido de tanto medo e de tanta raiva e de tanta solidão e de tanta humanidade. O urso tem de esquecer aquilo que era antes e o que será depois, e ser apenas um animal, converter-se apenas em urso e sê-lo para sempre. Grito mais alto. Mais alto. Garras ao alto, patas ao alto, braços ao alto. Festa terrível, festa maravilhosa, festa selvagem e maldita, festa de aldeia maldita. Os meus vizinhos. Os meus companheiros. Que me escolheram. Sou o urso graças a todos vocês. Somos os ursos graças a todos vocês. Somos o medo porque vocês o escolheram. Que honra tão grande ser escolhido. Salto e grunho desde o castelo. Homens e mulheres, vocês correm à minha frente. Homens, mulheres e crianças, vocês escondem-se à minha passagem. Os mais pequenos choram. A vilória abre-se como uma boca, e nós reconquistamo-la. Pego no corpo de outro homem e bebo o seu medo. A vilória era nossa antes de ser vilória. Pego no corpo de uma mulher, e sacio a minha sede no seu pânico. Reconquistamos a vilória, como a reconquistará o mato quando chegar o momento. Grito. Reconquistamos a vilória, como reconquistaremos a montanha quando chegar o momento.

Cristina

Passeio com a cara toda preta. Inchada como um peru. Presunçosa como tudo. Orgulhosa, como se fosse uma bandeira de fuligem e óleo de girassol. A brandir o emblema da minha coragem após a batalha. Maldito Jean-Claude e ao mesmo tempo querido Jean-Claude! Jean-Claude de merda! E, ao mesmo tempo, amigo Jean-Claude! Atirou-me ao chão. Apareceu no meio da multidão, entre os seus três caçadores, e lançou-me a bengala duas vezes. Todos cantávamos: Lálá-lálálálá, lá-lá-lálálá! Eu e o Jean-Claude estávamos a dançar. Aqueceu-me o coração, porque nem sempre se lança a bengala às mulheres. E eu digo-lhe sempre, em que ano vamos ter uma ursa mulher? E ele responde-me, isso tem de mudar. Estávamos a dançar, ou fazíamos alguma coisa parecida com isso, aos saltos, como as crianças, a fazer corridas, a grunhir e a lançar a vara comprida de um lado para o outro, toda negra e oleosa. O estômago palpitava na minha boca. Vi os meus filhos de soslaio, assustados entre as pessoas, que não sabiam se expulsar ou salvar a mãe deles. E então o Jean-Claude lançou-se sobre mim gritando como um louco, atirou-me ao chão deixando-se cair ele primeiro, como uma almofada de ossos e sujidade, e arrastou o meu corpo com ele. Os caçadores lançaram três disparos para o ar e nós rolámos uns bons dez ou doze metros pela encosta do castelo. Os meus filhos escondiam-se atrás da Mia e da Alícia, que gravava a queda. Este ano o Jean-Claude faz de urso. E eu fui a primeira a passear durante o tempo inteiro, à frente e sem medo, para me assegurar de que me visse e de que me atirasse para o chão. Já que este ano conheço o urso...

Quando paramos de rolar, o Jean-Claude suja-me a face de negro. Os caçadores chegam e dão-nos vinho dos odres. Põem-lhe mais fuligem e mais óleo de girassol nas mãos e unta os braços, a cara e o pescoço. Levantam-me. É a festa do urso de Prats de Molló. Os caçadores dizem ao Jean-Claude quem deve atacar agora. Estão todos bêbedos que nem uns cachos. Nós também. Não me lembrava do quão primitivo, bonito e divertido e excitante é, tudo ao mesmo tempo. Há muitos anos que não vinha aqui. A Alícia nunca tinha vindo. Por isso fui a primeira a passear, à frente de toda a gente. Para que a Alícia visse como me atiravam ao chão. Para que visse

como a sua mulher é corajosa. A Mia tinha vindo antes com o Jaume. Uma vez há muitos anos. Mas do Jaume não se fala.

Quando o urso se vai embora, as crianças aproximam-se de mim e o Pere diz-me, mãe, estás bem? Dou-lhe um beijinho para manchá-lo de fuligem, mas o óleo seca depressa e já quase não suja. O Pere ri-se e toca na cara. A Júlia também lhe toca no rosto e fita-o, parece-lhe terrível e divertido ao mesmo tempo, como se tivéssemos enlouquecido. Os meus dois filhos lindos. Os meus dois meninos, que me saíram de dentro juntos, primeiro um e depois o outro, como uma gota de água do mar e uma gota de água da montanha. Enrugados e castanhos como dois macacos. A Alícia dizia-me, tornaste-nos mães, tornaste-nos mães! E segurava-lhes as costinhas com as mãos enquanto mamavam, cada um numa mama. O Pere e a Júlia riem-se mais, e tapam a boca um do outro, avançam, e depois recuam porque um dos três ursos corre atrás deles. Agarram-me um momento pela camisola. Como se voltassem a ser pequenos. Que loucos, dizem. Mãe, que louquíssima. Um bocadinho orgulhosos. Que bruta! E eu encho-me do ar fresco e feliz deste meio-dia.

Depois do trambolhão, ao ver os três ursos no chão e ao olhar para as crianças que correm, com este céu tão azul, este ar tão fresco, e este sol tão quente, acho que fizemos bem em regressar. Não foi uma decisão fácil, mas fizemos bem em regressar. Tanto a minha irmã Carla como eu saímos daqui de cima, primeiro ela e depois eu, porque tem mais quatro anos, dezoito acabados de fazer e uma vontade louca de fugir. Estava tão cansada como eu destas montanhas e dos meus pais e destes camponeses e destes vizinhos e destas aldeias pequenas e raquíticas e vazias, sem discotecas, nem museus que não fossem do maldito românico, nem nada. Sufocada por não ter nada para fazer. Com mais caixas do que as que cabiam em casa, cheias de granadas e de balas e de pedaços de fuzil. Um sufoco que leva a caminhar pela montanha. Montanhas amigas. Eu e o Jean-Claude passámos a adolescência assim, a subir e a descer montanhas e a coleccionar pedaços de armas. Porque aos catorze anos, aos quinze, aos dezasseis, aos dezassete só ganhamos vontade de fugir. De sair daqui. De conhecer gente que tenha visto coisas. Coisas a sério. De ver coisas. Enrolaste-te com metade dos rapazes desta aldeia e não se acendeu em ti nem uma faísca. Não te interessa nada do que ninguém te possa oferecer. E este lugar é um fardo, é como se tivéssemos uma vaca no colo. É tudo tão pequenino, tudo tão igual. Eu só queria sair daqui. Só queria uma mota, que, já agora, nunca me compraram. Só queria um carro, e lá vou eu! Sem olhar pelo retrovisor, sempre em frente. Acabamos sempre por voltar às nossas origens. E então um dia, vinte e poucos

anos mais tarde, sentas-te numa mesa com a tua mulher, têm dois gémeos de cinco anos com um olho de cada cor. Os dois. Lindíssimos. Um olho em tons amarelos e um olho que é mais para o verde. E a Alícia diz-te, acho que era capaz de viver na tua aldeia. Esta barcelonesa bonita! E matutas bem sobre isso, e pensas que tu também podias voltar para casa. Que a Cristina, aos dezoito anos, tentaria estrangular-te, mas que tu, aos trinta e nove, conseguirias. E os meus pais têm sempre dito para arranjarmos a casa de cima para nós, e as crianças são pequenas, podem mudar de escola e de ambiente. E tu estás cansada de Barcelona, tão cansada como se pode estar do pequeno apartamento em Sants. Foi bom enquanto durou, mas se calhar está na hora. E então abre uma vaga para a Alícia na escola de Ripoll e já está. Vinte e um anos depois, a Cristina volta a casa com a mulher e os filhos.

A Júlia, que é a mais velha por três minutos de diferença, gosta de história, tal como eu. Desta história que jaz meio enterrada aos nossos pés. Esta menina é como um touro, que não se cansa e não se queixa, embora estejamos a subir e a descer penhascos durante cinco horas. Mas para mim é claro que as granadas e as armas dos que batiam em retirada, que é aquilo de que eu gosto, aquilo que coleccionei toda a vida, não lhe interessam. A Guerra Civil é uma coisa muito aborrecida. Ela gosta é dos assentamentos ibéricos. Ela gosta é das tachas das sandálias romanas. Ela gosta é do canivete celta que encontrámos. Dos antigos, como diz. Dos antigos a sério. E depois há o Pere, que não tem paciência, que quer tudo aqui e agora, mas que nos faz chorar a rir. Que me diz, mãe, quero ir contigo encontrar revólveres. Ou Cris, pois às vezes chama-me Cris, e não sei se gosto ou não. Cris, quero ir contigo procurar revólveres. E eu digo-lhe, os revólveres são difíceis de encontrar, se calhar o que vamos encontrar serão balas ou, no máximo, granadas. É preciso ter muita sorte para encontrar um revólver se formos procurar coisas de dois em dois anos! As caixas enchem-se devido à constância. Antes de se sentarem, os soldados que fugiam já tinham deixado cair quatro balas. E as granadas também, por todo o lado. Os meus olhos de falcão vêem granadas e balas embora não queiram. Não perderam essa capacidade. Apesar de aquela granada parecer mais uma pedra do que as próprias pedras do rio. Mas os revólveres... Ah, os revólveres e as peças de metralhadoras e os fuzis são outra coisa. São como as trufas.

Não me dei conta de que tinha saudades de tudo isto, de que gostava realmente disto. Quando me fui embora, quero dizer. De que essa história de andar pelas florestas e de coleccionar armas oxidadas e balas e granadas, e cintos e garrafas de bolso, e tudo

aquilo que as pessoas tristes e desesperadas que atravessavam estas montanhas chegaram a deitar fora quando perderam a guerra, era apenas uma forma de fugir. Foi assim que conheci o Jean-Claude. Na floresta. Ele tinha uma mota e ia para onde queria. Encontrámo-nos no meio da floresta. Muito jovens. E o Jean-Claude, com toda a sua generosidade, disse-me, olha o que encontrei. Primeiro em francês, depois em catalão. E mostrou-me um revólver pequeno, de bolso. Vermelho de tão oxidado. Lindíssimo. Tão bonito que nem sequer o teria mostrado ao meu pai. Ele tinha um revólver e eu tinha um detector de metais. E acho que o que o conquistou mais foi o detector, e não os meus encantos. E começámos a falar e a falar, e a procurar e a encontrar granadas e balas. O Jean-Claude nunca tinha usado um detector, e eu mostrei-lhe a canção, a canção do detector, que tem um apito e um tom e uma forma de soar para cada metal. No fim do dia ofereceu-me o revólver. Ainda o tenho. Que idiota. Achou que íamos ser namorados. E trocámos alguns beijos e alguns amassos, mas não significou nada. Agora é o padrinho dos meus filhos. Passei alguns anos, dos catorze aos dezoito, sentada na parte de trás da mota do Jean-Claude, sem capacete, aos solavancos, estrada acima e estrada abaixo. A passar a floresta a pente fino como duas cabras e a acumular caixas e mais caixas de plástico da loja que vende pechinchas, cheias de balas e de granadas e de pedaços de armas. E, quando me fui embora, ofereci-lhe o detector de metais. E não sei se chorou porque eu me ia embora ou pela grandiosidade do presente. Por isso, se agora o meu pai diz que quer um *drone*, eu quero comprar-lhe um *drone*. Daqueles que gravam. Diz que o faria descer pela cumeada, até ao rio, e percorrer toda a montanha. E encontraríamos imensos animais e veríamos imensas coisas. Para controlar os terrenos e os caminhos, diz, tentando convencer-me. E o Pere diz-lhe, avô, de certeza que enfiás o *drone* no rio logo no primeiro dia! O meu pai, coitado, pagou metade do meu detector de metais.

Continuamos a descer com a multidão encardida de fuligem. Quando temos de esperar, devido ao engarrafamento de tanta gente a querer entrar na aldeia, a Alícia rodeia-me o pescoço com os braços. Pratiquemos, dizia-me ontem. Cristina, se o urso me atirar para o chão, estrangulo-te, dizia. Eu ria-me. Os miúdos riam-se. Não precisas de ter medo, explicava eu, o urso só atira para o chão quem quer ser atirado para o chão e quem ele conhece. Descemos até ao prado, à beira do rio, que estava cheio de neve. Um palmo e meio. E hoje, no lado de França, quase não resta nada. Eu fazia de urso. Aaaaaggghhhh, gritava, e abraçava-os mortalmente. Agarrava neles com toda a força dos meus braços e deitava-me de costas para o

chão, deixando que caíssem em cima de mim. Riam-se que nem loucos. A adrenalina a latejar nos seus crânios. Aaaaaggghhhh, gritava eu. Aaaaaggghhhh, gritavam eles.

A Mia aproxima-se de mim e diz-me, Cristina, estou aflita para fazer chichi. Eu também! Tenho de fazer chichi. Estou aflitíssima com tanta cerveja. Meninos, vamos fazer chichi? Mas os gémeos não têm vontade. A Alícia também não. Eu e a Mia afastamo-nos das pessoas. Recuamos pelo caminho empedrado na direcção contrária aos ursos. A fila nos bares é interminável. Descemos mais, atravessamos a praça, onde algumas pessoas bebem *pastis* para recuperar as forças. Os castanheiros, a câmara municipal. Antes de atravessarmos a ponte, viramos à esquerda, metemo-nos pela descida que conduz à piscina. Há carros estacionados por todo o lado. Estão tão próximos uns dos outros que parecem uma barreira. Não aguento mais!, exclama a Mia. Metemo-nos atrás de um jipe alto e preto. Tiro um pacote de lenços de papel. Um para mim, um para ela. Baixamos as calças e as cuecas e ficamos de cócoras, e com os rabos branquinhos próximos do chão fazemos um chichi quais duas fontes com pequenos jorros que fazem chiiiiii. A intimidade do momento, e as vozes de fundo, e a cara do dono do jipe, caso nos apanhasse, dava-nos um bocadinho de vontade de rir...

Pouco tempo depois de vir para aqui, perguntei à Mia se queria ir fazer uma caminhada comigo às segundas-feiras de manhã. Gosto de andar pela floresta, mas, curiosamente, gosto mais em companhia. E precisava loucamente de outra amizade cá em cima nesta montanha. Fitou-me como se eu fosse de outro planeta. Para começar a semana com o pé direito, disse. Sabia que não abria o talho às segundas-feiras e eu trabalho de casa e organizo os meus horários como quero. Vamos tentar, respondeu. E tentámo-lo, e agora caminhamos todas as segundas-feiras. Religiosamente. Mesmo que seja segunda-feira de Páscoa. Eu e a Mia não nos conhecíamos muito bem antes de voltar à aldeia. Com tanta profundidade. Conhecíamos-nos por sermos vizinhas. Quando éramos pequenas. Quando era uma criança, e ela uma adolescente, e depois uma jovem mulher. Era muito bonita. De uma beleza da qual não nos apercebíamos se não olhássemos fixamente para ela. Eu queria ser um bocadinho como ela, bonita mas corajosa, com uns braços grossos e sensuais, e queria ter um namorado como o Jaume, que me amasse como eles os dois se amavam. Ou não. Jaume, fora. Gostava da Mia. Gostava dela furiosamente, até antes de me aperceber disso. A Mia tem uma coisa muito sensual. Muito íntima. Algo que nos leva a querer a sua atenção. Ainda agora me agrada, mas já não sexualmente. A Alícia é o meu amor eterno. Infinito. A

mãe dos meus filhos. E a Mia é uma boa amiga. Embora um dia nos possa dizer, de repente, quase agressiva, muito séria, com uma seriedade fria como uma faca: «Não. Não quero que fales do Jaume. Não vale a pena.» E nos deixe assim, com o coração nas mãos, assustados por nos termos metido onde não somos chamados. Com imensas perguntas para fazer. Perguntas sobre o tempo em que se amavam. Sobre a sede de amor que despertaram em mim quando era pequena. Sobre a morte do Hilari. Sobre o paradeiro do Jaume. E sobre se se voltaram a ver. Toda a curiosidade a construir caminhos e caminhos dentro de mim, como o caruncho. A Mia é esperta, escolheu estas montanhas. E não se queixa. Apesar de toda esta história com o Jaume ser uma pena. E a morte do Hilari, uma grande merda. Um desastre. Mais vale não pensar nisso.

Mas a Mia e o Jean-Claude têm muita graça. Quando estão juntos, quero dizer. Quando vão os dois lá a casa, quando jantamos ou ficamos a conversar à mesa calmamente, com *ratafia*, pois a Mia e a Alícia bebem-na como se fosse água, e a Mia pratica francês. Como é que se diz «livro» em francês?, pergunta-lhe. *Livre*, diz o Jean-Claude. Claro, *livre*. Como é que se diz «torneira»? *Robinet*. Que bonito, *robinet*. Não se percebe, mas percebe-se, *robinet*. O Jean-Claude tem uma paciência de santo. E eu insinuo à Mia: «Então, e o Jean-Claude?» Ela mexe as mãos como se afugentasse moscas. Não se passa nada com o Jean-Claude. Há algum tempo que a Mia se encontra com um vizinho jovem. Não me conta nada, mas às vezes cruza-me com ele, às segundas-feiras, quando voltamos da caminhada. É um rapaz estranho. Usa bengala. Muito bonito. Chama-se Oriol. E, se não a víssemos feliz, podíamos fazer-lhe algum comentário. Mas, como a vemos feliz, não comentamos nada.

Contou-me antes de dizer: «Não. Não quero que fales do Jaume. Não vale a pena.» A Mia murmurou: «Chamávamo-vos duendes da floresta e fingíamos que eram mágicas.» E desatámos as duas a rir, porque sabíamos de que é que estava a falar, com um riso infantil e envergonhado. Com o riso da transgressão. «Fingíamos que traziam sorte.» Com o riso das crianças que correm pela fronteira entre o que sabem, o que não sabem e o que intuem. Ela, morta de vergonha, ao dizer que deixavam que olhassem para eles. Eu, morta de vergonha, ao reconhecer que olhávamos para eles. Ela e o Jaume abraçavam-se e beijavam-se e lambiam-se e despiam-se no meio da floresta. E eu e a minha irmã Carla escondíamos-nos e observávamos. E entendíamos e não entendíamos. Mas, para dizer a verdade, entendíamos mais do que parecia. Eram tão bonitos. E tinham a pele tão clara, como um pedaço de mármore. A forma como se mexiam despertava uma emoção que ainda não conseguíamos

situar. Era um jogo. Uma aprendizagem. Uma evolução do jogo de espiar os pais, que passou a ser o jogo de espiar os vizinhos que iam para a floresta enrolar-se. Que vergonha. Mas quem é que nunca fez isto quando era mais novo? Que vergonha. Mas a confissão da espionagem na floresta trouxe uma nova confiança entre mim e a Mia, como se já fôssemos amigas de antes e partilhássemos alguma coisa, uma intimidade. Um afecto firme e calmo e quente, que nem o frio do seu «Chega, não quero que fales do Jaume» abalou. Tudo bem. Então não se fala disso, disse eu. Falemos do Jean-Claude, e ela desatou a rir, dando-me pancadinhas no braço. Falemos do tempo. Falemos dos meus filhos. Falemos da minha mulher. Falemos do clube de escrita que dizemos sempre que queremos organizar e nunca organizamos.

Quando acabamos de fazer chichi atrás do jipe, voltamos lá para cima, em direcção às pessoas, e procuramos a Alícia e as crianças. Estou contente. Um bocadinho bêbeda. Passo-lhe o braço pelos ombros e abano-a. Miaaaa!, grito. Cristinaaaa!, responde. Agora vão chegar os barbeiros, todos de branco, e tosquiarão os ursos.

A dança da aveia [8]

Dou outro gole na cerveja. A Fina não quer que a gente beba no trabalho, mas hoje a Fina não está aqui. E o Quim, que é o outro chefe e é irmão da Fina, está lá fora, pois fuma e manda mensagens toda a noite, e não se mete em nada. E eu bebo, porque, caso contrário, neste café as horas não passam. E a Núria, que está lá fora, ao balcão, bebe, porque se não bebesse as cervejas, teria de rebentá-las na cabeça daqueles que vêm aqui passar o final da tarde. Agora só eu e a Núria é que estamos no café. Eu cozinheiro. Quatro *botifarres* e quatro bifes de porco grelhados e duas costeletas de borrego, e tiro o feijão branco das latas, e quatro tostas mistas e ovos e batatas e saladas, e então limpo. E, quando acabo a limpeza, saio da cozinha e sirvo cervejas, para ajudar a Núria. Antes éramos três. A Núria, eu e o indesejável. O indesejável chamava-se Moi. O Moi era de Sant Hilari. E era escória, pela forma como olhava para a Núria, sempre que ela se virava, e pela sua forma de falar e de pensar. E um dia quase mato a escória e regresso à prisão. E garanto que não queria matá-lo. Eu estava a fritar frango panado congelado, e a escória andava às voltas pela cozinha, embora não tivesse nada para fazer ali, e não parava de meter as mãos dentro de todas as panelas e depois, para cúmulo, naquela boca nojenta. Ele era o responsável pelo café, juntamente com a Núria. Mas com a estupidez de querer meter as mãos em todo o lado, e de estar sempre no meio, como uma hiena para ver o que podia apanhar, e com a mania de nunca se afastar, como se fosse uma pedra, deu-me um encontrão e caiu-me todo o azeite a ferver da frigideira em cima da perna, ainda tenho uma marca. E com a dor e o ardor e a raiva enlouqueci. E pensei, filho da puta, esta vai ser a primeira e a última vez que me queimas, e a última vez que te metes na minha cozinha com essa fronha de rato. E agarrei na pega da frigideira com as duas mãos, e estatelei-a contra a parede da cozinha com todas as minhas forças para lhe pregar um susto de morte. Não lhe queria tocar. Juro que não lhe queria tocar. Queria que apanhasse um susto de morte. E bati com a frigideira contra as suas costas em vez de contra a parede. Com toda a fúria. Com toda a raiva. E caiu no chão. O homem. Como um saco de batatas. Alto e seboso como era. E achei que o tinha matado. E pensei, porra, Deus do céu,

Jaume, o que é que fizeste? E vi um caminho escuro de cadeiras de plástico, e de esquadras cinzentas e do andar feio dos polícias e do andar arrastado dos guardas, e de vidros grossos, e de sujidade pelos cantos, e de tijoleira como que de escola, como que de hospital, mas, se possível, milhões de vezes mais triste. E então mexeu-se. Se lhe tivesse acertado na cabeça ou no pescoço, tê-lo-ia matado. Gritava como uma galinha. Gritava como a hiena que era, como uma mula, gritava e gritava e gritava, estás louco, estás louco, estás passado dos cornos, filho da puta!, dizia, com os olhos fora das órbitas, aterrorizados, pois tinha tanto medo que nem devia sentir a dor. E então, com a frigideira na mão e em cima dele, pensei que devia fazer duas coisas. Recuar e pedir desculpa, e que ele contasse o que se tinha passado à Fina e ao Quim e que fosse o ponto final naquele trabalho, e que me humilhasse, e que tivesse de lhe pedir desculpa todos os dias e para sempre. Ou podia seguir em frente, sem hesitar, continuar, dar mais três passos, porque a verdade é que não o tinha matado e que não se poderia mexer durante uma semana, mas estava vivo, foda-se. E agachei-me, e disse-lhe baixinho na sua orelha de rato: «Da próxima vez que te meteres na minha cozinha, mato-te.» E voltou a dizer, estás louco, estás louco, estás louco. E no dia seguinte despediu-se. E agora só restamos eu e a Núria no café. A Fina aparece de vez em quando para dar ordens e tomar gins tónicos. E o Quim aparece para beber cervejas, para fumar lá fora e para mandar mensagens a mulheres. E estamos bem.

Bebo mais um pouco de cerveja. Os melhores jantares que faço são para mim e para a Núria. Ao contrário de todos os restaurantes do mundo, em que dão aos empregados massa e arroz, como se fossem pombos, para encher barrigas baratas. Não, agora que eu e a Núria jantamos sozinhos, faço jantares melhores do que aqueles pelos quais pagam. Faço-lhe saladas com vinagretas e às vezes compro um *magret* de pato para os dois. Se for preciso, do meu bolso. Ou guardo-lhe o bife mais escuro. E digo-lhe para não fumar tanto, porra, como se fosse mãe dela. Ainda nem sequer tem vinte e cinco anos, que diabo está a fazer a fumar tanto? Aqui todos fumam, como se a proibição de fumar nos cafés e as imagens horríveis dos maços de tabaco nunca tivessem chegado. Até as crianças de treze anos fumam, como se fossem idiotas. Até mesmo dentro do café, quando fechamos, depois das três. Alguns de nós ficamos lá dentro, cerca de quatro ou cinco, ou só eu e a Núria a abastecer frigoríficos, e então fumamos e bebemos. E até eu fumo, mesmo tendo tanto nojo disso. Mas de manhã levanto-me igualmente cedo. Quer tenha ou não bebido e fumado. Vou fazer uma caminhada ou tratar de assuntos pendentes. Porque se não nos

levantamos cedo e caminhamos, estes trabalhos nocturnos apodrecem-nos a alma. É só beber e fumar e ouvir histórias de desgraçados. Que é pior do que estar na prisão. Embora não seja verdade. Embora estas coisas não se devam dizer. Este lugar tem coisas boas. O primeiro e mais importante de todos é o Montseny. O Matagalls, as Agudes, todas as fontes... Em segundo lugar, estão as pessoas, que são boa gente e que estão bem, até os desgraçados que aparecem no café. A Fina sabe-o, sabe que estive na prisão por ter matado, e na maior parte dos sítios isso é suficiente para te rejeitarem, mas aqui não. A terceira coisa é podermos ir para onde queremos, quando queremos, embora depois não o façamos. Escolher quando nos levantamos e quando cagamos e quando comemos. Se não podemos escolher isto, temos mais ou menos uma vida de cão. É por isso que não tenho cães, e na verdade gosto de animais, mas um cão é um prisioneiro do seu dono, que não escolhe nem quando come nem quando caga. E ainda por cima é obrigado a gostar dele. Bebo um pouco mais. Esta montanha não é nada parecida com as da minha terra e ao mesmo tempo é mais parecida do que muitas outras montanhas, porque são da mesma terra. Ah, estava a pensar nas pessoas, as pessoas destas paragens, que são boas pessoas. Viro a *botifarra* do Miquel Gras e dou outro gole. Até a Fina, que não me deixa beber, é uma boa moça que, quando não está demasiado preocupada, até chega a ser divertida, e aqui estou eu, e os anos vão passando e está tudo bem. O Miquel Gras, o desta *botifarra*, bem podia encher a boca de *botifarres* e de feijão branco e de tudo aquilo que lhe caiba, e deixar de dizer as maldades que diz, porque cada vez que abre a boca é só para arranjar uma confusão, só para que todos se zanguem uns com os outros, só para soltar aquilo que não deve dizer, e tudo o que disse daquele outro e tudo o que aquele segundo fez mal. Um homem que arrasta atrás de si uma série de disparates e mal-entendidos, como uma carroça. Mas este Miquel tem dois filhos e duas filhas e um punhado de netos, e teve de vender o carro e de comprar uma furgoneta, e digo para mim que, se toda esta súcia de filhos e filhas e netos o amam, deve ser porque por baixo desta língua negra tem alguma coisa de bom. E tiro a *botifarra* do lume. Hoje a Montserrat também está aqui, e comeu uma sandes de bife de porco com queijo e três pratinhos de azeitonas sozinha. A Montserrat ri-se de todas as piadas, menos das que têm que ver com a sua reforma. Vai-se reformar, não se vai reformar, organizou uma festa há meses para celebrar a reforma, mas ainda trabalha... Quando alguém diz uma piada sobre este assunto, fica enfurecida e vai-se embora sem pagar e logo paga para a próxima, e no dia em que regressa, mesmo se não nos lembrarmos

da piada que dissemos, a sua presença far-se-á notar. E também estão todos aqueles jovens, que não são más pessoas. Alguns mais do que outros. Mas em geral aparecem e conversam e vêem o futebol e bebem cervejas, uma atrás de outra, mas comer, aquilo que consideramos comer, só comem os que vêm do treino e não conseguem evitá-lo, pois estão esganados de fome quando chegam. E querem sempre hambúrgueres. Há um ano morreram alguns miúdos e a aldeia ficou muito afectada. Quando as pessoas começavam a falar disso, pois as pessoas adoram falar de coisas tristes e macabras, eu ia-me embora. Iam todos bêbados num carro, aos solavancos, e saíram da estrada e estatelaram-se e morreram os cinco. E esta aldeia é tão pequena que, se não conhecemos um, conhecemos outro, ou então conhecemos o pai ou a irmã. Eu imagino-os dentro do carro, todos a rir e a fumar, a dizerem piadas com tanto sangue nas veias e tão pouco sofrimento e tanta diversão e tanta vida. E penso na última coisa que diriam antes de o carro dar uma guinada, e então pumba! Um momento de dor, um momento de medo, se houver tempo, e então mais nada.

A Núria entra na cozinha e diz-me:

— Jaume, acorda, despacha-te! — e sorri de uma maneira que não sei o que responder-lhe. — Dois bifes com batatas para a Assumpta e para o Marc, da casa dos Sala.

E respondo-lhe:

— Sim, chefe! — E sinto-me profundamente inútil depois de tê-lo dito. E é engolida pelas cortinas de plástico.

Sou eu que pelo e corto as batatas, e depois deixo-as de molho toda a noite. Tiro os bifes do frigorífico, com o sangue aguçado e vermelho, e antes de pô-los na grelha saio um momento para dizer:

— Passa-me uma cerveja.

Gosto da Núria porque não julga nem se chateia com este tipo de coisas. Pega na cerveja, abre-a e passa-ma, e volta àquilo que estava a fazer. Depois logo virá com as suas piadas agressivas e sacanas, com o seu ar matreiro de raposa, mas não chateia por coisas como beber no trabalho ou conduzir alcoolizado. E agradeço-lhe, e ponho os bifes na grelha. Estes Sala, que pediram os bifes, estão passados dos carros. São uns *hippies* que se retiraram para o Montseny para fumarem brocas e nunca sabemos por onde aparecerão. Às vezes discutem e gritam um com o outro, até parece que vai haver pancadaria, e outras vezes limitam-se a rir e a beber e pegam no carro e vão a Vic ou a Girona sair à noite, com a idade que têm.

E depois há o Genís, com os seus sapatos e as suas meias brancas, é preciso ter cuidado com as cervejas que lhe servimos porque é bom rapaz, mas não podemos deixá-lo beber demasiado.

Tem cerca de quarenta anos, ou mais, não sabemos, pois tem aquele ar de miúdo e aquela boca de miúdo. Os pais são mais velhos, o suficiente para ele ter quarenta anos, mas é como se o Genís tivesse nove ou dez ou no máximo onze. A Núria disse-me um dia que depois da primeira cerveja todas as que lhe serve são sem álcool e que não lhe cobra metade. O Genís vai a pé a todo o lado e encontramos-lo sempre a passear, e às vezes dizemos-lhe, queres boleia? E uns dias aceita e outros não, mesmo que chova. E depois há a Carmeta, que é aquela com quem simpatizo mais. A Carmeta não tem um braço, mas possui toda a alegria e toda a paciência e toda a simpatia, como se ter menos um braço tivesse tornado a sua vida mais fácil em vez de mais difícil. E a Carmeta toma vermute e às vezes aparece com o irmão ou com a irmã, os dois com os seus braços compridos e uma tristeza poeirenta dentro de si. E, quando celebra alguma coisa, pede berbigões. E também estão os outros da fábrica de autocarros, todos gritam como se se tivessem habituado a falar por cima do barulho das máquinas. Estes começam com cervejas e depois passam para o *whisky* e *patxaran* e não param de beber copos. E às vezes aparecem famílias, mas mais cedo, e as crianças dividem uma dose de bife com batatas fritas e os mais velhos comem quase sem falarem. Não aparecem casais jovens. É como se tivessem vergonha de se amar ou vá-se lá saber.

Às onze e meia fecho a cozinha. Gosto do momento de limpar a cozinha, porque a deixo preparada para outro dia, e fica limpa e quando a observamos, lustrosa e brilhante, sentimo-nos bem. Tudo o que sei sobre cozinha aprendi na prisão. E não aprendi mal. Gosto de fazê-lo e sei fazê-lo. Já o dizia o Valentí, que foi quem me ensinou, que cozinhar é como cantar, alguns nascem ensinados, como se fosse um dom, mas com um bocadinho de esforço toda a gente pode aprender. Não sei se é o melhor exemplo. Eu já cozinhalva meia dúzia de coisas para o meu pai quando a minha mãe morreu, mas, com um bocadinho de técnica, com quatro conceitos básicos, podemos fazer maravilhas.

Acabo de limpar, dirijo-me ao balcão e chega o Guifré. Sempre no último momento e sempre sozinho como um eremita, e diz-me que tem uma história de ursos para me contar. E respondo-lhe, ah, sim? Muito bem. Porque alguns daqui, a brincar, chamam-me urso dos Pirenéus. Têm ciúmes de terem uma montanha tão pequenina como um sinal e de que eu tenha toda uma cordilheira. E, com a brincadeira, às vezes não me chamam pelo meu nome, chamam-me urso. E eu gosto que me chamem assim, porque me faz lembrar a minha casa e a Mia. Mas ao mesmo tempo não gosto, porque pensar na minha casa e na Mia magoa como uma picadela na axila.

A história do urso que me conta é a seguinte:

Era uma vez um ferreiro mal-encarado, peludo, robusto e corpulento, como tu, que vivia sozinho, e que estava sempre zangado e a mandar vir, a ponto de até o ferro tremer quando pegava no maço e de os animais nem respirarem quando tinha de ferrá-los. Um dia, chegou à aldeia um vagabundo, descalço e sujo. Aproximou-se da oficina e pediu esmola. O ferreiro, que estava na forja, gritou-lhe:

— Calça-te, alimária, e fora daqui! — vociferou lançando-lhe uma ferradura candente.

O mendigo, sem se mexer, fitou-o e exclamou:

Urso és e urso serás!

A todas as árvores subirás,
mas não ao ácer, pois picar-te-ás,
nem ao abeto, pois escorregarás.

E de seguida o ferreiro converteu-se num urso e fugiu a bramir para a floresta, porque aquele mendigo era Nosso Senhor.

O Guifré conta que todos os ursos são descendentes do ferreiro, e que por isso é que andam direitos como as pessoas e trepam a todas as árvores, menos ao ácer e ao abeto. Rio-me ao ouvi-lo dizer «Nosso Senhor», e sirvo-lhe uma imperial. O resto da noite passa depressa, e a Núria, como pode sair de vez em quando para fumar um cigarro porque eu também atendo ao balcão, está contente. O Quim, o chefe, foi-se embora há algum tempo, por isso matamos a sede e o aborrecimento e a vontade de que a noite termine com cerveja. E, quando já estou inchado de tanto gás, com gins tónicos. Hoje as pessoas estão de bom humor, toda a gente está calma, e bem, e ninguém quer confusão, nem tem queixas, nem manias de bêbado, e todos se vão embora quando chega a hora.

Quando fechamos a porta por dentro e descemos as persianas até meio, a Núria acende um cigarro e deixa-o aceso sobre o cinzeiro do balcão. Vai ao armazém com o carrinho buscar quatro grades de cerveja. Regressa e pega no cigarro e dá uma passa. Coloca as grades de plástico cheias em cima do balcão, e vai para trás deste encher os frigoríficos com o cigarro na boca e o olhar de raposa. De raposa que gosta de brincar antes de matar as presas. Eu vejo logo que hoje tem vontade de farra, e pergunta-me do nada:

— E de onde é que tu saíste, Jaume?

E, enquanto coloco as cadeiras em cima das mesas, respondo:

— De lá de cima, dos Pirenéus. Como os ursos.

Mas isso ela já sabe. Deixa o cigarro e coloca as garrafas no

frigorífico em forma de pirâmide egípcia.

— A minha mãe era uma mulher de água — digo então.

E penso na minha mãe, que falava tão pouco, com aquele seu sorriso tranquilo, luminoso; quando estava contente, alegrávamos muito por a termos feito sorrir, embora faltassem os dentes da frente ao sorriso. A minha mãe, com toda a bondade esbanjada. A minha mãe, que morreu antes do acidente, e quanto me alegro de que tenha morrido antes de tudo aquilo. Aproximo-me do balcão e sento-me, como um cliente. Agora vou varrer, mas primeiro pego no cigarro aceso do cinzeiro, porque já tenho todas as cadeiras para cima. Pergunta:

— Há mulheres de água nos Pirenéus?

— Há mulheres de água em todo o lado.

— Como é que sabes que era uma mulher de água? — Faço um gesto com a mão para que me sirva outro gim tónico e digo-lhe outra verdade:

— Quando o meu pai e a minha mãe casaram, a minha mãe fê-lo prometer que nunca diria em voz alta que ela era uma mulher de água. Mas, quando eu nasci, era tão feio que o meu pai não quis acreditar que eu fosse seu filho, e disse-lhe: «Só podias ser uma mulher de água!» E, pufff, a minha mãe desapareceu e nunca mais voltámos a vê-la.

— Acontece sempre o mesmo com as mulheres de água — sorri.

Serve dois gins tónicos. Fiquei com o cigarro dela e acende outro.

— Sabes o que é que eu acho sobre os homens herméticos e misteriosos que não dizem nada, que não contam nada? — pergunta. — Acho que são vazios como uma casca, e que não têm nada para contar.

Levanto a cabeça e fita-me com uns olhos que sorriem, combativos, capazes de tantas outras coisas melhores do que estar aqui. Uns olhos de raposa aborrecida, aborrecida dos rapazes desta aldeia, e dos carros dos rapazes desta aldeia, e da vista e das perspectivas desta aldeia. E eu, que não tenho nada para lhe oferecer e que não quero que olhe para mim daquela maneira, com a boca um pouco aberta como uma porta, digo-lhe:

— Matei um homem.

Digo-o sem olhar para ela, porque não quero ver como reage. Muda de posição, fuma e espera.

— Matei um rapaz que era meu amigo. Sem querer. Estávamos a caçar e disparei-lhe nas costas. A espingarda disparou sozinha. Lá em cima, na montanha, tão em cima que morreu nos meus braços e demorei horas a trazê-lo para baixo.

Aqui está, um tesouro como um segredo. Uma pequena sacudidela da alma. Uma história que dá que pensar, um episódio para contar aos amigos. Uma verdade como uma fruta podre. Uma cena triste.

Então olho para ela e digo:

— E passei uma temporada na prisão.

Está quieta como uma raposa.

Há coisas que ficam gravadas na nossa alma. Artigo 545.º do Código Penal de 1973. «Pena de prisão menor» significa cinco anos. Pelo menos no meu caso. Três em preventiva e dois de sentença. É a desvantagem de viver ao lado da maldita fronteira com a França. Ninguém acredita que não nos sintamos tentados a dar essa meia dúzia de passos que nos evitam cinco anos enjaulado. E vejo todas as coisas, umas atrás de outras, quase sem dor. A pessoa de quem me lembro menos é do Hilari. Do Hilari a morrer. Do sangue e do cabelo. Quase não me lembro de como o tirei da floresta. Nem da cara dos guardas civis, nem da primeira noite na prisão, nem da segunda. E de repente estou na prisão de Pont Major e aguardo pelo julgamento, e então o julgamento passa e já me estou nas tintas para tudo.

E pergunta:

— Como é que correu na prisão?

Digo-lhe uma coisa qualquer e esboço um sorriso e peço:

— Posso levar uma cerveja?

Quer que fique e que lhe conte mais segredos, e que faça alguma coisa desta noite, porque esta noite será lembrada e será muito melhor do que muitas outras noites, porque esta noite estamos vivos e estamos aqui no café. Um à frente do outro. Mas eu não quero ficar, e não quero pensar na prisão e não quero que me olhem com esta porta aberta, e passa-me uma cerveja e pergunto-lhe se já me posso ir embora, se não se importa de acabar de fechar sozinha. O meu pai morreu no segundo ano. Antes do julgamento. Já chega de remexer na merda. Não nos convém abrir a porta das lembranças porque isso não traz nada de bom.

O carro espera-me às escuras e entro e cheira a casa pequena. Conduzo para o exterior da aldeia em vez de ir para casa, porque a noite está fresca e as curvas acentuadas são a promessa de um certo bem-estar. Por favor, um pouco de bem-estar. Piso no acelerador e faço as curvas como quem dança, como quem foge. A estrada é negra com esta risca como um colar, como uma sanefa que a atravessa toda, como a pele de uma serpente. E a floresta abre-se, amarela e cinzenta, e triangular, à minha frente, como se eu fosse um canivete. O céu está mais claro do que a floresta e a estrada,

porque o céu tem a luz escondida por baixo. Abro as janelas e a noite agradável enfia-se no meu carro. Não há mais nenhum carro na estrada, porque os carros estão a dormir. E a água de ouro desce, rápida, pelo gargalo da garrafa e é um campo de cevada. Um campo de trigo. Um campo de aveia. «Vou cantar-vos a dança da aveia, vou cantar-vos a dança da aveia, quando o meu pai a semeava fazia assim», fazia assim, dava um golpe no peito, e de repente o golpe é fortíssimo. A violência de um corpo a atravessar a trajectória do carro faz um barulho brusco e estremecedor. «Foda-se!» As mãos agarram-se ao volante e dão-me picadelas eléctricas que me magoam, e a cerveja, que escorregou, derrama-se pelo chão. Paro o carro por inércia, e a escuridão, para compensar, está muito silenciosa. Sinto que estou ofegante, porque me assustei, e choraria de medo e porque não quero ver o que matei. À minha frente, a estrada está limpa. As árvores inclinam-se na minha direcção como se olhassem para mim, e eu fico quieto durante um segundo, de costas para a escuridão e para a morte.

Quando saio do carro, vejo que o vulto é de animal. E, quando distingo bem o corço no meio da estrada, rubra, iluminada pelos faróis de trás do carro, grito, meu Deus!, muitas vezes e muito alto, e depois, foda-se!, muitas vezes e muito alto, e quando me baixo ao lado do animal e lhe meto as mãos na testa e entre as orelhas, penso que é o corço. E já sei que não é aquele corço. Mas penso que é o corço que eu e o Hilari não matámos. E a cerveja faz ricochete contra as paredes de todas as minhas veias, e as lembranças, que chegam depois, fazem ricochete contra as paredes da caveira, e pego no animal ao colo, tal como levei o Hilari. Nunca disse à Mia que lamentava. Não aceitei visitas. Não regressei quando me soltaram. Abro as portas de trás do carro e o animal morto pesa mais do que parece, tão leve quando corre, sobre aquelas patinhas tão magras. Tento que não bata com os joelhos ao enfiá-lo pela porta, nem com estas patas que aguentavam toda esta carne. Tenho de ir para o outro lado para meter o animal lá dentro, puxando-o pelo pescoço, que é duro e grosso e musculado e está quente. As duas patas de trás, inertes, escorregam no banco, saem do carro e volto à primeira porta e agarro-o pelos quartos traseiros e levanto-o e empurro-o para dentro, sem sangue, que nem sequer fez. É o corço do Hilari, e nunca disse à Mia que a amava e que lamentava. Como é que alguém me vai perdoar se a Mia não me perdoa? Fecho as portas e sei que todos os animais nocturnos me olham aterrados desde a escuridão, com os olhos semicerrados para que não lhes brilhem.

Às vezes as palavras não saem e nem sequer sai o pensamento. A

única coisa que sai é fazer coisas com as mãos, como rodar as chaves que ainda estão na ignição do carro, que é uma coisa simples, e tirar o travão de mão e pôr a primeira, já que é fácil e mecânico. O corço, como uma criança adormecida na parte de trás do carro. Eu teria gostado de ter filhos. Com a Mia.

A estrada estica-se à minha frente. A garrafa de cerveja vazia faz barulho no chão. O local do acidente parecerá outro de manhã. Vou demorar uma hora e meia. Uma hora e um quarto se for depressa, para que o ar entre com força pela janela e faça barulho e me encha os ouvidos e se misture com o cheiro ácido da floresta e de alimárias, e de medo e de morte e do meu suor e do suor do animal que fermenta, cada vez mais intenso e mais acre e mais assustado. Ligo o rádio para me fazer companhia. E é então, antes de encontrar qualquer frequência, que sinto a sua presença. Profundos, como os solavancos escuros que vão até ao fundo da terra. Sinto-os na nuca, como dois dedos. Sinto-os muito antes de os ver, e muito antes de os entender, e demoro algum tempo a situá-los, e então viro-me e estão ali, os dois, os olhos abertos do corço, como dois poços. Húmidos e negros.

[8] No original, «El ball de la civada», canção tradicional catalã que descreve o trabalho no campo. (*N. dos T.*)

O fantasma

A Lua está redonda e cheia, e a *Lluna* está deitada aos pés da cama, e vamos dormir cedo porque estamos cansadas. Não deixo a *Lluna* dormir lá em cima e, se me acorda de manhã porque está impaciente ou sente um amor desmesurado, zango-me, ou finjo que me zango, para que não volte a fazê-lo.

Metto-me na cama e desejo-lhe boa noite, e não a vejo, mas sei que está deitada com o focinho apoiado nas patas da frente e com um ar resignado. O sono chega depressa.

— Há alguns anos que não estou com ninguém — digo-lhe. Tal como lhe disse na primeira vez. E continua a beijar-me. Eu pensava que me tinha cansado destas coisas para sempre, que a vontade de que outra pessoa me desse prazer tinha acabado, e não sentia a sua falta. Mas agora o desejo despertou, nas profundezas, e aferro-me a ele porque é incipiente e divertido e quero que cresça. O Oriol diz:

— Eu também — como na outra vez. E rio-me, porque não pode ser. E ri-se.

Acaricia, com mãos firmes. De tanto tremer parecia que não seria capaz de agarrar nada com firmeza. A sua boca sabe a álcool, a vinho reduzido que foi usado para cozinhar, e tem lábios, à volta da boca, e os lábios têm vontade de mim e os braços ganham impulso, e achava que pensaria, que pensaria nos gestos, que pensaria em cada uma das coisas que aconteciam à medida que iam acontecendo. Mas não. O sangue e as suas mãos e as minhas mãos correm diante de tudo, mais rápidos, mais profundos, e tiramos a roupa e tocamos-nos, e há muito tempo que não acariciava o pénis de um homem. E então a *Lluna*, que faz sempre o mesmo, lambe-me o joelho com uma língua e um nariz frios e estrangeiros. Levanto-me e metto-a lá fora e regresso depressa para que tudo volte ao seu lugar, e não quero que pare, quero que volte a entrar e que volte a sair, e fito-o e sorrio-lhe e fita-me e entra mais, e esta é a primeira vez, é a primeira vez de muitas que virão depois.

O Oriol nunca é igual. Quando faz amor, é uma coisa silenciosa que sabe fazer carícias. Um homem íntegro e uma boa companhia. Mas às vezes, depois de fazer amor, é um homem dilacerado, que quer falar sobre os ladrões que entraram na sua casa, e sobre o buraco na cabeça, e sobre antes e agora. E eu ouço-o e nunca digo

nada sobre o Hilari, porque está a contar a sua história, e porque a sua história é a única história que quer que ouçam. E porque não quero contar-lhe nada sobre o Hilari. O Hilari é a minha história.

Às vezes, antes de fazer amor, começa a gabar-se, falando de livros e revelando uma atitude fria. Então, eu ponho-me a andar de um lado para o outro e falo pouco, para que pareça que está a conversar com uma pedra, e saio para o jardim ou para a horta e rego as flores e, quando se cansa de fingir coisas que não existem, pego nele e despimo-nos.

Às vezes, quando se vai embora, já que nunca dorme aqui e nunca lho pedi, penso: Mia, o que é que querias? Estavas à espera de quê? Não por ele não ficar para dormir, está tudo bem em relação a isso. Mas sim em geral. É um rapaz jovem e bonito, o que é que está a fazer aqui em cima com a mãe e uma bengala nas mãos, que lhe tremem? E então penso: não estavas à espera de nada, Mia. E não há problema nenhum. E digo-lhe que me venha ver. Porque gosto que me venha ver. E eu nunca vou vê-lo, para que a mãe não pense as coisas que pensa sobre mim à minha frente, quer sejam boas ou más. E porque já sabe onde estou e pode aparecer quando quiser, e não tenho de adivinhar se um dia está com um humor tranquilo e vai ser boa companhia, ou se está num dia em que se fecha como uma noz.

O Hilari era sempre igual. Era como o ar da manhã, bem cedo. Fresco e delicado e cheio de ideias e de vontade e de possibilidades. Mas sempre como o ar da manhã. Nunca como o ar pesado da tarde. Nunca como o ar preguiçoso do meio-dia, o ar azul do entardecer ou o ar escuro da noite. A minha mãe era sempre uma coisa diferente, como o Oriol. Não fazíamos ideia se ia cantar para nós ou dar-nos uma reprimenda. E depois, quando envelheceu, com a doença, não sabíamos se seria uma criança ou uma velha, uma mãe ou uma filha, se nos reconheceria ou se pensaria que éramos a sua tia Carme ou vá-se lá saber quem. O avô Ton era sempre igual. Mas era aborrecido. Aborrecido como as ferramentas que se estragam. Como uma lâmpada realmente fundida, sem um cego que a apague. E o Jaume também era sempre igual. Era um urso-pardo dos Pirenéus. Mas já não restam ursos neste lado.

Quando acabamos de fazer amor, o Oriol diz-me:

— Vou cavar na horta. Vou fazer valas. Vou atar tomateiros.

E eu acho que os tomates da minha horta são sempre verdes e pequenos e feios, e fico durante algum tempo deitada na cama. É agradável não fazer nada, e não dizer nada, e não olhar para nada, depois de fazer amor. Relampeja. A luz branca molha tudo como se fosse uma golfada de leite. Não ouço os trovões. Quando trovejava,

a minha mãe gritava «Domènec!» Como um alarido. Um «Domènec!» por cada trovão. Não pelo raio, que foi o que matou o meu pai, mas sim pelo trovão. E então desatava a chorar e começava a rezar, e mandava-nos ajoelhar-nos e rezar para que não caísse um raio em cima da casa.

Quando se vê um relâmpago, é preciso contar os segundos. Os segundos entre o raio e o trovão. Se forem poucos, isso significa que o raio caiu perto. E é preciso procurar abrigo. Mas nunca debaixo de uma árvore. Nem é preciso correr, pois os raios gostam das correntes de ar. E não nos devemos aproximar dos postes de electricidade, nem das cercas do gado, nem das rochas isoladas, nem das grutas. Não devemos tomar banho no rio em caso de tempestade. E, se estivermos em casa, é melhor fecharmos janelas, e portas e luzes, e não devemos acender nenhum lume, porque os raios gostam dos lumes.

Ouço o Oriol a andar de um lado para o outro lá fora, e saio para lhe fazer companhia. A Lua está por cima da horta, e a *Lluna* está deitada em frente da horta, e ele está de costas a cavar, com a enxada na mão, e acorda as bichas-cadelas e as joaninhas e as lagartixas e os vermes e outros bichinhos que dormem, com os seus golpes metódicos, revolvendo a terra. Digo-lhe:

— Vim fazer-te companhia.

E vira-se. E é o Hilari. E diz-me:

— Ainda bem, Mia.

E eu alegro-me tanto de que já não seja o Oriol e de que agora seja o Hilari, porque o Hilari é melhor companhia do que o Oriol, melhor companhia do que qualquer companhia, e porque sinto a falta do Hilari todos os dias.

E diz-me:

— Traz a mangueira, vamos regar agora, que não está sol.

E trago-lhe a mangueira. E a noite é agradável e eu não quero que acabe.

O Hilari nunca queria estar sozinho, nunca queria fazer nada sozinho. Mia, vens comigo fazer cocó?, dizia-me. Ou, vens comigo buscar lenha? Ou, vamos ver o rio. E eu ia sempre com ele. Era como se tivesse medo de ficar sozinho um bocadinho. Fazes-me companhia, Mia?, dizia. Vigias-me, mãe?, perguntava à Sió. Era como se se fosse evaporar se não olhássemos para ele. Pelo contrário, o Jaume nunca andava acompanhado. Descia uma hora a pé para chegar à escola e depois subia uma hora e meia para regressar a casa. Sozinho. Até que o Hilari o apanhou. O Hilari, que era bondoso com os animais selvagens porque tinha paciência, adoptou-o. Ficou com ele, como se fosse um ratinho pequenino, ou

um furão ou um pardal caído do ninho. E então íamos os três juntos para todo o lado, porque o Jaume nunca se cansava e nunca dizia que não a nada. E não se importava de demorar mais a voltar à sua casa em troca de um pouco de companhia, em troca de um pouco de alguma brincadeira como uma sopa de pão.

No início, o filho dos gigantes incomodava-me. Tão lento e tão devoto. Acontece que apareceu um dia e desde então não parou de aparecer. E às vezes chamava «irmão» ao Hilari. Chamava-lhe «irmão» porque ele não tinha irmãos nem amigos. Como se o Hilari fosse o irmão de toda a gente. Eu não gostava disso. Porque era meu irmão, só meu e de mais ninguém. E a mim chamava-me «M-i-a». Chamava-me Mia marcando muito cada letra, devagar. E eu não gostava disso. Não gostava porque demorava mais tempo do que o Hilari a entender as coisas. E como o Hilari tinha paciência e eu não, eu parecia má. E porque me cansava que nos seguisse sempre e que tivesse pouca coisa a dizer, como se tivéssemos adoptado um cão velho.

Mas então um dia o Jaume contou-nos que o pai era meio homem e meio gigante, e que a mãe era uma gigante inteira. E olhei-o nos olhos e vi que não era um cão velho, que era um urso. Os pais criavam cavalos e ovelhas e faziam queijo, e vendiam-no no mercado, antes de a mãe morrer e de o pai se fechar em casa a comer apenas coisas secas e cristalizadas. Os pais dele eram estranhos. Eram velhos, e faltavam-lhes alguns dentes, e não falavam muito e não sabiam ler, nem nada daquilo que se aprende na escola, e eram esquivos, imagino que estariam cansados de que as pessoas se rissem deles. Viviam lá em cima, muito lá em cima. E as pessoas faziam troça deles, porque eram os dois igualmente altos e robustos, pareciam irmãos, e tinham um sotaque fechado e afrancesado. As pessoas chamavam-lhes os gigantes. E quem lhes chamava gigantes também queria dizer que eram burros, e que tinham casado entre irmãos e que tinham tido um filho burro, e isso era cruel. Mas quando o Jaume disse que os pais eram gigantes, olhei-o e percebi a piada e a inteligência. E de repente, do nada, já não era ele que nos seguia a nós, éramos nós que queríamos estar sempre perto de onde ele estivesse.

Outro dia disse que os pais o tinham feito de neve. E eu gostei muito daquela história. Ele contava que os pais não tinham podido ter filhos. E estavam tristes. E num ano, no final do Outono, quando caiu a primeira nevada, a mãe fez um boneco de neve em frente da porta de casa e depois coseu-lhe roupinha de menino e vestiu-o. Mas, quando anoiteceu, a mãe teve pena de deixar o boneco sozinho lá fora à neve e pegou nele e meteu-o em casa e colocou-o ao lado

da lareira. E, com o calorzinho do lume, desentorpeceu-se e ganhou cor de pessoa e então começou a mexer os olhos e depois os braços e as pernas e converteu-se num menino, e chamaram-lhe Jaume.

E tudo começou muito gradualmente e com muita solidez, como uma ponte de pedra. Como se tudo tivesse de durar para sempre. Como se sempre fosse então. E as tardes eram lânguidas, e o tempo e a floresta eram lânguidos. Eu ajudava no talho e levava o dinheiro dobradinho num papel de jornal e dava-o à minha mãe. O Hilari ajudava o Rei na horta, e trazia feijão e curgetes e tomates e alface frisada e batatas. E o avô Ton já tinha morrido, sem dizer nada, caladinho, caladinho. E o Jaume fazia queijo e cheirava a cabra. E ainda tínhamos tempo para fazer cabanas, e caçar coelhos com armadilhas de laços e brincar a preparar poções mágicas e canelones com ração de gado e de tentar montar vacas ou de fazer lume sem fósforos ou de comer morangos silvestres até ficarmos com dor de barriga.

E às vezes eu e o Jaume dávamos a mão, porque era divertido ter uma mão dentro da nossa. Ou fazíamos massagens um ao outro e cócegas nos braços, pelo prazer de que outra pessoa nos toque. E o Hilari não se zangava. Se não o deixássemos sozinho, o Hilari não se zangava. E nós não tínhamos vergonha de dar a mão à frente dele ou de fazermos tranças e cócegas e, se nos pedia, também as fazíamos a ele. Sabíamos que os que se amam dão beijos na boca, e que dormem abraçados e fazem filhos, mas ainda não tínhamos pressa.

E então eu fiz catorze anos e abandonei a escola e comecei a ir todos os dias para o talho. Disse à minha mãe que, quando o Manel, o dono do talho, se reformasse, como não tinha filhos, lhe compraríamos a loja com o dinheiro que ela guardava por trás de um azulejo, o dinheiro de quando vendemos a casa vazia de Camprodon, a do avô e da tia Carme. E contei isso ao Jaume, e disse-me que venderíamos também os seus queijos. O Hilari disse que venderíamos o gado que tínhamos em casa, e os ovos, e que ele me daria os javalis e as lebres que caçasse, e que se os cozinhassemos podíamos vendê-los assim. E eu disse que concordava, disse que sim, que sim a tudo. E então a minha mãe começou a dizer que eu não devia ir à floresta com os rapazes, porque eles só tinham treze anos e eu já era uma mulher. E eu não queria saber nada dessa história de ser uma mulher. Com o cruel que é ser uma mulher e com as poucas coisas que nos restam quando já somos uma mulher... Mas ia à mesma com eles, vinham buscar-me à tarde, quando saía do talho, e íamos às festas populares, e dar passeios, e caçar, e a todo o lado.

E então fizemos quinze ou dezasseis anos, não sei, e eu e o Jaume ficámos com vontade de dar beijos um ao outro. E às vezes o Hilari cansava-se do nosso barulho húmido, como ele lhe chamava, e voltava para casa para ajudar a mãe. O Hilari ia-se embora e apareciam os duendes da floresta, que murmuravam e se riam baixinho, como uma magia. O Jaume tinha um gosto suave e profundo e salgado, como que de linguiça. E provávamos todos os recantos e todas as formas, e o cheiro dos beijos era um cheiro novo. Levava-me às cavalitas floresta adentro e eu dizia-lhe, estou às cavalitas de um urso, domestiquei o urso dos Pirenéus! E então ele grunhia e corria e deixava-me cair no chão suavemente e passeava por cima de mim a grunhir. Eu ria-me, pela adrenalina e pelas cócegas que me fazia o ar que entrava e saía pelo nariz enquanto me farejava o cabelo e o pescoço e a boca e a barriga, e grunhia e grunhia, e sob os seus grunhidos despertou em nós a vontade de fazer amor.

E amámo-nos todos os anos que vieram depois e, embora passassem muito depressa, foram muitos. Até ao acidente.

E então, no meu sonho, o Hilari diz:

— Mia, conta-me como é que a mãe se perdeu.

E tira a camisola e corta-a em tiras. E eu exclamo:

— Hilari, não esfarrapes a camisola, tenho lençóis velhos lá dentro!

E diz-me:

— É uma camisola velha.

E, com as tiras da camisola, atamos os talos dos tomateiros, verdes e raquíticos, às canas, e explico-lhe:

— A mãe perdeu-se e eu imaginei a floresta a abrir a boca. A mãe com o roupão lilás a meter-se debaixo das árvores como se fosse a boca de um lobo. Seguindo um sendeiro como o tubo de um estômago que conduz ao buraco por onde vão todos aqueles que a montanha come. O pai e tu, Hilari, mas a floresta cuspiu a Sió — deixo escapar um riso —, como se não pudesse mastigá-la, de tão seca que estava, minha querida mãezinha.

E rimo-nos.

— Como quando metias a carne na boca e fazias uma bola e a mãe te passava o bife e o lombo pela trituradora e te fazia pequenas montanhas — continuo. — Como a história que o pai contava à mãe sobre a mulher que não era boa porque não sabia fazer nada, e, depois de casar, o marido a devolveu aos pais, e disse-lhes que quando lhe ensinassem alguma coisa ele voltaria para ir buscá-la. A floresta não quis a mãe. Devolveu-ma para que eu cuidasse dela durante a doença, com a cabeça atafalhada de lembranças dispersas

e desordenadas. E olha que gritámos e que a *Lluna* ladrou e que metade da aldeia foi procurá-la e que vieram carros da polícia e dos bombeiros por uma senhora perdida. E publicámos mensagens no Facebook e notas nos jornais e empapelámos árvores em Molló e em Camprodon e até em Beget e Ripoll com a fotografia do seu cartão de identidade, e nada de nada. A mãe passou duas noites inteiras na floresta, e regressou na manhã do terceiro dia, e disse que tinha dormido com as mulheres de água. Disse que tinha dormido com as mulheres de água! E eu disse, mãe, e ela disse, não me interessa se acreditas em mim ou não, se fosses uma menina acreditarias. E levaram-na para o hospital e foi examinada por médicos e mais médicos e não tinha nem um arranhão. Mas ela não disse nada aos médicos sobre as encantadas. E eu ameacei-a de que, se voltasse a perder-se, a levaria para um lar, mas não foi necessário porque não demorou a morrer.

Ato outro tomateiro e continuo:

— Uma vez a mãe bateu-nos porque lhe dissemos que tínhamos visto mulheres de água. Lembras-te, Hilari? Disse-nos que não devíamos dizer mentiras nem disparates.

O Hilari pega noutra tira da camisola esfarrapada e faz outro laço que abraça o talo do tomateiro a uma cana. Ouve-me com um sorriso concentrado e feliz, com o peito e as costas nus e a cabeça inclinada para um lado, porque o Hilari adora falar de histórias de quando éramos pequenos.

— Lembras-te do sinal que disseste que faríamos se morrêssemos? Se um dos dois ficasse sozinho? — pergunto-lhe. — Eu já não me lembro da recordação das mulheres de água. Imagino-as como as das histórias, bonitas e a lavarem a roupa branca. Mas não vejo a nossa recordação de quando as vimos. Só me lembro de que a mãe nos bateu, e mais nada. E lembro-me de como dizias que sim, que as tínhamos visto, e depois escolheste um sinal, aquele que faríamos quando um de nós morresse. Tinhas muitas ideias e nenhuma delas funcionava. Dizias que apareceria para me cumprimentar como um fantasma. E eu perguntei-te, de noite ou de dia? E tu dizias, se puder de dia e se não puder de noite. E eu acrescentava, de noite, não, Hilari, porque me assustarias. E então propunhas, em sonhos! Mas eu dizia-te, em sonhos pensaríamos que tínhamos sonhado e que o outro não estava lá, como quando sonhas com o pai. E disseste que viríamos em forma de animal, de gamo ou de javali ou de coelho. E eu perguntei, Hilari, e se te caçassem? Então disseste, não, Mia, em forma de animal que não se caça, de gato. E se a *Ruda* te perseguisse? Tratava-se da cadela que tínhamos antes, a avó da *Lluna*. Então em forma de cão, respondeste. E como

é que eu ia sabê-lo?, perguntava-te. Porque seria o cão mais esperto que já tivesses visto na tua vida, e faria coisas que só eu e tu é que sabemos. Dançaria, e abriria portas e faria chichi na cómoda da mãe.

E ri-se contente. E então, com as mãos a cheirar a folhas de tomateiro, volta a contar-me o segredo. O segredo era a sua história de medo preferida. Tinha-o contado ao Rei uma vez. Diz-me:

— Anda, vamos arrancar as ervas daninhas. — E conta: — Antes de nós vivermos aqui, havia um homem cego nesta casa. Mas o homem cego morreu. Então, muitos anos depois, o avô Ton mandou pôr electricidade, mas todas as noites as luzes se apagavam sozinhas. Ao anoitecer, quando acendíamos as lâmpadas, pluf. Como se alguém tocasse no interruptor. Como se alguém passasse por todas as divisões e fosse apagando as luzes. Os homens da electricidade voltaram para ver o que se passava, mas os cabos estavam bem, e os interruptores também estavam bem e estava tudo em ordem. Era um fantasma. Então o Rei disse ao avô Ton: «Ton, lembras-te do Miquel, que era cego?» O Miquel era um tio-avô do avô Ton que tinha morrido há muitos anos. Quando o tio Miquel estava vivo, passeava sempre a tocar nas paredes com as mãos para encontrar o caminho e não chocar com os móveis. Numa noite de tempestade, quando as luzes das divisões da nossa casa se apagaram uma atrás de outra, pluf, pluf, pluf, o avô Ton gritou, forte como um trovão: «Levanta os braços, caraças, tio Miquel, pois estás a desligar-me os interruptores.» E, depois daquele grito, as luzes nunca mais voltaram a apagar-se sozinhas.

E então os faróis entram pela janela e acordam-me.

O sonho fica para trás como uma pele de serpente seca e velha, e ouço um carro lá fora, e o ranger de tudo aquilo que se esmaga sob o peso das rodas.

Quando me sento na cama, a *Lluna* ronca agressivamente. Não me agrada o facto de a *Lluna* roncar. Vou até ao armário da entrada e pego na espingarda, e fico surpreendida com o medo que tenho e por ter ido buscar a espingarda. Calço umas botas, para dar passos fortes, porque andar descalço é como andar de fato de banho. E penso no Hilari, que estava na horta há um momento, dentro do meu sonho. E o sonho e a lembrança do Hilari pesam-me como uma pena. O medo quer que eu acorde. O veículo parou. Saio com um blusão por cima do pijama e a espingarda e as botas. O carro é escuro e não se vê quem está lá dentro. Não sei que horas são, mas a noite está escura como breu, silenciosa. Devem ser quatro ou cinco da manhã. Que raios quererão a esta hora? Isto não me agrada. Dou uma olhadela à horta e não está lá ninguém. O Hilari não está lá. Se

calhar devia ter fingido estar a dormir, como fazem as pessoas a quem roubam. E penso no Oriol e na noite dos ladrões. Os faróis apagam-se. O carro tem a parte da frente amolgada. Abrem a porta e não digo nada porque tenho a língua presa e a *Lluna*, à minha frente, não pára de ladrar e de rosnar e mostra toda a fileira de dentes que chocam quando ladra. E então sai um homem, e o meu coração detém-se um momento, porque reconheço os seus movimentos.

O Jaume sai do carro. Agarro na cadela pelo pescoço, e digo-lhe palavras tranquilizadoras, mas ela não pára de ladrar, e digo, *Lluna*, *Lluna*, chiiiiiu. E a espingarda quase me escorrega. O Jaume fica plantado ao lado do carro como um fantasma, como uma oferenda e, quando me endireito e me aproximo, fita-me sob as pálpebras, com os olhos e o rosto envelhecidos. Envelhecidos não, inchados, e de madeira, e os olhos escondidos sob as pestanas e as sobrancelhas, como se fosse um fogo que queima ou um Sol que se põe. Como se me pudesse verter e tocar-lhe. Dou todos os passos até chegar a ele, e então digo-lhe:

— Queres entrar?

À sua volta, por cima e por trás, está tudo escuro, e eu preciso de me virar para que se me meta um pouco de luz no campo de visão. Ar nos olhos. Olho para a casa para que, por um segundo, pareça que não está lá. Como o Hilari não está na horta.

A cadela segue-me a mim e segue-o a ele. A *Lluna* fareja-o e já não lhe ladra e dá-lhe umas boas-vindas austeras, deixando-o entrar em casa. A cadela apreciará a sua presença porque os animais apreciavam a sua presença, e a *Ruda* queria-o sempre por perto, e os cães herdaram isso no sangue.

Levo-o até à cozinha e senta-se no banco. A cadela enfia-se debaixo da mesa e de repente tenho a sensação de que estou vazia por dentro, sem intestinos, estômago, pulmões, fígado, nada de nada.

Para que o Jaume não desapareça, e para que não nos entre demasiada luz nos olhos, que perderam o sono como se nunca mais o fossem recuperar, e para que não vejamos demasiado os anos e as coisas que nos aconteceram entretanto, nem o pijama nem a roupa suja que ele tem, volto a atizar o lume, mas não acendo nenhuma luz.

E, de repente, o Jaume chora. Chora sentado à mesa, sem gemer. Custa-me ver que as gotas que caem nos seus braços e na madeira são redondas e grossas, e fazem ping, ping. Como uma goteira. A cadela apercebe-se disso, aproxima-se dele e crava-lhe o lombo nos gémeos, e a carícia do animal fá-lo chorar ainda mais. No início,

não quero vê-lo chorar. Era como se ele não devesse fazer isso. Atiço as brasas com o coração vermelho. Mas depois penso que tenho de encará-lo. Chorar é uma coisa boa. E que, afinal de contas, deve-me estas quatro lágrimas. Por isso viro-me e fito-o.

Quando seca o rosto, faço café. Faço café para ter as mãos ocupadas. E para meter um pouco de café quente no corpo. Porque se engolirmos alguma coisa vai correr tudo bem. Abro a cafeteira e meto-lhe água fria e encho-a até ao parafuso. Tiro o pacote do armário e, com uma pequena colher, ponho o café lá dentro, pouco a pouco, ficando bem cheio. Fecho bem porque caso contrário explodiria. Acendo o lume e coloco aí a cafeteira e, quando sopro o fósforo, de costas, digo-lhe que nunca o culpámos, que foi um acidente, e que todos o sabíamos. Digo-lho com crueldade. Os meus olhos não choram nem têm lágrimas, e digo, perdi os dois ao mesmo tempo. Tu e o Hilari. Como uma recriminação. Como um empurrão. Como um murro tão forte como o mais forte que lhe pudesse ter dado. Com o punho fechado. Com a mão aberta e plana. Com os dois punhos ao mesmo tempo. E preparo as chávenas.

No início, depois da morte do Hilari, quando imaginava que o Jaume voltaria desfeito, recebia-o com ternura. Abraçávamo-nos e chorávamos, e eu não precisava de lhe dizer que o perdoava porque já sabia, através do meu corpo, que o perdoava. Então, quando os meses passavam e eu solicitava autorização para ir vê-lo, mas me negava, e quando o pai dele vivia sozinho lá em cima, na casa, e eu ia vê-lo e a casa estava a cair aos bocados, e quando o homem morreu sozinho e o Jaume saiu passado um tempo, mas não voltou, e a minha dor e o facto de não entender nada se converteram em crosta e porcaria terrível que demorei anos a limpar. Então, se imaginasse que aparecia ou que passava por aqui ou que nos cruzávamos lá em cima, na aldeia, olhava-o com crueldade, zangada, cínica e venenosa, cheia de todas as raivas e das dores misturadas.

Preparo o açúcar e as colheres. Quando o café ferve, sirvo-o nas chávenas. Coloco uma perto das suas mãos e tenho um pouco de medo de me sentar à sua frente, mas faço-o mesmo assim. Ele mexe a cabeça como agradecendo-me e põe os dedos no vapor quente que sai da chávena grande, de leite. Fico desesperada. Fico desesperada por ele estar aqui sem dizer nada. Por não falar, como um cão velho. Pelo facto de esperar que seja eu a dizer alguma coisa, de que seja eu a arrancar as palavras como se fossem dentes. E, então, pergunto:

— Porque é que vieste?

E responde:

— Atropelei um corço.

Tem a mesma voz. E fito-o e levanta o olhar, e os nossos olhos encontram-se. A mesma voz. Os meus olhos enchem-se de sangue quente porque tem a mesma voz. E, como se tivesse aberto uma torneira, continua:

— Como o do Hilari.

E é bonito ouvi-lo dizer o seu nome. Hilari, Hilari, Hilari, Hilari, Hilari, Hilari, Hilari. Os seus olhos como uma picadela.

— Onde é que está agora o corço? — pergunto.

— No carro — diz.

E não quero. E quero. E levanto-me. Gostava de ficar e de dizer mais coisas. E de que ele dissesse mais coisas, muito mais coisas. Mas levanto-me. Vou de novo até à entrada e digo para mim mesma que há coisas importantes a fazer, coisas necessárias. Pego na espingarda da mesa da entrada e saio. A noite está agradável e desço as escadas pouco a pouco para não fazer barulho. A cadela vem atrás de mim. Quando me aproximo, o carro parece um barco encalhado, uma casa abandonada. Com a porta que o Jaume deixou aberta como uma orelha partida. Com a parte da frente destruída após uma batalha. Aproximo-me silenciosamente. Os vidros olham-me, negros como água negra. Aproximo-me da pequena porta aberta e lá dentro está tudo escuro, e não vejo bem os bancos, e cravo os olhos no breu e nada se move. Tenho a espingarda preparada na mão direita, mas dentro do carro não há nada. Baixo a cabeça e ponho as mãos no tapete, e nada. Apenas um cheiro ácido e forte e fedorento de animal selvagem e de cerveja e de sangue e de mais alguma coisa áspera.

Ouç o Jaume a aproximar-se vindo da casa. Continuo a passar as mãos pelo chão do carro e sinto humidade e então tiro-as e não vejo de que cor é e esfrego-as à perna e o Jaume, que já está ao meu lado, diz:

— Lamento.

Eu sei que lamentas, mas não digo nada porque é bom que o sintas. Porque tens de lamentar algumas coisas.

— Tens uma lista de coisas que lamentas? — pergunto.

Sorri um pouco, como se sorrir magoasse. E depois:

— Lamento o acidente — diz. — Lamento que o Hilari tenha morrido por minha causa. Lamento ter tido demasiado medo para te vir dizer que lamentava. Lamento não ter querido que me visses daquela maneira. Lamento ter partido e não ter regressado e não te ter dito que te amava, nem que te queria, nem nada. Lamento não me ter atrevido a isso.

Então fico furiosa. Respondo, com a espingarda na mão, zangada

como uma montanha:

— Lamento que não tenhas voltado e lamento ter desejado sempre que voltasses. E lamento que o Hilari tenha morrido por tua causa e que isso acabasse com tudo. E lamento perdoar-te quando te perdoo. E lamento não te perdoar quando não te perdoo. E lamento que às vezes não baste senti-lo, tal como às vezes não baste amar alguém.

E então vou para casa. Vou deixar a espingarda no armário. Gostava de ir buscar o corço. De que não amanhecesse. De que a Lua redonda ficasse a viver no jardim, como uma gata. De que o Jaume ficasse a viver no jardim, como uma gata. De que pudéssemos tentar dizer tudo muitas vezes. As chávenas, tristíssimas, ainda estão na mesa da cozinha, às escuras, e a cadela vai para o quarto porque já está na hora de dormir. Porque estávamos a dormir e acordaram-nos e agora parece que esta noite nunca mais acaba. Mas eu não quero ir dormir. Não quero que o Jaume se vá embora. Com tudo o que há por dizer...

Volto lá para fora com as mãos vazias e fecho a porta da entrada. Sento-me no segundo degrau, em frente da casa, sob o céu aberto e sob a noite escura e sob a Lua redonda. Faço um sinal com a cabeça para que o Jaume venha, porque ainda está perto do carro. Aproxima-se e senta-se ao meu lado e, entre o seu cheiro a cerveja e a suor, chega-me uma baforada terrível, pois está repleta de lembranças. Quero que vamos buscar o corço. Quero que o vamos buscar amanhã quando amanheça e que não o encontremos. Quero que tenha corrido toda a noite. Que esteja a correr agora mesmo. Que se esconda e que tenhamos de passar anos à sua procura.

Estendo-lhe a palma da mão para que ponha a sua mão imensa em cima da minha. Com tanta suavidade que as pontas dos dedos quase não se tocam.

— Quero que me contes tudo — digo. — Começando pelo Hilari e pelo acidente, e depois tudo o resto, e a prisão. E o que estás a fazer agora. E, se não mo quiseses contar, ou se não souberes como contá-lo, quero que te vás embora.

Assente com a cabeça.

— Depois, eu quero contar-te tudo — continuo.

Tudo. E, quando terminarmos, veremos quem somos.

— Comprei o talho — digo de repente, adiantando-me, deixo escapar. E aperta-me a mão que lhe estendi, como se a abraçasse com a sua garra imensa.

— Achava que se viesse não me ias querer ver — responde. — Imaginava os teus filhos, mas não conseguia ver as suas caras. Estás bem aqui fora?

Há palavras que não se podem dizer dentro das casas.

— Como é que podes perdoar-me os últimos vinte e cinco anos?
— pergunta de repente.

Não respondo e não o fito, mas sei com que cara fica. Fica com cara de dor e com cara de resignação e com cara de maldade e com cara de cão molhado e olho-o de soslaio, rapidamente, e está com a cara que eu imaginava. Dirijo os olhos às árvores que estão em frente da casa.

— Como é que podes perdoar-me?

Alguns pássaros cantam ao amanhecer, mas ainda é noite cerrada. Chiiiu, penso. Ele cala-se e concentra-se na escuridão, mais além, nas folhas e nos ramos, como as fauces de um lobo, como as fauces de um cão.

E agora dirá algumas coisas. As que se podem dizer de enfiada, como uma corda. Aquelas de que se lembra, as que se acendem como *very lights* quando temos de dizê-las e podemos dizê-las. As que têm de se arrancar como se fossem cebolas. As que têm de se dizer baixinho e as que têm de se dizer pouco a pouco. As que queimam. As que têm de se dizer a olhar para as árvores, e as que têm de se dizer a olhar para a erva e as que têm de se dizer a olhar para as nossas próprias mãos, uma em cima da outra, e depois a olhar para mim. Eu ouvirei. Depois direi algumas coisas. O que conseguir. E depois o dia nascerá. Primeiro em tom de cinzento, depois de azul e depois de amarelo.

Nota da autora

Descobri muitas das lendas que aparecem no livro pela primeira vez em *Muntanyes maleïdes*, de Pep Coll.

Para escrever «O nome das mulheres», li sobre bruxas e julgamentos por bruxaria em *Orígens i evolució de la cacera de bruixes a Catalunya (segles xv-xvi)*, de Pau Castell Granados, e também em *Un judici de bruixes a la Catalunya del Barroc: l'Esquirol 1619-1621*, de Jaume Crosas.

A personagem de Eva, a menina republicana, está inspirada na menina da fotografia da família Gracia Bamala, que, com o título «Le cheminement douloureux», foi publicada pela primeira vez a 18 de Fevereiro de 1939 na revista francesa *L'Illustration*, como parte de uma reportagem sobre o exílio republicano intitulada «La tragédie espagnole, sur la frontière des Pyrénées», cuja autoria não está clara. Gostaria de citar também a memória escrita do documentário *Ni perdono, ni oblido*, de Joan Giralt Filella, que também me serviu para construir a história desta personagem.

E, para terminar, o capítulo «O urso» não seria o mesmo se o Joan-Lluís Lluís não tivesse escrito *El dia de l'ós*. E «A colisão» não seria o que é se o Mikel Aboitiz não tivesse escrito o conto «Fundación mítica de Islandia» para o projecto *Notes on a Novel (That I Am Not Going to Write) or The Swimming Pool, or the Hair, the Herb and the Bread or the Tomato Plant*.

Agradecimentos

O meu agradecimento infinito a Oscar, à minha mãe e ao meu pai, a Marta Garolera, a Lluís Calvo, a Irene Jaular, a Lluís Bassaganya, a Pol Ordeig, a Xavier Castellana, a Alexandra Laudo, a Jan Ferrarons e a Mikel Aboitiz.

Sobre este livro

**Vencedor do Prémio da União Europeia para a Literatura e do
Prémio Anagrama de Romance
Finalista do National Book Critics Circle**



As altas montanhas dos Pirenéus catalães são uma terra de fronteira, assombrada pela memória dos séculos e das gerações passadas. A sua sabedoria escapa à compreensão humana e é eterna, ao contrário do amor, da guerra ou da dor. Uns dizem que essas montanhas são fonte de vida. Outros, que a cada dez anos morre alguém fulminado por um raio no meio dos penhascos. É essa a tragédia que se abate sobre Domènec de Matavaques, o camponês poeta. Pouco depois desse acontecimento, rodeiam o seu corpo inerte os fantasmas de quatro bruxas. Em casa, no sopé da montanha, Sió, agora jovem viúva, vê-se obrigada a cuidar sozinha de duas crianças e de um velho sogro...

Em *Eu Canto e a Montanha Dança*, um dos romances mais

surpreendentes e de maior sucesso da literatura catalã contemporânea, Irene Solà faz nascer, para lá do tempo e da história, um mundo poético e mítico, de uma beleza tão selvagem quanto visceral; um mundo cantado a várias vozes, por vários protagonistas — mulheres e homens, animais, espíritos ou nuvens — que, além do drama humano, anunciam e celebram o imutável ciclo da vida.

«O que triunfa em toda a história é a alegria de narrar.»

El País

«Uma exibição literária avassaladora.»

La Vanguardia

Sobre Irene Solà

Irene Solà (Malla, 1990) é uma escritora, poeta e artista plástica catalã. Estreou-se, em 2012, com o livro de poesia *Bestià*, vencedor do Premio Amadeu Oller, ao qual se seguiu, em 2017, o romance *Els dics*, vencedor do Premio Documenta.

Eu Canto e a Montanha Dança é o seu segundo romance, traduzido em mais de vinte línguas, e distinguido com inúmeros prémios, entre os quais o Prémio da União Europeia para a Literatura, o Premio Cálamo Otra Mirada, o Prémio Anagrama de Romance ou o Premio de Narrativa Maria Àngels Anglada.